



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
Campus de Marília**

FRANZ ARNALDO CEZARINHO

**NO LIXO – CORPOS, RESSIGNIFICAÇÕES E PRODUÇÃO DE SABERES DE
CATADORES E CATADORAS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO**

Marília - SP, 2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
Campus de Marília



**NO LIXO – CORPOS, RESSIGNIFICAÇÕES E PRODUÇÃO DE SABERES DE
CATADORES E CATADORAS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP/Marília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, orientado pela prof^a Larissa Pelúcio e coorientado pelo prof. Elizardo Scarpatti.

Marília - SP, 2017

Cezarinho, Franz Arnaldo.

C425n No lixo – corpos, ressignificações e produção de saberes de catadores e catadoras em Santo Amaro da Purificação / Franz Arnaldo Cezarinho. – Marília, 2017.
138 f. ; 30 cm.

Orientadora: Larissa Maués Pelúcio Silva.

Co-orientador: Elizardo Scarpatti Costa

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2017.

Bibliografia: f. 128-135

1. Catadores de materiais recicláveis. 2. Coleta seletiva de lixo - Bahia. 3. Trabalho – Aspectos sociais. I. Título.

CDD 306.36

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS CAMPUS-MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FRANZ ARNALDO CEZARINHO

**NO LIXO – CORPOS, RESSIGNIFICAÇÕES E PRODUÇÃO DE SABERES DE
CATADORES E CATADORAS EM SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP/Marília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, orientado pela prof^a Larissa Pelúcio e co-orientado pelo prof. Elizardo Scarpatti.

Aprovado em 15/03/2017

Prof^a Dr^a. Larissa Maués Pelúcio (UNESP)

Prof. Dr. Edemir de Carvalho (UNESP)

Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros sentimentos de gratidão se dirigem àqueles e àquelas que no início da minha caminhada não titubearam em me ajudar financeiramente, pois sabiam das dificuldades enfrentadas ao deixar Cruz das Almas e seguir para Marília. Por isso, muito obrigado Cristiane Oliveira; Marivaldo Silveira; Valdenice Santos (madrinha); Flaviana Alves (avó); Cássia Maria, minha mãe; Filipe Arnaldo, meu irmão e José Filho, meu padrasto. Eu não tenho dúvidas de que vocês minimizaram os problemas. Agradeço também a Pró-Reitoria de Pós-Graduação - PROPG que financiou incursão a campo em abril de 2015 e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação pela qual fui bolsista durante dois quintos do período de mestrado.

À família Silveira quero dizer que sou grato e afirmar que tenho enorme carinho por todos e todas vocês. Sou feliz por ter vivido sete anos de minha vida neste seio familiar. Kleiton com sua força e perseverança; Marivaldo e a honestidade inerente ao seu ser; Fátima com sua fé inabalável e Deyse Maria com todo amor que possui no coração. Cada pedacinho de vocês também se faz presente em mim. Deyse, obrigado por tudo. Tu sabes do que estou a dizer.

A Lays Matias & Patrícia Corrêa, fico imensamente grato pela parceria, por ter me hospedado durante momentos pontuais, pelo respeito e amor que construímos. Hoje tenho certeza que somos companheiros para a vida. Marília foi a terra onde processos de desconstruções foram efetivados por meio da cumplicidade, do carinho e de muito amor. Os/as cúmplices, além de Lays e Patrícia, foram Carlos Eduardo que convivi durante exatos sete meses nos tornando amigos fiéis; Késia Maria, meu porto seguro; Rafaela Suiro, Rafael Simonetti e Wahuane Maraiva. Tenho muito amor por todos/as vocês. Zuleica Câmara, também a amo. Teu cuidado eu nunca esqueci. Ademais, Tiago Bispo, Camila Rodrigues, Michele Carlesso, e Marília Rovaron sintam-se abraçados/as.

Não posso deixar de agradecer aos meus e às minhas colaboradores/as de pesquisa, catadores e catadoras de lixo que me fizeram

entender tanta coisa sobre a vida. Depois de conhecer seus problemas pude refletir sobre o meu lugar no mundo e a responsabilidade que esta pesquisa carrega. Não posso citar seus nomes verdadeiros, mas digo com toda a certeza, sem vocês essa dissertação não existiria.

Cito agora alguns membros da minha família que participaram diretamente deste processo, são eles/as: Cássia Maria, Filipe Arnaldo, José Filho, Cinthia Coelho, Elisangela Coelho, Nilton Coelho pai e filho, Adjanir Cezarinho, João Ítalo Arnaldo (tio), João Ítalo Arnaldo Junior, Fátima Araújo, Carina Souza, Valdenice Santos, Ivanildes Maria Arnaldo, muito obrigado.

Larissa Pelúcio, agradecido por ter me orientado. Você não sabe como aprendi sendo seu orientando. Quando professor me tornar, minhas aulas terão muito de ti. Sabemos que nossa parceria foi inesperada, no entanto, deu muito certo. Quero também agradecer ao Elizardo Scarpati que confia demais em mim.

Algumas pessoas importantes não podem faltar aqui, como Gleidson Oliveira, Moema Rocha, Elba Caroline, Natália Verena, Raimundo Conceição, Dinalva Pereira, Érica Conceição, Ana Paulla Almeida, Luciana Lordelo, Camila Borges e Marcelise Assis. À Larissa Fontana da seção de Pós-Graduação explico minha gratidão pelo suporte extremamente necessário.

Para finalizar, deixei por último Raimundo Otonilson Silva Santos, já que este agradecimento é primordial. Lembro-me da tua promessa de ir assistir minha defesa porque a da tese de Luciana, sua esposa e companheira, era algo inviável por ser em outro país. Infelizmente o tempo muda as coisas, certezas e incertezas se separam por uma linha tênue tornando tudo mais difícil. Obrigado por sempre se importar comigo e acreditar em tudo que faço. O que tenho para te dizer, meu pai, é que na hora da minha defesa os meus olhos serão os teus olhos, a minha força será a tua resiliência e a minha conquista será a vontade de viver. Assim que regressar irei te ver.

Resumo:

Pretende-se analisar e discutir como se constroem os saberes de catadores e catadoras em relação direta com o lixo estabelecido no contexto do lixão da cidade de Santo Amaro, na Bahia. O lixo, como elemento fundamental nesta empreitada passa por um processo de recodificação por parte dos/as catadores/as que o vivencia cotidianamente, produzindo, com isso, outras narrativas, saberes e elementos de identificação. Doravante, surgem tensões sobre as noções que separam sujo/limpo, novo/velho, sagrado/profano, atrasado/moderno, permitindo ir além do sistema de representação binário. Marcadores racial, geracional, de classe, gênero, físico-geográfico acionam-se neste emaranhado de relações. Cada um com suas especificidades contribuem para diferentes entendimentos sobre o trabalho da catação e do lixo. A análise é feita sobre os seus saberes para que, através destes, enfrentemos preconceitos sobre a atividade da catação, visualizemos novas perspectivas de lidar com o lixo e fomentar políticas públicas a partir do contexto brasileiro, de maneira horizontalizada.

Palavras-chave: Catadores/as; lixão; saberes.

Abstract:

I intend to analyses and discuss how build the garbage collectors knowledge in relation with the waste at the dump context in Santo Amaro city, in Bahia. The garbage, as necessary element goes to a process of recoding for collectors that experience daily, producing, with this, new narratives and a belonging identity. Want to intend the cognitions that separate clean/dirty, new/old, sacred/profane, allowing being beyond of the binary representation system. Social marks of difference like race, gender, class and generation are essentials to comprehension the relations. Each one with their specific contributes to distinguish understandings about garbage and the live in the dump. The analyses is done about collectors knowledge to break prejudices about the activity of scavenging, visualizing in this form new possibilities for dealing with waste and promote public policies from the Brazilian context of horizontalized way.

Keywords: Collectors garbage; dump; knowledge.

PRINCIPAIS SIGLAS MENCIONADAS

CBO – CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES

COBRAC – COMPANHIA BRASILEIRA DE CHUMBO

COELBA – COMPANHIA DE ELETRICIDADE DO ESTADO DA BAHIA

CONDER – COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO DO ESTADO DA BAHIA

EPAL – ENGENHEIROS ASSOCIADOS LTDA

EMBASA – EMPRESA BAIANA DE ÁGUAS E SANEAMENTO S. A.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

MNCR – MOVIMENTO NACIONAL DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

PET – POLIETILENO TEREFTALATO

SPC – SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO

UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

NUMERAÇÃO DAS IMAGENS E TABELAS

Foto 1 – O tanque.....	41
Foto 2 - Catadores e catadoras esperando o caminhão de lixo.....	90
Foto 3 - Catadores e catadoras no momento da atividade de coleta do lixo..	92
Foto 4 - Vasilha com pedaços de frango.....	95
Foto 5 - Espécie de cozinha do barraco.....	96
Foto 6 - Catador conversando, crianças brincando e uma catadora dormindo.....	99
Foto 7 - Dois catadores posam para foto sobre materiais orgânicos e não orgânicos.....	100
Foto 8 - Catador posando para foto sobre garrafas PET.....	100
Frame 01 - Árvore genealógica mapeando as relações de parentesco existentes dentro do lixão	108
Foto 9 - Lure pesando a quantidade de lixo na balança.....	121
Foto 10 - Lure e um comprador/atravessador medindo o peso do material.	122
Tabela 01: Tabela de materiais vendidos e seus preços.....	123

SUMÁRIO

PRELÚDIO.....	11
Definições introdutórias.....	13
Santo Amaro da Purificação.....	18
O lixão como campo de pesquisa.....	20
A categoria Catador/a e os/as atores/atrizes sociais.....	23
CAPÍTULO 1 – A COLONIALIDADE NO LIXO.....	30
1.1 O conhecimento moderno/colonial.....	30
1.2 O lixo como construção histórico-social.....	34
1.3 Entre o lixão e as ruas.....	41
CAPÍTULO 2 - CONHECENDO AS NARRATIVAS DOS/AS CATADORES/AS....	56
2.1. Trajetórias de vida e o encontro com o lixão	56
2.2 Sobre trabalhar e viver do/no lixão	74
CAPÍTULO 3 – CORPOS NO LIXO E A PRODUÇÃO DE OUTROS SABERES....	87
3.1 As técnicas do corpo e o treinamento intensivo dos sentidos.....	90
3.2. A domesticação e a incorporação do lixo.....	99
3.3. Fatores que deixam o lixão familiar.....	107
3.4 Os animais.....	116
3.5. Catadores/as x atravessadores?.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	128
ANEXO 01.....	136

PRELÚDIO

As moscas hoje estão insuportáveis. Sequer começo a falar e elas encontram minha boca, movimento o braço em frente ao rosto tentando afastá-las. Não vencidas, dirigem-se ao meu nariz, zumbem em meus ouvidos, são tantas que o gravador as captam. Finjo estar tudo bem para não comprometer a conversa. As marcas do sol escaldante fixam-se nos meus antebraços, diferenciando-se dos braços bem protegidos pela blusa. Sinto-me um pouco desconfortável com o mau cheiro que creio impregna-se em meu corpo. Minha garrafinha com água está quase no final, estou guardando-a para quando não estiver suportando mais o calor e a sede. Priscila¹ (20 anos) aloca um saco com materiais catados junto aos outros que ela coletara, dirige-se em minha direção, estou conversando com Pacapim (50 anos) neste exato momento, mas ela chega retirando o suor da testa com as mãos, limpando na calça jeans e diz “Que calor! Estou morrendo de sede!”. Pacapim sugere ir ao barraco buscar. Ela replica dizendo que não há, só se for pegar no tanque. Então lhe ofereço a minha garrafa para que ela beba água. Após movimentar seu corpo como se estivesse a pensar se eu não sentiria nojo daquilo, pega a garrafa, desenrosca a tampa, projeta à boca e bebe. Deixa um restinho de água, me agradece e retorna aos seus afazeres.

Chega o momento de ir embora. Despeço-me de alguns/mas catadores/as muito apressadamente com receio de ter que esperar no escuro o transporte para voltar à minha casa. Fiquei sentado por tanto tempo sobre uma lata de tinta que sinto um desconforto na coluna. Birrinha (34 anos) percebe minha aproximação, sorri e pergunta como estou. Indiretamente quer mostrar para as outras mulheres que me conhece. Logo que me afasto para seguir adiante, Cacau (51 anos) me grita e retorno para saber o que quer falar. Aperto sua mão, digo-lhe que já estou de saída e ele me faz três perguntas seguidas:

Cacau: Você conhece alguma cooperativa em Santo Antônio de Jesus?²

Pesquisador: Não.

¹ Utiliza-se apelidos para todas as catadoras e catadores nesta pesquisa.

² Cidade baiana localizada no Recôncavo Sul.

Cacau: Por que você estava demorando a aparecer?

Pesquisador: Estou morando em Marília, interior de São Paulo.

Cacau: Cadê o italiano³?

Pesquisador: Deve estar na universidade trabalhando.

Finalizamos o diálogo, digo-lhe tchau e caminho à saída do lixão. De repente deparo-me com catadores e catadoras limpando seus corpos na balança, ponto de referência do lugar. Há um catador despido banhando-se sob a torneira aberta que precipita água do tanque. Outros/as se enxugam, conversam e dão gargalhadas motivados/as por assuntos anteriores a minha presença e mais alguns/mas esperam a vez para lavar-se. Costumo realizar a higienização das mãos ali, mas dessa vez não faço, pois tem muita gente e seria deselegante ultrapassá-los. O que parece ser um procedimento ordinário de higienização corporal, de fato não o é. Eles/as estão efetuando uma limpeza corporal física e simbólica, tem atividade expressiva imbuída nesta atitude. A balança se transforma na fronteira que intermedeia a existência de dois mundos (ou duas realidades entre inúmeras outras), duas possíveis sociabilidades distintas. O lixão, com seus códigos que viabilizam íntima relação do/as catadores/as à sujeira, o mau cheiro e o lixo, e a rua, onde outra moralidade de comportamento⁴, baseada em princípios de civilidade que associam a limpeza à ordem, presumindo regras de urbanidade que organizariam os espaços, tornando-os mais inteligíveis e vivíveis. Duas possíveis realidades experimentadas cotidianamente forçando as pessoas que trabalham e vivem na e da catação a encobrirem marcas corporais e ocultar saberes manipulando suas identidades. A fronteira é onde os códigos são traficados, negociados, burlados. As fronteiras são lugares vigiados, justamente pelos trânsitos que ali se insinuam.

³ O italiano em questão é Gabriele Grossi, meu orientador da graduação e principal responsável por me fazer conhecer a realidade das pessoas que vivem no/do lixo. No decorrer do texto haverá citações sobre ele e sua principal obra, *O luxo do lixo*.

⁴ “moralidade dos comportamentos”, segundo Michel Foucault, pode ser entendida como “o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos” e como eles se submetem ou não a um princípio de conduta; como obedecem ou resistem às interdições e prescrições; como acatam ou desprezam os valores. “O estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara” (Foucault; 2003; p. 26).

Definições introdutórias

Pretende-se analisar e discutir como se constroem os saberes de catadores e catadoras em relação direta com o lixo estabelecido no contexto do lixão da cidade de Santo Amaro, na Bahia. São homens e mulheres negros/as e pobres que adentram este lugar por inúmeros motivos. É uma pesquisa etnográfica de 2011 a 2015 com incursões intermitentes a campo.

A pesquisa é de cunho etnográfico, isto é, um procedimento de investigação que contém duas atividades específicas. A primeira é a participação empírica em algum cenário social. O/a pesquisador/a imerge no mundo que deseja pesquisar de forma intermitente e faz anotações em seu caderno de campo, mas também está sujeito a experimentar as provações que o cotidiano do cenário em que se está proporciona. A segunda etapa é o da descrição daquela realidade. Utilizam-se como base as notas do caderno de campo que serão interpretados/as pelo/a antropólogo/a (EMERSON, Robert M., FRETZ, Rachel I., SHAW, Linda L, 1995).

Como todo trabalho de campo, tomei notas, interagi com os/as interlocutores/as, fiz observações e tentei prestar atenção em tudo o que me causou estranhamento. Creio que a maioria destes fatos está aqui descrito. Quando o estranho superava minhas capacidades de descrevê-lo no caderno de campo, o capturei em fotografias para que quando voltasse à minha casa pudesse refletir sobre o acontecido. Utilizo imagens neste trabalho porque através delas, torna-se possível potencializar as informações textuais. Clarice Peixoto explica que estes dados etnográficos acabam

(...) Colocando em sincronia o espaço, o ritmo e o movimento das descrições rituais, das relações sociais e manifestações culturais, entre outras, a imagem é capaz de melhor acompanhar e fixar, sob um outro ângulo, as diferentes manifestações sociais (PEIXOTO, 1995, p.3).

Por estas razões, justifico a utilização das fotos. No momento em que quis obter dados gerais sobre o universo pesquisado, utilizei questionários fechados, com perguntas direcionadas. Noutras, quis explorar a fundo, por isso, lancei mão de técnicas de entrevistas semiestruturadas não apenas para experimentar minhas hipóteses, mas para que pudesse, a partir disso, pô-las em tensão com a riqueza de novos saberes que este grupo historicamente subalternizado poderia possuir.

Apliquei entrevistas semiestruturadas articuladas por roteiro prévio. Semiestruturada não significa fechada, por isso, este procedimento abre espaço para o surgimento de outros assuntos que o/a interlocutor/a possa trazer à tona potencializando a qualidade das informações. Ter um roteiro preestabelecido direciona o/a investigador/a e organiza a interação com o/a colaborador/a (MANZINI, 1990). Foram feitas oito entrevistas nesta pesquisa. Sete delas com catadoras/es e uma com a assistente social. Das sete entrevistas com catadores/as, seis foram efetuadas no lixão e apenas uma na residência de um deles. A opção de realizar este procedimento de pesquisa *in loco* deveu-se ao fato de que o lixão proporciona uma atmosfera em que há liberdade para dizer o que se quer. Dentro do lixão existe uma espécie de comoção de sentimentos que só podem ser captados pelo/a pesquisador/a naquele momento e lugar. Por mais que as moscas atrapalhassem, o trator fizesse barulho e alguns/mas catadores/as se intrometessem, aquele era o lugar onde a espontaneidade se efetivava, pois grande parte das restrições morais era deixada da entrada para fora do lixão. Se os manuais de investigação social nos ensinam que a entrevista deve ser feita em locais silenciosos e confortáveis (QUIVY & CAMPENHOUDT, 2005), pelo menos no lixão o melhor jeito foi sentado sobre papelões ou latas de tintas sujas, durante o descanso da catação, ou antes e depois do almoço, pois as informações eram dadas no calor do momento. O mais importante é reconhecer que as maneiras como os procedimentos metodológicos vêm sendo aplicados talvez não deem conta da realidade de distintos grupos subalternizados, que historicamente foram silenciados. Se pretendemos buscar novas formas de conhecer outras realidades, faz-se urgente repensar as maneiras de proceder. Cada contexto exigirá a utilização de nossa sensibilidade para desvendar o melhor jeito de pesquisar.

O campo é inesgotável, possibilita várias avaliações sobre os acontecimentos porque está em constante mudança, esta é a realidade das ciências humanas e sociais. E qual outra ciência também não fica à mercê disso? Dessa maneira, não tenho autoridade, como jovem pesquisador que sou em afirmar que não pode haver contrapontos à pesquisa atual. Porém, não me eximo de dizer que talvez as minhas análises estejam próximas à realidade experimentada pelos/as meus/minhas colaboradores/as, pois caso contrário, o que deveria eu estar fazendo aqui? Digo colaboradores/as porque este texto não fui eu quem o escreveu sozinho. Tive a ajuda essencial destas mulheres e destes homens da catação. As minhas

análises incidem sobre seus saberes. O meu dever é o de articulá-los, torná-los evidentes, mas com a consciência de que o meu lugar de fala é totalmente distinto, pois sou acadêmico e nunca experimentei catar lixo para sobreviver. Cabe salientar ainda que não me desvinculo da responsabilidade de tudo o quê está grafado.

Por isso, há aqui o meu esforço por enquadrar este trabalho na perspectiva dos *Saberes Subalternos*. Esta rubrica engloba os Estudos Culturais, as Teorias Pós-Coloniais, Teorias Feministas e a Teoria Queer que têm como desiderato deslocar o lócus de enunciação das teorias clássicas. Este movimento epistemológico tem seus primeiros desdobramentos na década de 1960 com a luta das feministas contra o machismo e o patriarcalismo, a eclosão de grupos que criticavam o eurocentrismo assim como vários tipos de preconceitos aos quais as próprias ciências humanas e sociais fomentavam (BARROS, 2012, p. 5). Alio a Opção Decolonial a estas quatro posturas epistemológicas tendo em vista o seu esforço em trazer as contribuições de autoras e autores da América Latina para o debate da geopolítica do conhecimento e às violências dos processos de colonização que mesmo com o fim das administrações coloniais não deixaram de existir.

Como afirmei, o objetivo desta pesquisa é o de analisar e discutir a elaboração dos saberes dos/as catadores/as interagindo diretamente com o lixo. Se o meu desiderato é este, inevitavelmente estarei tornando inteligíveis esses saberes. Destarte, evidencia-se a possibilidade de conceber novas formas de conhecimentos além do científico que se propõe hegemônico. Então é necessário fazer crítica à *razão indolente* que Boaventura de Sousa Santos (2007) denomina de razão preguiçosa, pois desperdiça as várias experiências existentes no mundo. Na concepção de Boaventura a *razão indolente* se manifesta de duas formas, a saber: a *razão metonímica* e a *razão proléptica*. A ideia de totalidade ampara a *razão metonímica* criando reducionismo que contrai o presente. Para combatê-la é preciso lançar mão da Sociologia das Ausências e, assim, mostrar que a ideia de totalidade é produzida conscientemente para ocultar e desprezar o que está de fora da realidade hegemônica cientificista europeia.

A Sociologia das Ausências então fará a crítica de como se produzem as ausências pela *razão metonímica*. Na *monocultura do saber e do rigor* existe a ideia de que só o saber científico é válido, desprezando qualquer outro; a *monocultura do*

tempo linear impõe um sentido e uma direção para a história em que os países desenvolvidos estão sempre à frente; na *monocultura da naturalização das diferenças* estão formadas as hierarquias sexuais, raciais, étnicas, de gênero, etc. Nesta, não se entende a diferença como igualdade, por isso os pares binários que naturalizam as distinções são excludentes e hierarquizantes. As mulheres são inferiores aos homens, como os/as homossexuais aos/às heterossexuais, negros aos brancos; a quarta é a *monocultura da escala dominante* que tem a ver com o universalismo existente em todos os lugares independente dos contextos. Boaventura chama atenção que atualmente é a globalização que toma esse papel, pois “a globalização”, diz ele, “é uma identidade que se expande no mundo e, ao se expandir, adquire a prerrogativa de nomear como locais as entidades ou realidades rivais” (BOAVENTURA; 2007; p.31). A quinta e última é a *monocultura do produtivismo capitalista*. Nesta o que está em voga é o uso da natureza para a produção. O crescimento econômico é determinado por um único ciclo de produtividade e esse modelo desconsidera os tipos de produções alternativos. Desconsidera-se aqui o tempo da terra, não a deixando descansar.

Logo que demonstradas, a Sociologia das Ausências deve substituir as monoculturas pelas cinco ecologias evidenciando as experiências ausentes. A primeira denomina-se *ecologia dos saberes* que tende a fazer uso contra-hegemônico da ciência hegemônica. O importante é entender que há outros saberes tão legítimos como o científico. Estes são os saberes indígenas, quilombolas, populações urbanas marginalizadas, etc; a segunda é entendida como *ecologia das temporalidades*, pois se entende que existem vários tempos além do linear. Cada comunidade pode possuir um tempo específico que não é mesurado em horas como o nosso; *ecologia do reconhecimento* é a terceira, nesta é imprescindível eliminar as hierarquias, pois elas causam as diferenças excludentes entre homem e mulher, branco e preto, etc. A *ecologia da “transescala”* é a possibilidade de fazer análises em escalas locais, nacionais e globais, articulando-as. Diferente da existência do universalismo simplista; por último, a *ecologia das produtividades* que recupera sistemas alternativos de produção como cooperativas, economia solidária, empresas auto-gestionadas, dentre outras que vão além do modelo produtivista capitalista (Idem, 2007).

A segunda forma manifesta da *razão indolente* é a *razão proléptica* e para fazer sua crítica é preciso a utilização da Sociologia das Emergências que irá

investigar quais pistas e possibilidades possíveis para o futuro. “Assim, na Sociologia das Emergências temos de fazer uma ampliação simbólica, por exemplo, de um pequeno movimento social, uma pequena ação coletiva” (SANTOS, 2007, p. 37).

Mediante a Sociologia das Ausências e da Sociologia das Emergências dilata-se o presente e contrai-se o futuro que antes era vazio. Esse alargamento só se torna exequível por causa das experiências que outrora estavam escamoteadas pelo saber hegemônico. Abre-se o presente para inúmeras possibilidades do ser. Por outro lado, contrai o futuro porque é necessário pensá-lo através das pistas e sinais, buscando as utopias realistas que desafiarão a realidade (Idem, 2007).

Este trabalho se inscreve nesta perspectiva, pois acredito que os/as catadores/as possuem outros saberes sobre o lixo que se distinguem do conhecimento sanitarista hegemônico. Esses saberes estão expostos na seção (2.2) do capítulo segundo e, principalmente, no último capítulo.

A unidade social dos/das catadores/as de lixo analisada neste trabalho sofre com as desigualdades sociais, econômicas, políticas, culturais, raciais, dentre várias outras, e que encontrou no lixão um refúgio para realizar suas vontades. Estas pessoas nascem em famílias paupérrimas, desamparadas pelo estado e sem qualificações educacionais basilares para concorrer ao mercado de trabalho formal, possuindo um leque muito curto de possibilidades de emprego e perspectiva de vida. Mesmo tendo ciência das agruras inerentes à atividade no lixão, pretendo evidenciar as maneiras como estes/as atores/atrizes criam estratégias e vivenciam esta realidade. A pobreza e a dura vivência no lixão são expressas por meio de práticas, memórias e relatos, como também, nas novas formas de sociabilidades que surgem deste contexto “ameaçador” e as possíveis ressignificações atribuídas à atividade e ao modo de vida.

Não me interessa aqui sublimar e nem tornar exóticos estes sujeitos, porém nenhuma análise é neutra e se algumas vezes, no decorrer do texto, eu pendo para o lado dos/as meus/minhas interlocutores/as, faço com muita clareza, visto que um dos principais aspectos do conjunto de conhecimentos denominados *Saberes Subalternos* é justamente negar qualquer neutralidade na pesquisa.

Decidi fazer esta introdução em forma de seções, pois queria destrinchar cada ideia que compõe o título deste trabalho. Então começo pela cidade em que o lixão está localizado. Em seguida discuto o funcionamento do lixão e como o tornei campo de pesquisa; e depois, exibo os/as atores e atrizes deste cenário.

Santo Amaro da Purificação

A trama que envolve a cidade de Santo Amaro a divide em dois contextos essenciais, o primeiro evidencia a riqueza de sua história com a enorme quantidade de monumentos de valor arquitetônico⁵ reconhecidos e tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); cidade marcada pela forte produção da cana-de-açúcar do século XVI ao começo do XX; reconhecida internacionalmente por suas principais referências: Dona Canô, Caetano Veloso e Maria Bethânia, estes dois últimos, grandes artistas internacionalmente reconhecidos. E também pelos festejos da Padroeira Nossa Senhora da Purificação, festa que acontece há 150 anos.

O outro contexto vivenciado simultaneamente tem a ver com a poluição e contaminação da cidade. Os anos de 1930 a 1980 são marcados no Brasil pelo processo de modernização, o que ficou conhecido como capitalismo tardio ou modernidade tardia (CARDOSO de Melo, NOVAIS, Fernando A., 1998). Em Santo Amaro a ânsia pelo desenvolvimento também existiu, mas não só isso, o interesse era também reviver os grandes momentos que a cana-de-açúcar fornecera nos séculos anteriores para a região. Instala-se então, de 1960 a 1993 a Companhia Brasileira de Chumbo (COBRAC), empresa de processamento de minério de chumbo. Alessandra de Almeida (2015) explica que a COBRAC fora responsável pela contaminação de chumbo e cádmio em grande parte do território de Santo Amaro. Com isso, a cidade obteve estatísticas alarmantes de câncer, registrando alta incidência dessa doença. O solo, o ar e o rio estão poluídos. Santo Amaro talvez seja uma das cidades mais contaminadas do mundo.

O poder econômico foi determinante para que restasse na cidade uma população predominantemente negra, ainda mais pobre e mais doente. Restaram as “viúvas do chumbo” como são conhecidas, o desemprego, a desvalorização dos imóveis próximos à fábrica, a vergonha, o preconceito, a luta de poucos políticos e ambientalistas em parceria com a Associação de

⁵ Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/288>.

ex-trabalhadores da fábrica e, acima de tudo o silêncio (ALMEIDA, 2015, p. 5).

Para Alessandra Almeida, há um tabu entre os/as moradores/as quando o assunto é a contaminação da cidade pelo chumbo e cádmio. Muitas pessoas não gostam de associar o lugar que vivem com todos esses problemas. Surgem então as histórias populares, que tendem não apenas a criar acontecimentos, como servem também de respostas aos inapropriados questionamentos. Por exemplo, dizem que a cidade não é poluída, pois se fosse D. Canô não teria vivido mais de cem anos. Entretanto, argumentam também que ela apenas consumia os alimentos vindos da capital, por isso viveu muitos anos. Não cabe afirmar ou procurar saber se esta estória é verdadeira ou falsa, não me proponho a isso, porém estas narrativas ajudam a compreender o prestígio e o poder possuído pela família Veloso dentro da cidade de Santo Amaro seja econômico, cultural ou político.

Caetano Veloso compôs uma canção sobre o horror da poluição que contamina a vida do rio Subaé. Abaixo reproduzo um trecho de *Purificar o Subaé/Cantiga para Janaina*:

Os riscos que corre essa gente morena

O horror de um progresso vazio

Matando os mariscos e os peixes do rio

Enchendo o meu canto

De raiva e de pena

(Do álbum “Alteza” de 1981 interpretado por Maria Bethânia).

A crítica feita na composição evidencia a ideia de progresso que existia no período em que a empresa se instalou, mas que por outro lado, só trouxe problemas para o povo e ao rio. Muitas pessoas foram contaminadas ao comer moluscos que chegavam a ter altas concentrações de cádmio. O rio possui aspectos simbólicos, pois este é visto como marcador da identidade do/a santo-amarense.

Há vários estudos tangenciando a contaminação por cádmio e chumbo em Santo Amaro, no entanto, existe um hiato enorme quando se fala em pesquisas nas

áreas das Ciências Sociais. Segundo Freitas (2003) conforme citado por Andrade; Moraes (2013, p.71) apenas 5,6% das teses e dissertações escritas de 1980 a 2000 estão identificadas com as Ciências Sociais. O objetivo desta dissertação não é a de discutir os problemas da contaminação, mas se torna importante compreender a circunstância na qual a produção do lixo está inserida. O lixo de Santo Amaro não é igual ao da maioria das cidades brasileiras, este está também contaminado pelo chumbo e cádmio.

Santo Amaro faz parte da Mesorregião Metropolitana de Salvador, sua distância da capital é de 79 km. Foi registrado em Santo Amaro 61.836 habitantes em 2016.⁶ É nesta intrigante dramatização envolvendo as belezas histórico-patrimoniais e as manifestações culturais de um lado, e do outro, o problema da poluição que macula físico-geograficamente e simbolicamente a Santo Amaro da Purificação que se encontra o lixão e dentro dele os/as catadores/as de lixo que sobrevivem dos restos produzidos pela população local.

O lixão como campo de pesquisa.

No “Projeto Executivo do Aterro Sanitário de Santo Amaro da Purificação – BA”, explica que o aterro seria criado em 1999 com o objetivo de receber os resíduos domésticos domiciliares, entulhos, resíduos de feiras e mercados, além de resíduos da área da saúde. Para a construção de um aterro sanitário projeta-se o aumento da população e também dos resíduos que serão produzidos. Estimou-se que de 1999 para 2013 haveria uma produção de lixo diária que passaria de 57.944Kg por dia em 1999 para 69.362Kg por dia em 2013. Este projeto também estimava o crescimento populacional de Santo Amaro que de 43.731 habitantes em 1999, chegaria a 50.267 habitantes em 2013. Essa aferição se diferiu do quantitativo populacional que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) calculou em seu último censo realizado em 2010, pois o número de habitantes em Santo Amaro chegaria a 61.407 em 2013. Com isso, o número de dejetos despejados no lixão seria muito maior do que o projetado reduzindo significativamente seu tempo de vida útil. No entanto, há de ressaltar que a disparidade entre a projeção feita pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER) e a do IBGE não implica erro da primeira, pois foram onze anos de diferença de uma

⁶<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=292860&search=bahia|santo-amaro>

estimativa para a outra. Para se construir um é preciso possuir controle da entrada e saída de qualquer coisa, separação dos variados tipos de materiais, impedir o acesso de animais, evitar mau cheiro, cobrir diariamente o lixo, o chorume deve ser tratado, impedindo a contaminação do lençol freático, além da existência do sistema de captação e queima do gás metano. Essas são as características que definem um aterro sanitário. No de Santo Amaro, entretanto, existem animais e mau cheiro, os materiais chegam misturados, o chorume é separado, mas não tratado e existe a contaminação do lençol freático. O chorume é uma composição líquida em que se misturam água e matéria orgânica. O resultado é um líquido de potencial contaminação. Algumas vezes vi o lixo sendo compactado, vi o local de despejo (rampa) ser trocado, porém, o crescimento da quantidade de lixo é desproporcional e está invadindo o local onde os/as catadores/as habitam em barracos. A compactação tem a função de espalhar e firmar o solo para que, depois do seu uso, seja possível fazer construções na área. Presenciei algumas vezes o problema da falta de óleo que impedia o trabalho do trator para espalhar e compactar o lixo. A balança que tem como função medir a quantidade dos resíduos e de outros materiais, por muito tempo ficou sem funcionar, como relataram os/as colaboradores/as. Para finalizar as irregularidades no lixão, não existe nenhum sistema de captação e a queima do gás metano. Por todos esses motivos considero que há um lixão em Santo Amaro, e não um aterro.

O dia-a-dia no lixão ocorre de maneira semelhante a de outros lugares, os/as catadores/as, acordam, tomam seu café da manhã, vão trabalhar quando os carros chegam, descansam, conversam, limpam seus barracos, jogam, dentre outras muitas coisas que eles/as fazem durante o dia. Certa vez cheguei ao lixão justamente no horário do café. Sália (42 anos) estava coando o café que acabara de preparar e me ofereceu. Disse-lhe que noutro momento tomaria.

A rotina começa cedo, às oito da manhã ou até mais cedo o trabalho dos atores/atrizes no cenário tem início. Há um rodízio na entrada de caminhões dentro do lixão durante a semana. Nas segundas, quartas e sábados entram seis caminhões de lixo. Três nas terças, quintas e sextas. Finalmente, no domingo apenas um despeja os rebotelhos. O lixão não é o destino dos resíduos de Santo Amaro unicamente, o local também recebe lixo de alguns distritos que circundam a cidade. Existem catadores e catadoras que trabalham apenas nos três dias em que

entram mais carros de lixo⁷. No entanto, é uma minoria que faz isso, em razão de que a grande parte trabalha durante toda a semana. O domingo é o dia do descanso.

Logo que um caminhão⁸ aparece no local de despejo os/as catadores/as realizam uma rápida triagem, selecionando, a partir do seu conteúdo, aqueles em que irão coletar. Quando o lixo não vem em caçambas abertas eles conseguem identificar pelo conhecimento do carro, o tipo de lixo que o mesmo carrega. Os/as catadores/as que vivem no lixão são mais flexíveis, porque sua permanência é diária e a qualquer hora eles/as podem ir à rampa catar, enquanto os/as outros/as que não moram no lixão devem se apressar, pois possuem menos tempo disponíveis para catar. Como consequência muitas vezes na hora da catação um grande número de pessoas se agrupa, querendo coletar ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

A chegada dos/as catadores/as que não moram no lixão muitas vezes se efetua através dos próprios caminhoneiros que vão dirigindo os carros de lixo ou pelas pessoas que vão ao lixão para comprar o material que foi coletado, os compradores/atravessadores. A carona que os motoristas dão aos catadores manifesta uma forma de solidariedade, pois nem sempre eles podem gastar dinheiro para sair da zona urbana, onde a maioria mora para se deslocar até o lixão. Os/as catadores/as que chegam por conta própria, andando ou de bicicleta param na guarita para bater um papo, pegar água, discutir negócios. Durante o dia há segurança no lixão, a partir das dezoito horas da noite chega o seu substituto que fica até seis da manhã do dia seguinte e assim dá seguimento a escala de trabalho. A guarita é uma construção onde o administrador do lixão e o guarda ficam. Essa construção tem quatro cômodos, todos em péssimas condições. Num cômodo fica um escritório, noutro uns colchões para o segurança deitar-se, no terceiro, coisas empilhadas e um quarto cômodo parecido com um banheiro, pois há uma latrina. Raras vezes vi o administrador lá dentro. Ele entra para pegar botas ou qualquer outro tipo de material que deseje no momento, diferente do segurança do lixão, pois é nessa construção que o mesmo almoça, descansa, dorme, além de desempenhar sua função profissional que é a de controlar a entrada de pessoas e caminhões no

⁷ Não constatei tensão entre as personagens do lixão quanto a isto até porque a estadia é contínua. Estes/as poucos/as catadores/as que fazem isso já possuem vínculos com o lixão e as outras pessoas. Eles/as constituem tal cenário.

⁸ Apenas pela cidade de Santo Amaro há uma média de 40 toneladas de lixo despejados no lixão todos os dias por três caminhões compactadores. Ver: <https://prefeituradesantoamaro.wordpress.com/2015/08/17/equipe-de-limpeza-urbana-da-cidade-pede-colaboracao-de-moradores/>.

lixão. O portão não é automático, quando algum carro chega o segurança deve ir até lá abrir e fechá-lo. A guarita representa muito mais o ambiente do homem que assegura a entrada e saída de caminhões, do que o local de administração burocrática propriamente dita. Finalmente, às dezessete horas muitos/as catadores/as retornam às suas casas.

O lixão se torna campo de pesquisa porque as interações entre os/as catadores/as explicitam a existência de um conjunto de códigos e significados que necessitam ser analisados. A descrição de seu funcionamento serviu para ilustrar isso.

A categoria Catador/a e os/as atores/atrizes sociais

O segmento social dos catadores e catadoras de lixo compõe a paisagem urbana brasileira há muitos anos. Há registros de pessoas que catavam rebotalhos nas ruas desde o século XIX. Júlio Pinhel (2013) fala dos antigos garrafeiros, que recolhiam garrafas e materiais ferrosos e que eram respeitados nas vilas e cidades que moravam. De acordo com o autor, o perfil desses sujeitos se alterou por causa do processo de industrialização, urbanização e consumo exacerbado dos indivíduos, ampliando ainda mais o número de lixo jogado em ruas ou despejados nos lixões ou aterros sanitários. Catadores e catadoras são pessoas que praticam atividades de coleta, separação e venda de lixo que, após a transformação decorrente do trabalho manual, torna-se material reciclável.

Existe uma variação enorme de fatores que condicionam pessoas ao trabalho da catação como são os casos de algumas que se iniciaram por não possuírem qualificações suficientes para o trabalho formal; terem sido demitidas do antigo trabalho não encontrando mais oportunidades; outras começam porque reproduzem os roteiros familiares já existentes, pois a parentela já se fixou em tal atividade; ou aquelas pessoas que trabalham sazonalmente, dividindo-se entre a catação e outras atividades esporádicas.

Quanto à organização do trabalho existem várias composições. Tem catadores e catadoras que trabalham autonomamente ou em coletividade, sejam essas pessoas cooperadas ou não. Os locais de trabalho são diversos, ruas, cemitérios, praças, lixões, portas de comércios, residências, ou qualquer outro lugar que seja despejado ou depositado lixo. No caso específico desta dissertação os/as

catadores e catadoras não são cooperados/as, trabalham no lixão, a grande maioria possui moradia na Candolândia ou no Trapicho de baixo, bairros periféricos de Santo Amaro. Alguns/mas desses/as catadores/as possuem barracos no lixão.

Em 2002 a profissão de catador/a foi reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho e Emprego no qual promoveu mudanças nas concepções sobre a atividade. Há alguns anos com o elevado processo de reciclagem e a possibilidade de transformar o que era lixo em novas mercadorias, o nome que se atribuía aos rebotalhos mudou, pois já não eram percebidos como coisas inúteis. Entramos então na era em que o lixo dá lugar aos materiais. Mas não só isso, a busca por maneiras mais sustentáveis de vida conduziram a mudança da noção do/da catador/as, porque estes/estas são reconhecidas agora como agentes ambientais responsáveis pela diminuição dos resíduos sólidos nas cidades brasileiras (GONÇALVES, et al. 2013). Igualmente, tornar-se-ia necessário resgatar a dignidade desses/as trabalhadores/as pela importância da que a função possui (LIMA, Jacqueline, RIBEIRO, Obertal, 2010).

No entanto, existe outro viés de interpretação que critica a ideia de que catadores e catadoras são agentes ambientais porque este tipo de argumento mascara as violências e explorações sofridas por este segmento. Esse discurso é propício para as grandes indústrias de reciclagem que lucram muito mais que as pessoas da catação.

Nesta perspectiva de análise, há a introdução de ricos elementos que encobrem a cadeia produtiva da reciclagem, tais como: condições precárias e invisibilidade da exploração do trabalho com forte participação de mulheres e crianças; desconsideração do catador enquanto trabalhador; geração desigual da renda com forte presença dos atravessadores; e, conseqüentemente, dificuldades no processo de organização e manutenção do trabalho coletivo em associações e cooperativas. Tais aspectos são camuflados pelo discurso de ganhos ambientais e com o rótulo dado aos catadores de “agentes ambientais”, o que não os retira do processo de desumanização do trabalho e da reprodução desigual da riqueza gerada a partir do reaproveitamento dos recicláveis no circuito produtivo (COSTA, 2016, p.58).

O discurso da sustentabilidade socioambiental contém essa ambiguidade de, por um lado, defender a saúde do planeta e, por outro, se constituir como um novo modelo de exploração capitalista. Os/as catadores/as aparecem como sujeitos centrais da cadeia produtiva da reciclagem chegando a cumprir quase 90% de todo

o trabalho⁹. Mas, por outro lado, são quem menos ganham em todo este processo. A relação de trabalho envolve além dos/as catadores/as, os atravessadores, as empresas e indústrias que reciclam materiais.

O caso específico dessa dissertação compreende um quantitativo de quarenta homens e mulheres não cooperados trabalhando diariamente no lixão e tendo o domingo como dia de folga. O perfil é o seguinte, são 21 mulheres e 19 homens. Foi a partir de uma lista feita em 2012 contendo as necessidades médicas e a catalogação dos/das catadores/as que não possuíam documentos que pude me basear para esta pesquisa. Havia também o quantitativo de 15 pessoas que estavam fora do lixão temporariamente.

Foram aplicados 39 questionários (ver anexo) num universo de 40 pessoas para mapear as condições socioeconômicas dos/as interlocutores/as. No que tange o recebimento de algum benefício do Governo 28 catadores/as me disseram que não são contemplados, 07 falaram sim e 04 afirmaram que algum parente é beneficiado. O que aconteceu foi que durante a gestão de Genebaldo Correia (Prefeito de 2001 a 2004) eles/as recebiam cesta básica todos os meses, havia preocupação por parte do prefeito para com ele/as. Entretanto, a partir de João Melo (Prefeito de 2005 a 2008) todos os auxílios foram cortados, não havia interesse em olhar para os/as catadores/as que viviam do/no lixão. Ricardo Machado, atual prefeito, o mesmo que recentemente fora condenado por compra de votos, também não promoveu política alguma para melhoria de vida dos/as catadores/as. Por isso, Genebaldo é visto como o melhor prefeito de Santo Amaro, na concepção da maioria que está no lixão.

Tem também aqueles/as que perderam algum tipo de benefício do Estado e que não souberam explicar corretamente o porquê. Infelizmente, muitos deixam de procurar saber o que ocorreu por falta de instrução, outros acham que perderam porque o atual prefeito cortou a concessão de cestas básicas. Por isso o ex-prefeito é visto como uma pessoa boa e o atual como uma pessoa ruim. Há uma parcela de catadores/as que ainda recebem benefícios como, por exemplo, a bolsa família, programa de distribuição de renda direta do Governo Federal para ajudar famílias em situação de extrema pobreza. Para haver a transferência monetária necessária para a família analisa-se a renda de cada membro da família, o número de filhos até

⁹ Informação retirada da MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. Fonte: <http://www.mncr.org.br/biblioteca/legislacao/classificacao-brasileira-de-ocupacoes-cbo>.

a faixa etária dos 17 anos. Apenas quatro dos/as catadores/as disseram que algum membro da família recebe qualquer tipo de benefício e nessa porcentagem encontram-se os que possuem a Bolsa Família e outros benefícios como aposentadorias por invalidez e problemas psicológicos, como é o caso de Cacau que após cair de uma ponte aos 17 anos teve afundamento de crânio e desde então toma remédios controlados. Apesar de alguns/mas catadores/as e familiares destes/as receberem benefícios do governo, esse número não é relevante, o que demonstra a falta de políticas adequadas, ou sua ineficiente aplicação, por parte do Estado para assegurar o apoio a essas pessoas.

Tina (35 anos) é outra catadora que sofre com problemas psicológicos. Ela me contou que após ter sua cabeça e suas costas cortadas com um facão por sua irmã, obteve sequelas, sendo necessário o uso de remédios controlados. Entretanto, Tina conta que por estar no lixão dificilmente toma remédios e, por isso, às vezes ela fica “atacada”. Sai com paus e facas agredindo e ameaçando as pessoas dentro do lixão, mas que no outro dia melhora.

A maioria dos acidentes é ocasionada por pedaços de vidros, agulhas, lascas de madeiras que furam e cortam os pés e mãos dos/as catadores/as. Alguns/mas não trabalham com luvas, da mesma forma, outros/as não possuem botas e, por isso, catam calçando sandálias, tornando-se mais vulneráveis. Cabrinha (57 anos), certo dia estava com uma cavidade na parte inferior do pé direito, tinha ido ao médico apenas uma vez e ainda continuou trabalhando, ele se automedicava. Nô (45 anos), quando fui a sua casa¹⁰ conhecer sua família e entrevista-lo, me mostrou o problema que ele possuía. Certa vez, enquanto catava, seu dedo indicador da mão direita foi perfurado por uma agulha de seringa que estava em meio aos rebotalhos. O seu dedo dobrou e nunca mais voltou ao normal. Ele nos conta o acontecimento:

Aqui foi na hora que eu fui pegar o lixo lá dentro que meti a mão no saco e a seringa furou meu dedo. Aí na hora que eu cheguei no hospital a moça falou que era um espinho, mas não era um espinho, era o lugar que ficou a marca da agulha. O que foi que ela fez, ela passou a pinça e cortou, acho que o cordão do dedo, não é? (Me perguntando) Aí ficou assim. Que não era para ficar totalmente aleijado. Fiquei quatro dias internado, tomei seis soro. Eu quase morria com essa mão, ficou numa altura assim. (movimenta as duas

¹⁰ O quintal é utilizado como depósito de lixo. Casa de alvenaria com uma sala, dois quartos, banheiro e cozinha. Os filhos menores dormem com o casal. Não há portas, a separação é feita por cortinas que delimitam a privacidade dos quartos, diferente da sala que é mais pública, não apenas para a reunião de todos os membros da residência, mas também para receber visitas como a minha.

mãos conjuntamente para demonstrar o tamanho que tinha ficado devido ao inchaço) [Nô, 45 anos].

Na concepção do catador, a médica que realizou o procedimento sequer sabia o que havia ocorrido, acreditava ser um espinho. Além de indicar que pode ter havido algum erro no procedimento efetuado sobre o dedo que decorreu tal infortúnio. O mesmo fala ter ficado “aleijado”. Mas Nô continua trabalhando.

Existem também acidentes por atropelamento dentro do lixão. Mesmo sabendo que o trator está espalhando e compactando o lixo, os/as catadores/as continuam a trabalhar e por falta de atenção são atropelados/as. Fui informado por elas/es sobre alguns casos desse tipo que já tinham ocorrido. 20 catadoras/es já sofreram algum tipo de acidente, 17 disseram que nunca e 02 pessoas não responderam. Muitas vezes, um corte sofrido durante a catação é remediado por eles/as mesmos/as. Em casos gravíssimos a busca por um médico se torna necessária. Nem sempre um ferimento é percebido como um inconveniente que atrapalhará a catação e mesmo ferido continua-se trabalhando. É importante salientar que as/os catadoras/es percebem seus corpos de maneira particular e, assim, cuidam da forma que acreditam ser correto. A falta de idas ao hospital e postos de saúde está menos relacionada à irresponsabilidade do/as catadores/as do que o despreparo e desprezo da classe médica.

Luc Boltanski (1979) ao analisar os usos do corpo entre as distintas classes visa demonstrar que as formas de consumos médicos não são as mesmas entre as diferentes classes sociais. Nas frações de classe com alto poder aquisitivo e prestígio social existe a consciência de uma estética para o corpo. Por isso, as práticas esportivas, frequência em academias de musculação e ginástica propiciam condicionamento físico para se encaixar nesta estética. Diferente das noções de aprendizados e usos dos corpos nas frações de classes desprivilegiadas que se efetivam por condições socioeconômicas, devido ao tipo de trabalho que exige força física. Partindo dessa ideia os usos médicos estariam intimamente ligados com os tipos de aprendizados diferenciados de cada classe.

O tempo de estadia dentro do lixão chega a ser de dez horas diárias para a grande maioria que lá trabalha. Quem ultrapassa essa marca são as pessoas que possuem barracos. Em 2012 eram seis, em 2015 o número aumentou para oito.

Esses dados precisam ser atualizados com frequência, no entanto, o último registro feito por mim mapeou esse quantitativo.

Vinte e sete catadores/as nunca trabalharam no mercado formal. O trabalho formal é entendido como importante para qualquer trabalhador/a brasileiro/a, pois representa a possibilidade de direitos garantidos por lei. Apesar de saberem que no lixão eles ganham duas vezes mais, a profissão de gari é benquista por alguns homens que não querem parar de trabalhar coletando o lixo, mas desejam a estabilidade. Entretanto, mesmo tendo consciência do valor existente no trabalho formal, percebi com o passar do tempo o desinteresse da maioria dos/as catadores/as em disciplinar seus corpos para voltar a trabalhar em empresas, casas de família, com horários formais e com chefes exigindo metas.

...

Início agora a explanação dos capítulos. O capítulo 1 destaca imagens e representações sobre o lixo. Em contornos dramáticos mostro que a noção hegemônica sobre o lixo é fator principal para a tentativa de encobrimento da identificação do/a catador/a após sair do lixão. Faço uma discussão sobre o padrão de poder moderno/colonial para demonstrar como ela se constitui nas representações que temos do lixo, estas, como atrasado, sujo, fétido, profano, maculado e imprestável. Os elementos simbólicos incutidos no lixo criam um campo semântico evidenciado nas práticas discursivas. É um ponto de partida que no decorrer dos capítulos vão sendo tensionados pelos/as sociabilidades e saberes dos/as catadores/as de lixo. Para evidenciar como o lixo recebeu atributos simbólicos negativos nota-se a necessidade de compreender o seu percurso histórico. Não proponho fazer uma longa descrição dos fatos, pois não é este o objetivo. O que importa, na verdade, é elucidar alguns pontos sobre a noção que a grande maioria das pessoas possui sobre o lixo. Então, verificar-se-á: a) o fundamento do conhecimento moderno/colonial; b) que os dejetos/lixo sempre foram motivos de inquietação entre os distintos povos e que a limpeza pública era de responsabilidade de grupos subalternizados como mulheres prostitutas, homens e mulheres negros/as e até bandidos, demonstrando como marcadores sociais da diferença estruturaram as sociedades ao longo do tempo e como o lixo foi e continua sendo demarcador dessas relações c) a maneira dos/as catadores/as higienizar-se para transitar nas ruas; d) a naturalização pejorativa do lixo como um campo

semântico nos discursos em vários âmbitos da vida social e, e) a relação existente entre lixo e desenvolvimento.

O capítulo 2 tem os objetivos de reconstruir as trajetórias de vida de dois catadores e uma catadora evidenciando suas noções sobre trabalhar e viver no lixão. A análise se faz sobre as entrevistas que apliquei e disponho no texto como fragmentos de narrativas. Neste capítulo já se iniciam as reflexões sobre os saberes e sociabilidades compartilhados/as pelos/as catadores/as de lixo. Buscarei visibilizar a articulação dos saberes das pessoas envolvidas na catação analisando suas narrativas. Num primeiro momento a proposta é rearticular as trajetórias desses/as homens e mulheres. Na segunda seção parto, de fato, para entender os significados de trabalhar e viver do que o lixão proporciona.

Porém, é no terceiro e último capítulo que exponho objetivamente a ressignificação que os/as catadores/as fazem sobre o lixo e o lixão, destoando do saber sanitarista que se propõe hegemônico. Nessa parte fica evidente que essas pessoas não consideram o lixo como algo negativo, ademais, afirmo que eles/as domesticam os restos. Mas, antes de entrar na análise empírica existe uma discussão teórica-conceitual sobre o corpo. Visto que “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2000, p. 15). Minha reflexão tem a intenção de discutir e demonstrar as práticas e construções de saberes das pessoas que trabalham com os rebotalhos jogados fora pela sociedade em geral. Nesta trama envolvem-se marcadores sociais da diferença como gênero, raça, geração, parentesco, sujeira, odor, classe e as sociabilidades experimentadas dentro do lixão. Delimitei a corporeidade como objeto de análise no terceiro capítulo (seções 3.1 e 3.2) porque é a partir dele (existência social e simbólica) que pretendo demonstrar o cotidiano dessas pessoas. Quando digo que o corpo é sujeitado (mas também insubmisso, transgressor, desobediente) ao poder, implica afirmar que há no plano macroestrutural a imposição de uma ideia hegemônica às identidades, saberes, gêneros, sexualidades, classes, religião, etc., refletidas na corporeidade, tendo como premissa a classificação étnico-racial, principal fundamento que ampara o padrão de poder moderno/colonial. Todos os saberes dos/as catadores/as sobre o lixo servem para demonstrar outras possibilidades de conhecimentos historicamente invisibilizadas. Dessa maneira torna-se viável interceder politicamente por outros vieses.

CAPÍTULO 1 – A COLONIALIDADE NO LIXO

1.1. O conhecimento moderno/colonial

Colonialidade do Poder é um conceito desenvolvido pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2000) que permite perceber as reminiscências das formas de dominação e opressão colonial operado nos planos material e subjetivo da existência social. Ademais, demonstra como se efetiva o padrão de poder pelas estruturas do *world system*. A colonização da América no século XV fomentou a classificação e hierarquização étnico-racial na qual o homem branco heterossexual europeu alocava-se no grau mais alto, criando e compartilhando para o mundo inteiro a ideia de raças naturais, que até então não existia. Com isso, a Colonialidade pôde se manifestar em vários âmbitos da vida social. Colonialismo e Colonialidade não são as mesmas coisas. O primeiro tem a ver com os processos que levaram à invasão, exploração e imposição de uma cultura e espiritualidade sobre os territórios usurpados. O segundo termo refere-se à continuidade das formas de agir e pensar que organiza o padrão de poder no sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno europeu (GROSFOGUEL, 2008).

Tal conceito discutido brevemente aqui articula cinco domínios da vida que estruturam uma matriz colonial. São estes:

- 1) La privatización y la explotación de la tierra y la explotación de la mano de obra.
- 2) El control de la autoridad (virreynatos, estados coloniales, estructura militar)
- 3) El control del género y la sexualidad (la familia cristiana, y valores y conductas sexuales y de género)
- 4) El control de la subjetividad (la fe cristiana, la idea secular de sujeto y ciudadano) y el conocimiento (los principios de la Teología estructurando todas las formas de conocimiento abarcadas en el Trivium y el Quadrivium; la filosofía secular y el concepto de Razón estructurando las ciencias humanas y naturales y el conocimiento práctico de las escuelas de profesionales; ejemplo. Derecho, Medicina, en el conflicto de las facultades de Kant) [...]
- 5) El control de la naturaleza y los recursos naturales, dominio que originalmente estaba incluido en el punto 1 (MIGNOLO, 2010, p. 79-80).

Na concepção de Walter Mignolo, estes domínios só podem existir porque se inter-relacionam com o conhecimento europeu que justifica uma racionalidade no

mundo. Em outras palavras, os europeus impuseram uma ordem na qual se definiram os gêneros, as sexualidades, as classes e a espiritualidade “corretas”, ou seja, uma premissa de sociedade sob a lógica étnico-racial.

Não desejo explorar a fundo cada um destes domínios, apenas farei isso com o de número 04 citado por Mignolo (O controle da subjetividade). Minha pretensão é denunciar como a colonialidade está imbricada nas representações que envolvem o lixo devido ao fato de que o desenvolvimento, ideia moderna civilizatória, coloca-se imperativamente como modelo de avanço nas sociedades latino-americanas. Tornar-se desenvolvido/civilizado foi o argumento legitimador da colonização e continua sendo o ideal das sociedades periféricas. Com atenção, percebe-se que os exemplos de sociedades almejadas são as europeias e os Estados Unidos,¹¹ estes como atual potência imperialista. Ao mesmo passo que o conceito de colonialidade do poder ajuda a entender o padrão de poder mundial, possibilita também enxergar o tipo de pensamento ocidentalista que tende a separar moderno-atrasado, novo-velho, sujo-limpo, saúde-doença, separações estas que tem tudo a ver com o objeto investigado neste capítulo, o lixo.

A perspectiva decolonial¹² entende que a modernidade é um fenômeno histórico-social¹³ europeu, tendo implicações na maneira de rever o mundo, pois se a modernidade é social, não pode ser natural. A sua universalização não é um fim em si das sociedades. O que a Europa¹⁴ fez, e muito bem, diga-se de passagem, foi-

¹¹ Há uma discussão clássica no Brasil que norteia a ideia do que foi chamado de “Teoria da dependência” que enfoca as relações assimétricas existentes entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento ou periféricos. O axioma da “dependência” implica na constatação de que a economia de uma nação está subordinada ao desenvolvimento de outra. Dentre vários autores que se debruçaram nestas questões destaco Fernando Henrique Cardoso denominando este tema como “Enfoque da dependência”. Ver (CARDOSO, 1995).

¹² Nos fins de 1990 surge o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) na América Latina composto por intelectuais latinoamericanos e de universidades dos Estados Unidos com uma nova proposta teórico-epistemológica conhecida como “opção decolonial” (BALLESTRIN, 2013). O Decolonial refere-se ao projeto do grupo em decolonizar o mundo, diferente de descolonização que tem a ver com os processos de libertação nacional. O pensamento decolonial é a prova de que existe um saber diferente do pensamento da modernidade e que não pode deixar-se submeter a ele.

¹³ Vários/as autores/as e vertentes teóricas concordam que a modernidade surge na Europa. Anthony Giddens (1991), por exemplo, entende a modernidade como um estilo, um conjunto de costumes e organização social surgidos na Europa do século XVII. Esta ideia é eurocêntrica porque define fenômenos infra-europeus como constitutivos da modernidade. No entanto, a modernidade de que se fala aqui começa em 1492 (século XV), e tem a ver com a Espanha, portando um Estado unificado, com poderio militar e que inicia o mercantilismo mundial usurpando as minas de Potosi e Zacatecas em 1545-1546. Tem também Portugal que se dirigia ao extremo Oriente no século XV. A segunda etapa está na Revolução Industrial do século XVIII na qual a Inglaterra se torna a grande potência comandando a história mundial até o fim da Segunda Guerra (DUSSEL, 20055).

¹⁴ Se for pensar numa cronologia Espanha, a primeira, e Portugal que chega um pouco depois nas Américas, são os dois países que iniciam o processo colonial. Entretanto, a Espanha ganha evidência por ser o primeiro a

nos imputar inferioridade em vários âmbitos da vida. Invadiram a natureza; desmontaram as estruturas sociais; criaram o Estado liberal; hierarquizam saberes tradicionais, dando ênfase para o científico (empírico); patologizaram práticas, impuseram o cristianismo, tudo isso embasado com a afirmação de que estávamos sendo conduzidos a uma sociedade moderna. A modernidade como período histórico é uma invenção.

Retomo a análise do controle da subjetividade e já o entendendo não apenas como imposição de uma espiritualidade, mas também de um saber ocidentalizado. O conhecimento moderno está sedimentado em duas dimensões fundamentais, quais sejam: 1) as separações que se dão no mundo e 2) as formas como os saberes são articulados com a organização do poder. Na primeira dimensão se encontra a perspectiva judaico-cristã que separa Deus, o homem e a natureza. A humanidade é feita à imagem e semelhança do senhor, mas tem livre arbítrio para atuar no mundo. Por isso, ele se sobrepõe a natureza, tendo em vista que Deus não faz objeções sobre a forma em que essa atuação deve ser efetivada. A outra separação é ontológica, envolve corpo, mente e o mundo. A mente possui razão, o corpo é um receptáculo, e o mundo, este não tem mais relação com o cosmos, ele só faz sentido através das representações construídas pela racionalidade. É da gênese dessas partições do mundo real que o pensamento europeu é organizado e, com isso, surge a ideia de Eu (civilizado) e o Outro (incivilizado) (LANDER; 2005, p.9).

Foi desta maneira que a racionalidade europeia fecundou o sistema binário de representações. Mas deste emaranhado de relações as ciências modernas também foram importantes partícipes. Santiago Castro-Gómez (2005, p. 81) esclarece que as Ciências Sociais nascem com um objetivo, ajustar a humanidade ao sistema de produção. Estas ditam normas, ensinam leis que regulam a economia, a sociedade, a política e a história. E o Estado, por fim, se encarrega de criar políticas governamentais baseadas nos conhecimentos científicos¹⁵.

Chama atenção alguns procedimentos que contribuíram para a solidificação do imaginário das Ciências Sociais. O primeiro deles é o projeto de

invadir o que conhecemos hoje por América Latina, no século XV. Apenas no século XVII que Inglaterra, França e Holanda entram no jogo.

¹⁵ A própria imposição do neoliberalismo vista como teoria econômica e não como aparato ideológico de dominação teve a ajuda das Ciências Sociais para se consolidar (LANDER; 2005).

governamentalidade, que tem a ver com a utilização da razão para criar o perfil do Outro e de si mesmo. O processo colonial é civilizatório e, por isso, demanda o controle das paixões e pulsões. Ao mesmo tempo em que os europeus construía o tipo humano ideal para a sociabilização moderna, inventavam o Outro oposto de si. Castro Gómez utiliza as contribuições de Beatriz González Stephan em que esta identifica práticas disciplinares que forjaram o/a cidadão/ã latino-americano/a, a saber: as constituições, os manuais de urbanidade e as gramáticas do idioma. No entanto, a legitimidade repousava na escrita. Sem a escrita não se escreveria leis, identidades nacionais, programas modernizadores, etc. Por isso, de acordo com González Stephan (apud CASTRO-GÓMEZ, p. 81), o projeto de nação se funda por meio de instituições legitimadas pelas letras: escola, hospitais, prisões, dentre outras, e também por discursos que se hegemonizam (mapas, constituições, manual de higiene, etc.).

A constituição serve para fomentar um tipo de cidadão requerido pela subjetividade moderna. É a constituição que dita quem têm direitos ou não. Os manuais de urbanidade obrigam o indivíduo a controlar suas emoções e paixões para se tornar civilizado. É preciso ser educado, ter etiqueta, ser limpo, mudar os antigos costumes que, numa sociedade civilizada/moderna, não são permitidos. Por fim, a gramática do idioma tem que ver com a estabilização linguística da sociedade, para que as transações econômicas sejam facilitadas, mas também para exercer uma função de status, gerando a cultura do bem dizer. A colonialidade está imbricada na ideia de modernidade. Uma não pode existir sem a outra.

O que mais chama a atenção para esta análise é que o projeto da modernidade em voga distribui noções binárias para todos os âmbitos da vida. Se o europeu é civilizado, o indígena americano é bárbaro ou selvagem. O moderno é oposto ao atrasado, tribo/sociedade, mito/ciência, e assim por diante.

Raewyn Connell (2012) explica que a Sociologia, ou melhor, as próprias Ciências Sociais se fundam na cultura imperialista dos países ocidentais interessados na colonização. As ciências sociais se tornaram um projeto civilizatório, pois por meio delas poder-se-ia dar respostas às diferenças encontradas entre a sociedade ocidental e as outras. A grande maioria dos teóricos até o final do século XIX acreditava veementemente que havia diferenças entre o Eu ocidental e as culturas primitivas. Connell chama essas diferenças de “diferença global”. O fato é que havia uma percepção construída dentro do conceito de “progresso”, e mais

importante ainda, a distinção e hierarquização global eram interpretadas em termos raciais.

Recorri ao início do processo de colonização para explicar como se efetiva o controle da subjetividade porque sem uma análise de longa duração fica impossível entender a representação do lixo como objeto analítico em nossa sociedade sem levar em conta as ideias de civilização e desenvolvimento que nos foram impostas. São os manuais de urbanidade das sociedades colonial/modernas que impõem modelos de apresentação e comportamento do ser. Ser civilizado é ter boa higiene, falar de acordo com os padrões exigidos, comportar-se adequadamente nas interações, controlar os impulsos, etc. Nomeei este capítulo de colonialidade no lixo porque este objeto é diametralmente oposto às noções de desenvolvimento, progresso, limpeza, etc. E convenço-me a cada vez mais de que os aspectos simbólicos inerentes ao lixo se construíram neste desenvolvimento histórico da racionalidade europeia imposta violentamente, determinando e hierarquizando o Eu-Outro, limpo-sujo, cheiroso-fétido, vida-morte, moderno-tradicional, novo-velho, organizado-desorganizado, humano-subumano, dentre muitos outros pares binários.

Este é o campo teórico no qual me amparo para entender o lixo e as implicações decorrentes destas representações. Fiz isso para poder fugir de expor um modelo explicativo sem bases históricas. A abstração antropológica e sociológica da realidade se enriquece com o auxílio da contextualização histórica. De agora em diante ficará mais fácil entender porque o lixo carrega consigo representações tão negativas.

1.2. O lixo como construção histórico-social

Pretende-se destacar aqui interpretações pelas quais o lixo está condicionado. As duas primeiras acepções demandam distintas formas de governamentalidade das condutas humanas. Na primeira o lixo é visto como sinal de impureza, perigo, velhice, fétido, doença e morte; na segunda, vê-se o lixo na forma resíduo e tem a ver com a saúde do planeta. Por isso, surgem novas maneiras de comportamento frente a estes restos. No terceiro mote de análise exponho uma interpretação que diverge das demais abrindo precedente para entender a aproximação entre as pessoas e o lixo ou a sujeira. Quero deixar explicitado que as perspectivas não se excluem, as três se convergem na contemporaneidade.

O lixo se configura como um objeto de extrema importância para analisar as desigualdades sociais, visto que ele corporifica as contradições da sociedade. Para isto, basta que verifiquemos a quantidade de rejeitos produzidos por distintas unidades sociais. Estima-se que as classes abastadas chegam a gerar de 1,5 e 2,0 kg/hab/dia, enquanto nos seguimentos mais pobres o nível de produção de lixo chega a 0,3 kg/hab/dia. Calcular estatisticamente a produção de lixo envolvendo todos os habitantes incorre num grave erro, pois privilegia os grupos que mais geram rejeitos. Além disso, cria-se um tipo de cidadão que não existe na realidade, pois nem todos consomem o mesmo (Entrevista com Maurício Waldman, 2011¹⁶).

A preocupação com a destinação dos dejetos existe desde a antiguidade. Sempre houve pessoas responsáveis por isso. Hércules, na mitologia grega, tinha a função de desviar o curso das águas para dentro das estrebarias removendo o estrume para o campo e, com isso, fertilizando a agricultura. Não é à toa que Hércules tornou-se o patrono da limpeza urbana. Na Alemanha do século XVII a limpeza urbana era responsabilidade dos carrascos que por sua vez utilizavam prostitutas e bandidos para limpar as ruas. Prostitutas e bandidos deveriam efetuar essa atividade porque usavam a rua mais que as outras pessoas. (EIGENHEER, 2009). Os escravos eram encarregados pelo transporte dos dejetos no Brasil escravista do século XIX.

Outra percepção negativa que os resíduos resultantes da atividade humana contêm é a relação entre sujeira, doença e morte. Essa ideia também surgiu na Idade Média, período histórico no qual a higiene e os cuidados com o corpo não eram as coisas mais importantes para as pessoas. Os dejetos¹⁷ tornaram-se ameaça à vida porque foram associadas às epidemias e pandemias da Idade Média. No século XIV acreditava-se que as epidemias eram contraídas pelo ar e, por isso, havia o medo dos dejetos contaminarem as pessoas, pois eram expurgados das janelas das casas para as ruas das cidades medievais. A peste negra foi uma dessas grandes epidemias (VELLOSO, 2008). A noção de transmissão de doenças associadas aos dejetos na Idade Média não mudou tanto de lá para cá, mesmo sabendo que as noções médicas afirmavam que a transmissão de doenças ocorria por outros fatores, como a picada da pulga, do carrapato ou o contato com ratos, todos infectados.

¹⁶ Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/500514-a-era-do-lixo-ele-esta-visceralmente-associado-ao-atual-modo-de-vida-entrevista-especial-com-mauricio-waldman> << Último acesso em junho de 2016 >>.

¹⁷ Dejetos são resíduos produzidos pelo corpo humano, fezes, urina, catarro, secreções em geral.

Pode-se perceber que a ideia sobre o lixo envolve um enredamento de tipos humanos considerados desqualificados. Prostitutas, negros e bandidos eram obrigados a catar lixo porque eram associadas/os com a degeneração. As prostitutas, vetores de doenças; os ladrões por roubarem e negros/as pelo sistema escravista. O estigma existente na atividade da catação de lixo tem muito a ver com esses exemplos, pois dava a entender que quem deveria praticar o ato de limpar as ruas eram pessoas consideradas desqualificadas, associando uma “baixa moral” com a sujeira material. É apenas no século XX que o lixo passa a representar problema ambiental, pois o advento dos descartáveis exacerba o consumo e os níveis de rebotelhos se tornam extraordinários.

No Brasil contemporâneo estas reminiscências continuam. A limpeza urbana ainda é majoritariamente de responsabilidade dos/as negros/as, isso tem a ver com o fim da escravidão e a falta de políticas sociais para possibilitar a mudança nas condições de vida dessas pessoas. Outro caso comum é ver os projetos de ressocialização de presidiários através do trabalho de limpeza urbana. Mesmo sabendo que tal projeto tem um sentido positivo, ela não deixa de reproduzir velhos estereótipos. Mudam-se as estéticas, mas as práticas são as mesmas.

Gabriele Grossi (2003) explica que as definições de senso comum sobre o lixo fazem parte dos nossos processos primários de socialização, nas normas de higiene e poluição, nos juízos de valores e regras morais que delimitam o que é moralmente aceito. A visão de mundo que se cria é a consideração do que é saudável, bom, limpo, humano e está dentro da normalidade.

O lixo, como produto de qualquer atividade humana é tudo aquilo que se joga fora, todas as coisas que, na consciência coletiva, estão ultrapassadas ou são desnecessárias. Quem tem empregada/o doméstica/o não toca no lixo. Nos apartamentos em que há a porta principal e a da cozinha (serviço), o lixo sai pela segunda, não pode passar pela sala principal e é o/a zelador/a quem se compromete em bater em cada porta de apartamento para recolher os restos. As regras sobre a sujeira refletem posições hierárquicas na sociedade. Há um chavão bem conhecido e compartilhado entre nós: quem não estuda, cata lixo! Quando brigamos com alguém, o chamamos de lixo. O lixo, em nossa sociedade, se apresenta como o suprasumo do pior, do que há de ruim. Esses significados compõem sua semântica. Ele também é atrasado, passado da validade, usado demais, já não presta, está se decompondo. Visto como um problema

socioambiental. Depois dos descartáveis a relação mudou mais ainda¹⁸. Os restos são percebidos como anomalias porque podem infectar, transmitindo doenças. E o seu fedor é um ingrediente a mais que atualiza os repertórios expressivos.

Passo à segunda interpretação sobre a noção de lixo que pretendo expor neste momento. Como afirmei acima, no século XX o lixo começa a ser problematizado como danoso ao meio ambiente, e isso traz significativas alterações na maneira de entender os restos. E aqui aparece o outro jeito de representar o lixo. Para Ricardo Souza e Sônia França (2013) os rebotalhos em sua *forma lixo* vêm passando por um processo de mudança de percepção durante os dois últimos séculos. Esta transformação se efetiva na conversão do significado atribuído ao lixo. Anteriormente, como expliquei há pouco, o lixo é percebido como vetor de doenças, podridão, um mal. Porém, na *forma resíduo*, como é conhecido atualmente, transformou-se em matéria de problematização da modernidade, exigindo novas formas de condutas. Dessa maneira, ele se torna objeto sintético e passível de renovação. Não se deve descartá-lo nas ruas, mas sim em recipientes em que cada tipo de resíduo tem sua cor adequada. Surge um novo discurso como regime de verdade que será utilizado como modo de governamentalidade¹⁹ do estado contemporâneo. O discurso ambientalista.

A mudança do comportamento e gestão destes materiais fomentará um paradoxo envolvendo a importância que existe na produção destas matérias e, conseqüentemente, na sua inutilidade, pois desta maneira a produção capitalista continua se renovando concomitantemente ao surgimento do insuportável que seriam os odores pútridos, rejeitos empilhados, jogados pela cidade, “a degeneração da vida a partir dos restos” (SOUZA; FRANÇA, p.5, 2013).

Os conjuntos discursivos que incidem sobre a gestão do lixo na contemporaneidade tangenciam três principais características destas práticas discursivas: discursos e ações nas áreas da saúde, o destino das cidades e a qualidade ambiental. Sendo assim, o lixo se transforma em material reciclável.

¹⁸ Atualmente vemos cooperações de organizações não governamentais e governos buscando conscientizar as pessoas para que tenham mais cuidado com o nível exacerbado de produção de lixo por causa dos impactos ambientais que isso pode causar.

¹⁹ Governamentalidade é um conceito formulado por Michel Foucault que está relacionado ao conjunto de estratégias utilizadas para conduzir a população (TEMPLE, 2013). Foucault explica que sobre governamentalidade três coisas se relacionam: 1) o conjunto das instituições, cálculos, reflexões, procedimentos que baseiam um tipo específico de poder; 2) a constituição de aparelhos de governo e de um conjunto de saberes; e 3) um estado que agora é governamentalizado. O objetivo é gerir a população de forma minuciosa atrelando soberania, disciplina e gestão governamental (FOUCAULT, 1979).

Conceitos das áreas jurídicas, administrativas e industriais ativam uma nova forma de aparecimento dos restos da cidade. Logística reversa, gestão integrada de resíduos sólidos urbanos, responsabilidade compartilhada, catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, pessoa física de baixa renda seriam algumas destas novas plataformas de intervenção e suporte das práticas discursivas das artes de governar contemporâneas (SOUZA; FRANÇA, p. 15, 2013).

Nesta perspectiva do governo das condutas em relação ao lixo surgem novas moralidades que incidem sobre as práticas da sociedade como também do indivíduo. Este passa a ser culpado por qualquer desvio de comportamento pela nova moral instituída ou por órgãos públicos de controle. É uma forma de governamentalidade internacional que tem seu início no ECO-92 realizado no Rio de Janeiro onde a questão dos resíduos e da qualidade do meio ambiente se tornam centrais para as relações humanas e da manutenção da vida do planeta.

Os resíduos que outrora eram vistos como os vilões da natureza passam a ser ressignificados pelas indústrias de reciclagem tendo em vista que o problema da poluição do meio ambiente não possui relação com estes objetos, mas sim devido a condutas humanas individuais. As pessoas se tornam responsáveis pela poluição do planeta, pois os resíduos podem ser reutilizados e isso retira qualquer responsabilidade das grandes indústrias capitalistas. O discurso ecologista se funda como principal modelo de gestão das condutas humanas pelos governos.

O terceiro mote de análise sobre o lixo vem das contribuições do antropólogo José Carlos Rodrigues²⁰ (1995). Em sua obra *Higiene e ilusão* o autor tensiona a possível existência da repugnância de certas camadas da população pelo lixo e pela sujeira no decorrer do tempo. Delimitando como marco temporal a Idade Média, explica de antemão que a Europa era um continente com incrível diversidade cultural. Havia habitantes dos quais é impossível ter uma noção exata de quando apareceram por lá como os ibéricos, germanos e bretões. A partir disso não se é possível falar da cultura medieval no singular, pois se estaria generalizando uma realidade muito mais complexa.

Rodrigues explica que quando se fala em Idade Média a comparação é feita pela sociedade capitalista industrial que atribui à primeira tudo aquilo que nela é abominável. “Esta questão decorre do fato de pensarmos que vivemos em uma

²⁰ Como é de conhecimento, Rodrigues é um autor brasileiro da tradição estruturalista, porém não me interessa aqui por sua postura teórica, mas sim pelas contribuições para entender os significados de lixo e sujeira, pois talvez seja o autor mais importante no Brasil a tangenciar tais problemáticas. Por isso, me ressalvo de ser acusado de utilizar vertentes teóricas distintas no trabalho.

sociedade que progride, que evolui, que se desenvolve, que busca metas e está sempre crescendo na direção de um estágio social aperfeiçoado” (RODRIGUES, 1995, p. 23).

A utilização deste modo de ver o mundo impede que percebamos algumas continuidades das maneiras de agir, sentir e pensar que ultrapassam períodos históricos. Isso implica em dizer que não existem rupturas imediatas que imperam nos modos de comportar-se. Neste mote de análise empreendido destacam-se dois tipos de culturas na Idade Média, o primeiro era tido como a cultura oficial: a dos nobres, da igreja, da língua culta, das artes. A segunda era vista como “popular”, cultura pagã e dos povos preexistentes ao Cristianismo e ao Estado. É sobre essa segunda cultura que o autor se debruça evidenciando as práticas efetivadas naquele período nas quais o riso, o contato direto com excrescências e a indistinção entre o público e privado eram imperativos.

A higiene pessoal era feita apenas nas mãos, pés e rosto, normalmente uma ou duas vezes por semana. Não havia separações entre corpo e alma como também a morte não era entendida como nos termos atuais. Ao invés de morrer, dormia-se para um dia despertar. Não é à toa que as brincadeiras com cadáveres eram comuns. A vida social acontecia ao redor dos cemitérios coletivos abertos em que as sepulturas não eram fechadas. Nestes lugares produziam-se pães nos fornos, crianças brincavam, encontros amorosos se realizavam. Tudo leva a crer que inexistia sentimento de repugnância por essas pessoas no que tange ao mau cheiro dos cadáveres. Nas casas, por exemplo, os quartos eram coletivos, homens, mulheres, crianças e animais dormiam na mesma cama, compartilhando os mesmos odores. “O corpo medieval nos fornece um referencial a partir do qual podemos entender esta sensibilidade aos cheiros, aos contatos tácteis, ao prazer e ao desprazer, aos gostos: trata-se de um outro corpo” (Idem, 1995, p.35). É este o corpo despossuído de senso para entender a ideia de lixo que vigora até o começo do século XIV quando se inicia o processo de fragmentação que separa o corpo da alma, público do privado, a cama dos pais e dos filhos, as excrescências do corpo, atingindo seu ápice no século XVIII. Nestes momentos os dejetos começam a ser controlados²¹.

²¹ Norbert Elias em *O Processo civilizador* (1994) demonstra densamente as mudanças ocorridas nos costumes durante a passagem da sociedade feudal para a capitalista industrial. Ganha relevo, neste caso, o alto grau de individualização modificando completamente as relações entre as pessoas, como também a própria relação do

Porém, o questionamento que Rodrigues faz e embasa a construção de sua obra é a de quê, até que ponto existe realmente certo tipo de resistência entre algumas camadas da população em rejeitar aquilo que a sociedade moderna capitalista diz ser lixo? Sua análise desdobra-se na ideia de lixo como instrumento semiótico de diferenciação de classe. Quem está mais próximo ao poder é limpo, diferente dos que estão distantes do poder, possuindo estes, contato íntimo com a sujeira.

Enfim, são estas três noções: 1) lixo como vetor de doenças, podridão, atraso, um mal; 2) a forma resíduo, passível de ser reutilizado estando inserido na lógica ambientalista de preservação do planeta; e 3) lixo como possibilidade de convívio por certas camadas da população. Veremos que estas três perspectivas se imbricam nas percepções da sociedade.

A próxima seção exhibe por meio de constatação empírica como as representações negativas existentes sobre os restos atingem as ideias e práticas dos/as catadores/as de lixo. Estas se apresentam de forma violenta nas ruas, lugares onde a exigência das regras de bom comportamento e urbanidade devem se realizar.

1.3. Entre o lixão e as ruas²²



Foto 01: (O tanque)²³

A imagem acima exhibe a localização do tanque ao lado da guarita. É neste local que catadores e catadoras se higienizam para tentar retirar a sujeira e o odor impregnados pelo lixo. De imediato lanço mão de fragmentos de narrativas que ajudam na compreensão acerca da existência de uma fronteira simbólica materializada no tanque. Os enunciados serão expostos em três blocos para que fiquem mais fáceis de serem entendidas as respostas que cada um/a me forneceu.

²² Antes de iniciar esta seção gostaria de esclarecer que coloquei a palavra “ruas” ao invés de “rua” para não aparentar oposição binária típica da noção de Roberto DaMatta (1997), que apesar de dizer que há ambiguidades entre casa e rua, uma não deixa de representar o espaço público e a outra o privado. Ruas aqui é uma metonímia para a cidade. Outra coisa, os barracos dentro do lixão podem se configurar espaços particulares, porém em hipótese alguma o lugar chamado lixão é privado, por isso não se opõe às ruas. *Entre o lixão e as ruas* refere-se à fronteira demarcada pelo tanque suscitada no prelúdio do trabalho.

²³ Todas as fotografias foram feitas pelo pesquisador e com a permissão dos/as catadores/as que aparecem nas imagens. Se em algumas fotos os/as personagens estão de costas, como a de número 2, deveu-se ao fato de querer buscar melhor enquadramento para capturar ações cotidianas

Pesquisador: Eu vejo que o pessoal quando vai sair toma banho na balança. Por que fazem isso? Você também toma?

Priscila: Tem gente que toma banho na balança, mas tem gente que toma banho no barraco lá embaixo, que tem gente que tem barraco lá embaixo e pega, bota o botijão d'água na balança e quando o carro chega aí traz pra cá, leva pra lá pro barraco. Aí toma banho, se ajeita e vai embora. Pra tirar o cheiro do trabalho, pra não ir pra casa com o peso ainda do lixo.

Pacapim: A gente toma banho lá na balança pra ir porque aqui a gente fica fedendo, maluco. A gente fede. Fede que nem carniça. A gente um com o outro não sente não, mas quem chega e encosta de junto da gente sente o fedor. Essas roupa fica pôdi. Essa aqui ainda tá enxuta. Quando começa a trabalhar fica tudo melequenta, tudo molhada. Mela de bosta, mela de um mucado de onda. Nossa roupa de ir para casa é outra. Quem carrega água aí toma banho no barraco, quem não carrega vai pra lá na hora de ir embora e toma banho lá em baixo.

Zena (47): Não, tomo banho no barraco. E tomo banho também, às vezes na balança. Tenho barraco. É que a gente fica aqui durante o dia, daí de noite, aí faz comida no barraco, dorme, tem tudo, tem a caminha, as meninas acendem candeeiro, eu acendo vela, não gosto de candeeiro.

A balança é o ponto de referência onde se localiza o tanque. O tanque possui funções para os/as catadores/as como as de limpeza corporal quando se deixa o trabalho e volta para casa, além de se obter água limpa para beber e cozinhar a comida. Tomei muito cuidado em não trazer mais informações do que o necessário nesse primeiro bloco de fragmentos. Por isso, a principal ideia tangencia os sentimentos dentro do lixão. A partir daí é possível conhecer a noção que eles têm da sujeira e o que os levam a tomar banho. Ficou evidente no fragmento de Pacapim que o lixão é o local de destinação de qualquer coisa, desde fezes a animais mortos, fora o lixo, e que por essa razão se fazia necessário limpar-se para sair, pois eles ficavam malcheirosos. Priscila, por sua vez, exhibe uma fala significativa sobre o lixo e a atividade da catação. A ideia que temos sobre trabalhar se baseia numa atividade para manutenção da vida e obtenção de bens. Porém, o odor é elemento semântico que caracteriza a noção de trabalho para a catadora. É uma categoria abstrata que possui cheiro. Na concepção de Priscila o lixo é pesado. Eu costumo dizer que ele incorpora. Mas a catadora cria outra imagem do que seria isso. Então, a ideia do lixo reaparece como uma capa fétida e pesada que é carregada sobre os corpos e que supõe-se ser possível retirá-la no momento em que se vai tomar banho no tanque. Zena também se higieniza após trabalhar. O seu enunciado se diferencia dos demais porque ela dorme no lixão, não enfatizando

tanto a representação sobre o lixo. Todos os fragmentos dimensionam os três elementos que estruturam a atividade da catação negativamente: o lixo, o odor e a sujeira.

O banho cumpre dois papéis interdependentes, ambas no âmbito simbólico. Uma é a limpeza pessoal, pois nossas regras de higiene são bem imperativas neste caso, tendendo à regulamentação de comportamentos individuais e coletivos. Outro papel é o da limpeza visando interações fora do lixão. Não basta sentir-se despoluído e cheiroso, é preciso que as outras pessoas também percebam isso. Apesar de haver regras de higiene que são compartilhadas nas heterogêneas coletividades, estas são postas à prova de forma relacional.

Um argumento interessante extraído dos fragmentos é o de que eles/as não sentem o mau cheiro, acostumaram-se. Este enunciado não ganha evidência porque as noções sobre a sujeira se sobrepõem. Mas o fato é que na saída do lixão eles/as querem mesmo é esconder algum sinal que os identifiquem como pessoas que trabalham e vivem do/no lixo. A negação do pertencimento a esta categoria se dá pelo preconceito que as pessoas possuem sobre o lixo. Os casos empíricos encontrados são representativos:

Pesquisador: Alguma vez já sofreu preconceito na rua? O que as pessoas acham de quem trabalha aqui? Você se considera o quê?

Cabrinha (57): Dentro da rua sofre. Todos nos já recebeu. Se chamou um de lixeiro, tá chamando todos. Eu já vi uma senhora na rua, a mulher chamou ela de lixeira. Ela também não teve vergonha de chegar e dizer assim: “Vamos lá na EMBASA²⁴, vamos na COELBA²⁵ vê a nossa conta pra ver como é que tá. Diz você que é uma funcionária, mas não vejo você trabalhando em firma nenhuma. Eu só vejo você aqui no mercado. Agora vamos ver quem é que deve. Porque eu sou lixeira, mas minhas contas tá todas pagas e minha casa toda arrumada.” Eu sei que ela abaixou a cabeça, algumas pessoa vaiou e outras apraudiu ela. As que vaiou é que são amiga da outra. Agora as que apraudiu é que sabe o que é trabalho.

Eu me considero um reciclador. Todos que trabalham ním aterro é reciclador. O lixeiro é aquele que cata o lixo pra comer. Eles vê como todos por igualmente é um só. (O povo enquadra todas as pessoas que catam lixo numa categoria só) Para eles o lixeiro e o catador tudo é o mesmo. O verdadeiro lixeiro é aquele que cata o lixo pra comer. E nós cata pra vender. Nós recicra. E eles catam alimento. Aí é o lixeiro.

Zena: Eu já cansei de passar e os outros me chamar de lixeira. Mas o lixeiro verdadeiro é aquele que come lixo. A gente somos apenas reciclador. Mas

²⁴ Empresa Baiana de águas e Saneamento S. A.

²⁵ Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia.

pra eles, né? Porque o lixeiro é aquele que vai pra lixeira catar lixo para comer. Aqueles mendigos, aqueles doidos. É, é morador de rua. Ahh, mas o povo chama: “Quem é você, lixeiro?” Hoje em dia sempre quem já falou que não trabaia no lixo, hoje em dia eu tô vendo tudo aqui no lixo.

Pacapim: O povo só faz dizer: “Rapaz, como é que vocês têm coragem de trabalhar num lugar daquele?”.

Porque aqui é o lugar eu vem tudo de ruim da cidade. Tudo que sai da nossa casa, do meio da rua vem tudo para aqui, num é? Tudo o que se joga fora cai é aqui. Se você joga fora um cachorro morto, vem parar aqui. Se você jogar um cavalo morto, vem parar aqui. Tudo vem parar aqui. Se você perder um documento, achará aqui.

Várias são as formas de atribuições negativas proferidas pela comunidade, como acabo de mostrar. Tudo o que é designado imprestável encontra o lixão como destino final. Essas coisas imprestáveis são o lixo que retiramos de nossas casas, os animais mortos, bebês abortados e o que está no meio da rua, como disse Pacapim. Se prestarmos bem atenção neste enunciado, verificar-se-á um imaginário que confere atraso ao lixo. Se o lixo é algo que não presta por ser atrasado, imundo, feio e subumano é porque este imaginário se ampara em noções binárias de representações. Por mais que os/as catadores/as nos digam que se acostumaram com o mau cheiro e que são recicladores/catadores, trazendo categorias que eles/as acreditam serem respeitáveis, tudo muda quando estão nas ruas. A representação binária é hegemônica na rua, local de trânsito onde a experiência é vivenciada, que as formas de pensar são exteriorizadas por meio da fala, pelo olhar de repugnância, pelos comportamentos de afastamento, ou seja, pelas punições morais e preconceituosas contra aqueles/as que vivem a vida em contato direto com os dejetos e resíduos. Quando essas pessoas são vistas dessa maneira na rua, seus corpos se tornam abjetos. A abjeção não está apenas nas excreções do nosso corpo como o escarro, as fezes, a urina, etc., ela também se faz presente nos corpos das pessoas (SILVA, 2000). Pela descrição de alguns/mas catadores/as clarividente está que, para as pessoas na rua, seus corpos estão imundos e fétidos, pois são abjetos. E assim, menos humanos, como propõe Judith Butler (2002).

Cientes de que são discriminados torna-se necessário criar diferenciações e direcionar os atributos negativos a outras pessoas. Agora fica possível entender a afronta que é ser chamado de lixeiro/a. Ser lixeiro/a não é o mesmo que catador/reciclador/a. Para os meus/minhas colaboradores/as sua atividade é

importante para o meio ambiente, diferente do lixeiro que come lixo para sobreviver e vive na rua. Os moradores em situação de rua passam a ser o grande símbolo de repugnância, decadência e subumanidade na concepção de quem trabalha no lixão. O ladrão também é discriminado entre os/as catadores/as, pois vive roubando os bens das pessoas. Lixeiros e ladrões são importantes para os/as catadores/as, pois sem eles não seria possível ressignificar a atividade. Diz-se que é melhor estar catando lixo do que roubando (FOSSÁ, 2006). Sobre o lixeiro eu já não preciso dizer, os fragmentos das narrativas foram enfáticos. Outrossim, essas duas categorias de pessoas promovem a marginalização desses grupos. Evidencia-se o trabalho como marcador de diferença hierarquizante, tendo em vista que ser reciclador/catador/a é praticar uma atividade bem quista, porém roubar e mendigar, não. Os/as catadores/as de lixo historicamente eximidos de fala e marginalizados conseguem reproduzir a mesma violência contra o ladrão e o morador de rua. Entretanto, eu não estou atribuindo juízo de valor negativo a esses pensamentos e práticas. Tais diferenciações compõem estratégias dessas pessoas de se livrarem do preconceito, valorizar sua profissão e identificação.

Como pode o/a catador/a querer se diferenciar do morador em situação de rua chamando-o de lixeiro pelo fato deste comer lixo para sobreviver se o/a próprio/a catador/a também o faz? A resposta situa-se nas formas pelas quais estas duas unidades sociais experimentam o lixo. O/a morador/a em situação de rua não vive imperativamente do que o lixo proporciona, até porque os rebotelhos na cidade também são disputados por outros/as catadores/as de lixo. Normalmente quem cata nas vias públicas não o faz no lixão. Se o/a morador/a em situação de rua se sustenta por meio de esmolas e das caridades que grupos assistenciais praticam, dando sopa, roupas, etc., alimentar-se de lixo se torna algo espantoso, por demonstrar que não houve alternativa. Por isso, são classificados de doidos, maltrapilhos e lixeiros. Não é à toa que as pessoas do lixão se banham e trocam de roupas antes de adentrar a rua. Do lixão para dentro há códigos que territorializam aquele lugar. Do lixão para fora, efetua-se o que Erving Goffman (2004) denominou de encobrimento, a manipulação da informação que uma pessoa faz tentando encobrir um atributo considerado socialmente negativo. Porém, é uma tática que tende a ser descoberta por descuido pessoal ou pelo reconhecimento de outrem.

Ainda respondendo a pergunta acima, os/as catadores/as se distinguem dos/as moradores/as de rua porque, neste caso, não se está catando, comendo e

vivendo do lixo por obrigação, mas por uma alternativa possível. E vai-se adiante: o lixo é o organizador das práticas e orientador do mundo desses/as recicladores e recicladoras. Essas argumentações compõem o repertório de respostas quando se é colocado em situação vexatória. Porém, dizer que é reciclador/catador/a como forma de resposta aos questionamentos e agressões simbólicas obriga a recusa da representação positiva que esses sujeitos possuem sobre o lixo, pois dá a entender que eles/as estão no lixão unicamente para trabalhar, o que não condiz com a realidade. As ruas têm o poder de tensionar as categorias e códigos construídos dentro do lixão. Essas pessoas, cientes de que a população não entende o lixo de maneira positiva, reproduzem discursos que vão de encontro a tais representações. Isso por um lado acaba violentando-os, visto que os rebotalhos e a sujeira não são tão terríveis assim.

Para ter um parâmetro acerca do entendimento que os/as catadores/as possuem referente à utilização do lixo vale a pena observar mais algumas argumentações:

Pesquisador: A senhora utiliza o material coletado aqui?²⁶

Sália (46 anos): Sim, botas, luvas. Alimento não. Mas teve um dia mesmo que o carro jogou, o carro de Candeias jogou aqui muitas coisas, arroz, feijão aí foi aproveitado. Outro dia mesmo a caçamba jogou, foi da prefeitura de Santo Amaro jogou uma caçamba de comida aqui, tomei fardo de arroz, fardo de feijão, foi tudo aproveitado, dizem que foi porque tinha passado da validade por isso jogaram. Mas todo mundo aproveitou.

Zena: Então, logo que não vai passar na televisão eu vou te dizer. Tem vez que a gente não tem comida, tem vez que a gente tem. Tem vez que a gente come do lixo quando acha. A pois, meu fi. Tem vez que a gente não tem o dinheiro pra comprar, a gente acha alguma coisa aqui, já aproveita e come. Acha um arroz assim, um feijão. Uma carne de sertão e cozinha e vai vivendo a vida por diante, né não, Cabrinha? (Zena fala olhando para Cabrinha para que ele confirme).

Sobre a resposta de Sália o “Não” aparece ao falar do alimento. É o que acontece sempre quando a pergunta gira em torno da alimentação dentro do lixão. A boca é uma região quase sagrada, por onde se experimenta os sabores, na qual a manutenção de nossas vidas é efetivada, pois é ali que comemos e bebemos. Então, afirmar comer o que se encontra no monte de lixo parece uma violação

²⁶ Apesar de querer saber se elas se alimentam da comida encontrada no lixo, faço uma pergunta menos direta, pois me interessa em ter ciência de outros tipos de restos reaproveitados.

moral, visto que a comida encontrada está “poluída” pelo contato com o lixo. No entanto, a relação que se tem com os objetos dentro do lixão não são as mesmas que uma pessoa não iniciada na catação possui. Sália em seguida diz “Mas” - conjunção adversativa - para se referir ao dia em que o caminhão, como se fosse um acontecimento esporádico, despejou alimentos com o prazo de validade findado ela pegou para usufruir, distinguindo-se assim da frase anterior em que a mesma disse que não comia. A perspectiva muda quando ela reconhece que aqueles restos são passíveis de serem utilizados. Nesta parte não cabe a ela atribuir juízo de valor sobre os objetos, pois na ocasião aproveitou-se o despejo do caminhão e catou. O contato cotidiano com o lixo crava experiências que vão além da necessidade. Em outras palavras, sua ação ampara-se num sistema de representação cuja classificação do que é lixo transcende as ideias binárias de bom-ruim. É por isso que há restos desejáveis e os que não são.

No caso de Zena, ela parece ter comportamento impulsivo, inúmeras vezes gritava os companheiros e companheiras de convivência, delatava algumas ações para demonstrar-me que não era ela apenas quem cometia. Zena é mais direta. Depois de lembrá-la que sua entrevista não seria publicada na televisão ou revistas ela me diz incisivamente que come “do lixo quando acha”. A tentativa de atribuir juízo de valor negativo sobre tal prática passa longe ou inexistente. Toda narrativa caminha de mãos dadas com a ideia do reaproveitamento. Diferente dos lixeiros como visto anteriormente. Não existe proibição moral no que tange a utilização do que é catado. A moral tende a coagir fora do lixão, nas ruas, em que catar lixo representa ato inferior dentro de uma estrutura hierárquica de valores.

O tanque é a fronteira simbólica que dará ênfase às distinções entre o lixão e as ruas. No primeiro, há a constituição de códigos e significados específicos construídos naquele contexto fazendo os/as catadores/as se identificarem com eles. Nos segundos, existe o contato com a sociedade em geral. E é aqui que começam a aparecer os problemas, pois há uma hierarquia valorativa no que tange moralmente pertencer a uma categoria de trabalhadores/as como esta. As ruas são lugares de negação da identificação de catador/reciclador/a de lixo.

Certa vez, indo para o lixão por meio do transporte alternativo, levava comigo dois grandes sacos de roupas que iria doar aos/as catadores/as. Avisei ao cobrador do carro que queria parar no lixão, mas ele simplesmente esqueceu-se de

avisar ao motorista e quando o carro parou, tinha me deixado na comunidade do movimento sem terra, que se localiza próximo ao lixão, mas também distante da cidade. Falei com ele que aquele não era o local, respondeu-me que tinha entendido que era aquele local. Depois de descer do carro um pouco irritado, perguntei a uma pessoa qualquer que estava na beira do asfalto qual possível distância percorrida para chegar ao lixão, disse-me que no mínimo três quilômetros. Comecei a andar e avistei um motociclista indo à mesma direção para a qual eu andava e pedi-lhe uma carona. Fui até o meio do caminho, pois o rapaz teria que entrar noutra estrada. Então comecei a andar em direção ao lixão às nove da manhã na beira da estrada com dois sacos cheios de roupas. De repente, escuto uma voz bastante conhecida, quanto mais andava mais audível ficava e logo encontrei um catador tomando cachaça numa pequena barraca de beira de pista. Bom, até com os imprevistos de pesquisa é possível conseguir algo produtivo, visto que foi nesse pequeno estabelecimento que eu vi como a manipulação da identidade se dava na prática, em minha frente. Ao encontrar Volk (28), catador de lixo, fiquei bastante contente e então comecei a falar com ele. Ele não me reconheceu e eu perguntava: você não se lembra de mim? Estou pesquisando lá onde você trabalha. Depois de algum tempo ele finalmente me “reconheceu” e me disse que eu estava indo pelo caminho certo e que logo eu chegaria ao lixão. Mesmo depois de ter-me “reconhecido”, Volk, como já disse anteriormente, apenas respondeu que eu estava no caminho certo, sem mencionar de forma alguma o lixão, então me despedi e continuei andando. Volk chegara cinco minutos depois de mim em sua bicicleta e logo começamos uma longa conversa sobre variados assuntos. O lixão era o local onde nós poderíamos conversar, mas a barraca onde ele estava bebendo não era o lugar propício para falar de lixão, pois lá a sua identificação de catador estava sendo encoberta.

O contato com outras pessoas viabiliza aos/às catadores/as se perceberem como tais. São essas diferenças que são evidenciadas no momento em que os sujeitos interagem com o restante da população e os permitem ter consciência de suas próprias condições de vida. A separação entre o lixão e as ruas ajuda a perceber como as estratégias, de fato, são acionadas. Se os encontros tendem a difamá-los, a identificação é manipulada encobrindo o conhecimento sobre o lixo ou qualquer contato. Por outro lado, quando a ocasião é favorável, vitimiza-se para sensibilizar ou angariar qualquer ajuda paliativa. Os/as catadores/as de lixo sabem o momento exato de cada subterfúgio.

Fatos curiosos acontecem com os/as profissionais da assistência social, da saúde e até pesquisadores/as. Cada vez que um/a deles/as adentra o lixão no objetivo de promover algum tipo de ajuda, conscientizar ou comprovar teses prontas, pode ter certeza que seu desiderato será alcançado, pois os/as catadores/as sabem o que essas pessoas querem ouvir e dizer. Daí a vitimização é uma estratégia que sensibiliza os/as outros/as dando a entender que trabalhar no lixão é sinônimo de subumanidade. Isso acontece porque estes profissionais já interagem com os seus preconceitos sobre o lixo. A violência se estabelece aí, ao sequer deixar-se levar em consideração os saberes dessas pessoas.

Os/as profissionais da assistência social propõem cursos profissionalizantes, investigarão a falta de benefícios, visitarão casas, pois em suas formas de pensar aquelas pessoas precisam de ajuda, são infelizes e excluídas. Alejandro Moreno (2005) com muita sapiência explica que o discurso da exclusão sempre parte dos que se acham incluídos, pois a ideia da inclusão sempre esteve relacionada à cidadania e ao Mercado. Ao pensar a partir de regras de funcionamento dadas pela economia e cidadania limitam-se as possibilidades de elaborar conhecimento sobre o que é externo. Para Moreno há um sistema de trocas no mundo-de-vida popular com suas próprias normas sendo comum convergir com o mundo-da-vida do mercado.

Claro está que esta *outredad* não está isolada. Externalidade não é isolamento. Entra constantemente em contato com o sistema de mercado, mas não se deixa eliminar por ele. Todos os dias as pessoas saem de seu mundo-da-vida popular para entrar no mundo-da-vida do mercado e nesse momento se submetem a suas regras, mas quando regressam a sua comunidade, saem dele. As relações entre um e outro são complexas. É claro que a maioria dos recursos que se intercambiam no povoado provêm do mercado, mas não está dito que o mundo-de-vida popular, se fosse deixado a seu próprio modo de produzir, estaria incapacitado para fazê-lo. Por outro lado, não está muito claro até que ponto o popular permeia e invade o mercado em seu próprio terreno e em seus próprios agentes. Talvez esteja nisso a preocupação por modernizar o venezuelano a todo custo (MORENO, 2005, p. 93).

Obvio está que Moreno fala da população venezuelana, porém o que nos importa servindo como exemplo aos/as catadores/as é que eles/as também possuem seu mundo-de-vida popular quando suas relações se baseiam no lixão ou no seu próprio bairro. É fato que o lixo advém de uma sociedade inserida numa lógica mercantil, mas o lixo direcionado ao lixão se transforma em matéria prima.

São os/as catadores/as que se tornarão responsáveis. Por isso, busquei as análises de Alejandro Moreno, pois o mesmo critica a tipologia binária entre excluído versus incluído, acreditando na concepção de mundos-da-vida conviventes.

Para os/as profissionais da saúde os/as catadores então condenados ao contágio de doenças. A narrativa sanitária é hegemônica. A violência epistemológica se ampara no saber científico que não abre possibilidades para outros entendimentos. Cristina Sosniski (2006) realizou uma etnografia com pessoas que trabalhavam com o lixo na Ilha Grande dos Marinheiros, região metropolitana de Porto Alegre. Ela descobriu em seu campo que a noção de doença daquelas pessoas estava intrinsecamente ligada com a representação sobre o lixo, visto que este se caracterizaria como ordenador do mundo e das práticas. Ademais, acrescenta que a representação tende a organizar as noções e percepções sobre as doenças. Sosniski explica que as ideias sobre as dores sentidas pelas mulheres catadoras se configuravam como *Illness* que tem a ver com as experiências e percepções psicossociais sobre a perturbação ou a doença que aflige a pessoa. Enquanto os/as profissionais do posto de saúde viam as dores cotidianas das catadoras como *Disease*, ou seja, o diagnóstico objetivo da patologia. As mulheres catadoras não associavam suas dores a uma doença específica devido ao trabalho, mas sim pelo tipo de atividade praticada. Isto é, essas pessoas não entendem as dores como uma patologia (tendinite, bursites, síndrome do túnel do carpo, etc.), mas como perturbações pelo esforço efetuado na catação.

Os/as pesquisadores/as com os seus questionários, entrevistas e modelos teóricos prontos continuam agredindo intelectualmente os/as catadores/as. Imputar categorias produzidas em outros contextos evidencia relações assimétricas. A mudança de perspectiva fundamentada está no vislumbre de novas epistemologias.

Há algo de comum nos três tipos sociais citados? Por mais bem intencionados estejam e queiram ajudar, os/as profissionais da assistência social, da saúde e os/as pesquisadores/as acabam reafirmando o caráter dicotômico e negativo que o lixo possui na sociedade. Sujo-limpo, atrasado-desenvolvido, saúde-doença, ciência-costume/tradição. Pares binários que estão no âmago da construção das sociedades latino-americanas fundadas no processo de colonização e na ideia de modernidade.

Após essa reflexão não posso me eximir de trazer fatos empíricos que ilustram o que nós entendemos sobre o lixo. Para isso é necessário rever o conceito

de representações coletivas. Émile Durkheim (1996) em *As formas elementares da vida religiosa*, ao analisar a religião como produto social, formula o conceito de representações coletivas. Para ele, estas são as maneiras de ver o mundo que nos cerca pelo conjunto de crenças e sentimentos comuns. Isto é, funções mentais que representam qualquer coisa. Neste conceito é importante entender que as representações coletivas não são meramente a junção das representações individuais. Sendo assim, há uma síntese *sui generis* que ultrapassa as vontades das consciências individuais.

Porém, o que falta em Durkheim é a percepção de que toda representação social reproduz formas nas quais nos organizamos socialmente a partir de discursos diversos que hierarquizam e tencionam verdades.

Denise Jodelet (2010) é outra autora que trabalha com o conceito de representações sociais. Ela explica que as representações são necessárias para ajustar, localizar intelectualmente, identificar e resolver problemas no mundo vivido. Entende-se que uma pessoa não vive num vazio social e diante desta constatação é imprescindível o compartilhamento das maneiras de ver e entender o mundo entre os membros da sociedade. Por isso que as representações são sociais. Elas nomeiam aspectos da vida cotidiana, evidenciando como interpretá-los e agir. Para a autora, as representações sociais “circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais” (JODELET, 2010, p. 1). Assim fica mais fácil de entender como as representações vão sendo compartilhadas pelos membros da sociedade.

Agora já posso analisar, tendo trazido o conceito acima, como o lixo é representado. Busquei enunciados e frases em que o lixo serve como parâmetro de mensuração para certas atitudes, além de evidenciar a força dos manuais de urbanidade em nossa sociedade. Vejamos:

“Povo limpo é povo civilizado.”

(Comunicação interna de um prédio residencial em Salvador que fazia menção a um condômino que estava atirando preservativos usados no playground do condomínio.).

"Aonde estão os golpistas? Na lata do lixo da história"²⁷

(Aluísio Mercadante, ex-ministro da educação falando para o público no dia 12 de Abril de 2016).

"Velha, desacreditada e do lixo."

(Frase publicada com a imagem da revista Veja dentro da lixeira na página: fb.com/osoldadinhodechumbo).

"Os outros centros reclamam dos movimentos políticos do CAHL e depois vem pro grupo reclamar que não tem ventilador. Vão continuar no lixo! Não vale nem a pena discutir."

(Rafaela Barreto, estudante de graduação discutindo a possibilidade de uma assembleia geral com a pauta de greve estudantil num grupo da plataforma Facebook).

"Com os investimentos em educação, tenho certeza que as pessoas vão aprender a fazer melhores escolhas no tipo de cultura que irão consumir, pois esse lixo cultural é deprimente. Isso vai passar."

(Trecho de entrevista feita com Luiza Maia, Deputada estadual da Bahia, autora da Lei Antibaixaria ao Portal News)²⁸

Como ser catador/a de lixo numa sociedade que idealiza os restos dessa maneira? Os enunciados acima são poucos, mas contundentes. Quem não está limpo, não pode ser civilizado. Tudo que se nega ou se atribui valor negativo denomina-se de lixo ou destina-se a ele. Se o conteúdo de uma revista é considerado ruim - por motivos que não nos interessa aqui – deve-se jogar na lixeira, pois lá é o lugar de coisas que não prestam. Quem não participa de movimentos políticos continuará no lixo, no submundo, no calor, na sujeira. Quer dizer que quem está no lixo não busca melhores condições de vida? O lixo está de forma irrefletida em quase todos os discursos e relações cotidianas. Ou seja, a noção hegemônica de lixo é um enredamento que estrutura hierarquias valorativas na sociedade. Porque dentro dela está contido o mau cheiro, a sujeira, o atraso, o velho, a mácula, a irresponsabilidade, a preguiça, o profano e a doença. Tudo o que as pessoas não querem para si. Sempre que uma comparação é feita, o mais abominável é o lixo. Este não tem valor moral algum. Moralidade e civilidade caminham de lados opostos aos dejetos e rebotalhos.

²⁷ Fonte: <http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/225424/Mercadante-%E2%80%9CGolpistas-est%C3%A3o-na-lata-do-lixo-da-hist%C3%B3ria%E2%80%9D.htm>.

²⁸ (LOPES, M.; 2014).

O que acabo de mostrar é a tessitura de um campo semântico envolvendo o lixo. São vários significados para uma coisa só. Quando a palavra lixo é acionada nos discursos, sempre é feito para ridicularizar alguém ou alguma coisa. É utilizado pejorativamente. O termo serve para estes fins. Tudo isso é uma violência com precedentes, a modernidade como ideia. Aquilo que é moderno é avançado, desenvolvido, novo, limpo e direcionado ao progresso.

Para não fica atrelado apenas a essas noções podemos também relacionar tais percepções ao ideal de nação que as elites brasileiras possuíam no final século XIX fomentando intervenções higienistas nos espaços urbanos (MISKOLCI, 2012).

No Brasil atualmente existe a Lei nº 13.305/10, que instaura a Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), um dos objetivos desta lei é promover o enfrentamento aos problemas ambientais decorrentes do manejo inadequado dos resíduos sólidos. Creio ser uma lei importante tendo em vista o aumento devastador de restos produzidos pela população. Porém, algo chama a atenção, a lei tem o caráter de se equiparar aos países desenvolvidos. Em outras palavras, não há interesse em promover uma política com base no nosso contexto brasileiro. Não se leva em conta as narrativas de quem trabalha nos lixões. É mais uma política vertical e com vistas para o desenvolvimento a partir da visão europeia. Fabiana Izaias (2010) escreveu uma dissertação em que dedica uma parte do trabalho para evidenciar o que ela mesma chamou de “A guerra do lixo”, o drama vivenciado pelos/as catadores/as com a desativação do lixão de Jangurussu, em Fortaleza, capital do Ceará. O fechamento do lixão ocasionou brigas com a prefeitura e policiais e fomentou o êxodo de muitos/as catadores/as que ficaram sem recursos, pois a usina de triagem construída não comportava todas as pessoas. Os/as catadores/as que continuaram, trabalhavam na esteira, imagem muito parecida com o processo de produção fabril. O que o fechamento do lixão ocasionou foi a reintrodução de sistemas disciplinares para o trabalho aos/às catadores/as de Jangurussu.

Apenas tomei conta da importância dos saberes que os/as catadores/as possuíam sobre o lixo dentro do lixão após presenciar a limpeza corporal no tanque. As águas que precipitavam limpando aqueles corpos foram as mesmas que me condicionaram a grafar este trabalho. As ruas exigem padrões de comportamentos e atitudes não condizentes com os aprendizados construídos dentro do lixão. Por isso,

o tanque se caracteriza como a fronteira entre distintos tipos de sociabilidades. É nele que os/as catadores/as tentam dissimular suas marcas que já estão incorporadas. Estas pessoas tensionam nossa perspectiva de mundo, desorganizando nossos sentidos, estando em lugares em que, na verdade, só deveria haver restos, mudam a paisagem e desobedecem a regras de higiene.

Então, as ruas se tornam lugares de hostilidade, da repulsa, do ódio e, algumas vezes, do sentimento de pena direcionado às pessoas que vivem do/no lixo. Torna-se compreensível entender o porquê de Dona Sandra, servidora da prefeitura, após chamar a polícia para coagir Nô, catador, diz em alto tom: “O seu lugar é no lixão!”.

...

Sintetizando, expus neste capítulo o que denominei de colonialidade no lixo. Queria demonstrar, a propósito, que as representações existentes sobre os restos amparam-se em noções binárias de pensamento. Dessa maneira, o lixo é sujo, fétido, velho, atrasado, desqualificado e danoso à vida humana. O lixo assume uma semântica que vai além da sua matéria e tende a hierarquizar comportamentos e posições sociais.

Não obstante, argumentei de forma breve que os/as catadores/as entendem o lixo de um jeito diferente das pessoas não iniciadas no trabalho de catação. Vimos que não há dor em catar algo e utilizar ou se alimentar, da mesma maneira que não percebem o lixo como restos. Quando eles/as tentam esconder qualquer marca que os/as identifiquem com a catação de lixo isso acontece por causa do preconceito sofrido cotidianamente quando estão da porta para fora do lixão.

A negação da identificação de catador/a de lixo não existe da porta do lixão para dentro, e se isso acontece é porque essas pessoas conseguiram produzir um conhecimento e representar o lixo de uma forma que vai além dos sistemas binários de representações. Os próximos dois capítulos dirigem atenção justamente para esses saberes construídos por meio das sociabilidades existentes dentro do lixão. Com isso, vê a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre o lixo e o que essas

peessoas fazem verdadeiramente.

CAPÍTULO 2 – CONHECENDO AS NARRATIVAS DOS/AS CATADORES/AS

2.1. Trajetórias de vida e o encontro com o lixão

A narrativa que comumente tangencia o aparecimento dos/as catadores/as de lixo e que demarca os tipos de experiências destas pessoas acusa à 1) falta de oportunidades desdobrando-se em processos migratórios; 2) baixa qualificação educacional/profissional para a disputa de vagas no mercado de trabalho formal, gerando desemprego; e 3) o consumo exacerbado por parte dos/as cidadãos/ãs que tem gerado exorbitante produção de lixo nas cidades. Esta tríade não deixa de ser verdadeira, porém, ao alocar a discussão nestes termos gerais, a análise sobre a produção destes sujeitos se empobrece, uma vez que as dinâmicas e experiências vividas são escamoteadas. Nesta trama se escondem as morais reguladoras dos comportamentos, as relações de gênero, as perdas existentes ao passar dos anos, as renúncias e escolhas até o encontro com o lixão. Ao invés de focalizar os trânsitos dos/as catadores/as pelos seus antigos empregos, numa abordagem puramente instrumentalista, aonde se chega à comparação entre os trabalhos anteriores e a catação, o mote de análise aqui busca, além dessas, outras interações, abordando as distintas temporalidades de cada sujeito através das suas lembranças do passado.

Três trajetórias²⁹ de vida serão utilizadas nesta seção para que se torne inteligível os distintos contextos em que cada catadora/or estava inserida/o desde sua infância até o encontro com o lixão. Cabe ressaltar que apesar de haver especificidades em cada caso, existem semelhanças nos acontecimentos vividos por eles/as que conformam pontos de identificação no momento atual, por exemplo, as dificuldades, o trabalho precoce, a falta de um/a ente importante, a violência, a gravidez na juventude, a ausência de educação escolar, etc.

Sália³⁰

²⁹ Os dois catadores e a catadora que escolhi para expor suas trajetórias de vida são aqueles e aquela que mais tive proximidade, foram as primeiras histórias colhidas tendo muita representatividade para mim. Não obstante, são relatos pulsantes que me ensinaram muito. Servem agora como objeto analítico, mas não deixam de ser uma homenagem da minha parte aos três.

³⁰ Catadora, 46 anos de idade. Teve sete filhos/as, porém duas estão vivas. Trabalhou por apenas três meses de carteira assinada em toda a sua vida. É analfabeta. Entrevista realizada em julho de 2012.

Eu tenho 46 anos, perdi minha mãe com 10 anos de idade, fui criada com uma tia minha e no meu período que minha mãe morreu tive que trabalhar, ganhava por mês só a comida e a roupa, uma roupa por mês, aí completei os 12 anos e fui pra Salvador trabalhar, depois engravidei, tive o primeiro filho aos 14 anos, tive que trabalhar e deixar meu filho na casa de minha tia, e fui pra Salvador trabalhar. E aí conheci outro rapaz fiquei com ele uns tempos, depois de uns tempos pra cá fui pra usina, trabalhar na usina de limpar cana, cortar cana... Com 17 anos, fui limpar cana, fui abrir valeta, fui adubar, fui cortar, depois voltei, fiquei desempregada aí fui pro aterro. Aí eu vim pro lixo trabalhar, fui pra Salvador, fui pra aqui no São Francisco trabalhar, trabalhei, depois o aterro de lá fechou que era o lixão aí eu vim pra cá e estou aqui até hoje trabalhando.

Logo que pedi para que Sália me falasse um pouco de sua vida, ela, de súbito, me inunda de informações sobre a perda de sua mãe, os trabalhos que desenvolvera e a primeira gravidez sem respeitar uma lógica temporal, o que é normal quando se pesquisa oralidades. Entretanto, percebi que a partir dali teria muitos assuntos a serem explorados. Esta abordagem foi essencial para obter elementos da vida da catadora, pois ao pedir que ela me dissesse sobre sua vida, a colaboradora aciona as lembranças que mais marcaram sua vida. Por isso, questiono sobre a gravidez e a quantidade de filhos/as:

Eu tive sete filhos, mas só tenho duas meninas porque morreram todos. O mais velho morreu com dezesseis anos de acidente. Os outros morreram com seis meses, a outra menina morreu com sete dias de nascida internada em Salvador. A outra deu catarro sufocante que eu tive na enchente maior de Santo Amaro. Aí deu catarro sufocante ficou internada ainda cinco dias, mas não aguentou não. Teve... Uma enchente grande que teve aqui em Santo Amaro, nunca ouviu falar não? Uma enchente grande que acabou Santo Amaro toda, alagou toda, aí eu tive a menina nesse período só que a frieza foi demais, eu não pude ir pra maternidade, tive que ter em casa. Foi, em casa sem parteira, sem nada, com uma criatura e minha irmã que fez o parto.

Era uma senhora de idade, nunca tinha feito um parto. Mas pra eu não morrer de parto que eu ia morrer mesmo, a menina atravessou. Aí pronto amarram um pano aqui na minha garganta, na barriga, aí puxaram a menina com a mão, aí a menina ainda ficou sete dias em casa, depois de sete dias foi pra Salvador, ficou doente aí foi pra lá, aí morreu, com três dias morreu. Tenho uma menina de 19 anos e tenho outra de 18 anos, uma tem dois filhos, fica em casa, a outra de 18 tá grávida agora, tá de neném, uma menina.

Ao explicar o quê provocou e como aconteceram as mortes de seus/suas filhos/as, chama atenção a dificuldade que Sália teve na maioria de seus partos. Demonstra-se, com isso, a falta de recursos médicos e informação e as condições

de moradia e habitação. O caso mais representativo nesta descrição dos fatos parece ser o do parto que aconteceu durante a enchente na cidade³¹.

O conceito de Determinantes Sociais de Saúde (DSS) tem a ver com as condições de saúde da população. Entende-se que fatores sociais, econômicos, culturais, étnico/raciais, psicológicos, geográficos e comportamentais influenciam os problemas de saúde, mas que, por outro lado, podem ser mudadas quando se possui informação necessária (BUSS; FILHO, p.78, 2007). No caso de minha interlocutora clarividente está como estes determinantes se caracterizavam e influenciaram tanto no parto durante a enchente quanto nos outros. Santo Amaro em geral não possui eficácia em seu tratamento de esgoto sanitário; há o fator natural que é o das chuvas e o rio, este último está demasiado poluído; muitas moradias foram construídas próximas às áreas de risco; e a pobreza extrema na qual vivia também marca a dificuldade em obter insumos médicos. Coube a Sália pedir ajuda a uma senhora para realizar o seu parto, sendo que ela mesma poderia ter morrido neste dia. O nível de mortalidade infantil no caso de Sália é impressionante, apenas três dos sete filhos/as ultrapassaram a infância, sendo que um morreu de acidente aos dezesseis anos, restando duas filhas que já são adultas.

Os problemas durante o parto marcam a vida de Sália, visto que sua mãe faleceu enquanto tentava dar a luz ao seu irmão na maternidade. Daqui em diante começa a parte mais marcante de sua trajetória:

Minha mãe morreu de parto. Ela limpava roça e ia pra maré pescar direto, catar goiaba pra vender. Ela passou três dias sentindo dor e não falou com papai, aí quando ela foi pra maternidade ganhar neném aí o menino já tava morto na barriga, aí tentou salvar ela e não conseguiu não. (...) eu e minha irmã, meu irmão com um ano, quando minha mãe morreu, meu irmão tinha um ano, o outro irmão meu ficou com dois anos e eu que era a mais velha, fiquei com dez anos. Eu ainda bem não tinha os dez anos, ainda ia completar os dez quando minha mãe faleceu. Minha mãe faleceu e com um mês eu completei dez anos. Aí quando eu completei os dez anos eu já não estava mais com minha mãe.

É aí foi assim: uma irmã minha foi morar com um parente, outro irmão meu foi morar com outro parente, aí tinha mais três irmãos que não eram de meu pai que foram morar com outros parentes, aí ficou que nem filho de cachorro, um com um parente, outro com outro (risos). Quando a gente

³¹ O problema das enchentes e alagamentos em Santo Amaro é crônico e acontece há mais de 20 anos. A cidade é cortada pelo rio Subaé que quando transborda devido a fortes chuvas, seu nível de água chega a mais de dois metros de altura. A última enchente, em 2015, deixou mil famílias desabrigadas sendo decretado estado de emergência. Os bairros mais afetados foram Candolândia, Ideal e Sacramento, sendo que o primeiro é onde a maioria das/os catadoras/es possui casas.

tinha a nossa mãe ou então quando a gente perde a nossa mãe já adulta tudo bem a gente tem na consciência o que vamos fazer o que é de bom e o que é de ruim, mas quando a gente perde nossa mãe desde pequenos é a pior peste, tinha vez que eu sentia fome, passei muita fome, aí eu sentava e ia chorar que a nossa comida mais foi peixe assado com farinha, peixe seco com pirão de água quente, carne de sertão assada, uma vez no ano que a gente comia um carço de feijão. Carne fresca nem se falava, frango nem se falava. Além da minha dor quando eu ouvia alguém chamar “mainha, ô mainha.”, aí é que eu começava a chorar, eu chorava porque ele tinha mãe e eu não tinha. Por que Deus fez isso comigo? Tirou a mãe da gente, onde estão meus irmãos, será que meus irmãos já comeram? Aí tinha vez que a gente se juntava pra rever os irmãos aí na hora de ir embora tinha que se despedir dos irmãos e começávamos a chorar. A gente dizia que queria ficar um com o outro e íamos pra maré, pegava muita boboca, boboca era peixe miúdo, eu ia pro mangue com minha tia, eu tinha uma cestinha pequena e ia pra maré, daí trazia um monte de peixinhos pequeninhos e mandava papai levar pra minha irmã, eu ficava alegre porque mandava peixe pra minha irmã.

O que eu mais sentia falta era da minha mãe porque eu chorava de dia à noite, porque eu comecei a sofrer, me batiam... O povo na rua (risos). Eu era teimosa aí me batiam muito. Aí eu via minha irmã também apanhar aí eu sofria também porque eu não podia fazer nada. A hora que a gente mais sofria era a hora de meio- dia. Eu não gosto de falar não, eu choro.³² Eu sinto muita saudade de minha mãe, minha irmã ficou com um ano quando minha mãe morreu. Meus irmãos apanhavam muito também. Meu irmão virou bandido porque quando dava meio-dia e a gente ficava com fome ele chorava e ia pra casa dos outros pegar comida, pedia e ninguém dava, aí ele esperava o povo sair pra poder roubar comida.

Olhe, vou lhe dizer, minha infância foi uma infância tão desgraçada, Deus me perdoe, mas foi tão desgraçada que eu ficava mais chorando. A minha vida foi chorar é tanto que tem hora que eu estou sentada dentro de casa chega uma criancinha dentro da minha casa, eu boto comida pra meus netos, mas eu também boto um pratinho para aquela criancinha que aparece ali na minha porta, sabe por quê? Porque eu digo assim... e sim eu ainda apanhava. Se o mais velho perguntasse: você já almoçou? Eu com fome tinha que dizer que já almocei. Apanhava de meu pai. Se eu chegasse na casa de um mais velho e o mais velho fosse por comida pra mim não era pra comer não, era pra dizer que eu estava de barriga cheia. Aí dizia assim pra mim: você já almoçou? Quer almoçar? Eu tava com fome e queria dizer sim, mas eu ficava com medo da surra de meu pai e até das pessoas que me criava também, aí eu dizia não e que já tinha almoçado, mas era mentira, eu estava morta de fome. Não tinha comida em casa e também eu tava sem me alimentar, tava com fome e não podia aceitar, pois se eu aceitasse apanhava e a gente apanhava muito não é que nem se apanha agora não, a gente apanhava de cipó caboclo. Era cipó esse que parece corda, é desses que se bate em animal. Um dia meu pai me deu uma surra tão grande de cipó e fui pro sal.

Meu pai me deu uma surra tão grande no tempo de sexta- feira santa eu me lembro que nem hoje. Me deu uma surra de cipó caboclo, cortou meu braço,

³² Neste momento Sália começa a chorar. Meu gravador registrou 31 segundos de choro acompanhado por silêncio até que ela voltou a conversar.

minha perna, me cortou toda e depois disse: “Vá pra bacia! Tire a roupa toda e vá pra bacia”. Com água e sal. Meu corpo “coisinho” imagine todo cortado de cipó caboclo. Papai disse: “Senta aí agora”, me sentou com bacia de sal e botou meio mundo de sal na água, me deu banho com água e sal, pense em arder, fiquei toda “encalombada”, aí vovó falou pra ele: “No dia que você fizer isso de novo nunca mais me dê uma bênção”.

Sália fala da morte de sua mãe e este acontecimento é noticiado frisando também os seus quase dez anos de idade. Ou seja, a grande perda da catadora tem uma marca etária como alusão. Dizer que estava por fazer dez anos quando do acontecimento tem o sentido de demonstrar que perdeu a maior referência que tinha, visto que depois dela seus/suas irmãos/ãs se separaram. A mãe era o elo entre eles/as. Todas as dores na vida surgem após sua morte. Sália a via como símbolo de amor, cuidado, carinho, orientação entre o certo e o errado, na sua visão, ela se apresenta como principal agente socializador. Coube à minha interlocutora sentir saudade e invejar as outras crianças que chamavam suas genitoras de mãe, pois era um luxo que ela não mais possuía.

Fica fácil compreender a importância da genitora para Sália e como seu mundo se desestabiliza completamente após seu falecimento. Parecia não haver problema algum até seus quase dez anos de idade. A pobreza existia, os impedimentos também, mas essas situações não recaíam sobre seus ombros com tamanha força. Quem as carregava era sua mãe.

Outro relato que marca a experiência da pobreza vivenciada por Sália é a falta de o quê comer. Como a mesma disse acima o período do meio-dia era o mais sofrido, pois não havia comida para almoçar. Aliás, a fome é a causa atribuída por ela pela qual seu irmão se tornou bandido. O desespero na busca por algo para comer fez seu irmão começar a furtar comida na casa das pessoas enquanto elas não estavam. Tal prática se naturalizou o fez entrar no mundo do crime e das drogas chegando a ser preso por alguns anos.

Ser pobre e passar fome não eram os únicos problemas de Sália, existia uma moral em certas práticas que a impossibilitava de aceitar comida caso oferecida por alguém. Daí em diante entra em cena a figura opressora do pai. Ele a submetia a extremos castigos quando a garota aceitava algo para comer. Aquele ato poderia demonstrar que ela estivesse passando fome, o que de fato acontecia, porém, aceitar algo para merendar ou almoçar ia de contra a característica de provedor que

um “pai de família” possui. Entretanto, não era só isso, havia também a ideia da educação, aceitar algo para comer poderia demonstrar falta de educação. Os “bons modos” e as regras de comportamento parecem ser mais valorizadas do que matar a própria fome.

Os castigos de cipó eram frequentes e vinham acompanhados de uma moralidade opressora que servia para punir o ato indesejável, no caso, aceitar comida oferecida por outras pessoas. Este violento processo de socialização vai deixando marcas pelo corpo inteiro, principalmente nas costas de Sália. Além de sua memória, suas costas carregam as lembranças e inscrições do aceitável e do não aceitável que, por sua vez, ficam para sempre por causa do sal que cicatriza aquelas feridas dentro da bacia que a mesma é obrigada a entrar.

Sália trabalhou como babá e empregada doméstica logo depois que sua mãe morreu. Ela conta que ganhava apenas uma peça de roupa e a alimentação dos três turnos na casa de família.

Quando eu completei dez anos de idade arrumei um emprego na casa de D. Vera no trapicho³³ de baixo, aí eu só ganhava o que? Uma roupa por mês e a comida que eu comia todo dia, só isso. E trabalhava duro. E me lembro como hoje, tomava conta de um menino o nome dele era até Junior, ficava com esse menino nas costas 24 horas e ainda ficava do lado. Eu carregava, meu primeiro emprego foi ser babá, mas eu fazia, quando o menino ia dormir, eu lavava roupa, fazia faxina, lavava os pratos.

Apesar de afirmar que se primeiro emprego foi como babá, a catadora diz que fazia outras atividades além do combinado, porém não ganhava a mais para isso. Não havia pagamento em dinheiro para ela, poder-se-ia supor um regime de quase escravidão, mas Sália não adentra muito ao assunto, me impedindo de fazer uma análise mais ampla e, para a minha surpresa, ela ainda elogia a ex-patroa quando pergunto se possuía boa relação com a mesma: *“Tinha graças a Deus porque essa sorte Deus me deu que foi com minhas patroas, todas elas gostam de mim. Sempre tentou me ajudar dando cesta básica, mesmo agora depois de mulher velha ela me ajuda é só ir lá quando estou passando dificuldade que ela me ajuda”*. Provavelmente esta reciprocidade de ambas as partes, tanto da ex-patroa que ainda lhe oferta cestas básicas quanto por Sália ao dizer que sempre foi bem tratada e agradecer a divindade por isto, deve-se ao fato de que a primeira entende que a

³³ Trapiche de Baixo é um bairro residencial em Santo Amaro.

explorava e tenta saldar tal exploração por meio da cesta básica como se fosse uma redenção aos abusos praticados, por outro lado, Sália vê em sua ex-patroa a pessoa que lhe deu um lugar para ficar temporariamente enquanto cuidava do bebê.

O encontro de Sália com o lixão se realiza depois dos dezessete anos, como ela mesma disse nas páginas anteriores. A catadora explicita seus diversos tipos de trabalhos e, no final, fala que trabalhou num antigo lixão que fora fechado, por isso, veio para o atual. Isso é bem comum entre catadores/as de lixo, normalmente acontecem migrações dessas pessoas de um aterro ou lixão para outro. Eles/as ficam sabendo por amigos/as ou parentes de outro local para catar e vão. Há casos de catadores que já trabalharam em pelo menos três lixões diferentes.

Esta foi a trajetória de vida de Sália, minha colaboradora de pesquisa que já está há 10 anos no lixão de Santo Amaro. Ela tem vontade de um dia deixar essa vida, pois o avanço da idade vai debilitando seu corpo aos poucos. Provavelmente ela continuará no lixão por mais alguns anos, já que não tem outra perspectiva em vista no momento. É importante salientar a centralidade da morte de sua mãe na vida de Sália. Talvez ela tivesse a chance de pelo menos ter estudado e ampliado, mesmo que pouco, as possibilidades de vida caso tal tragédia não tivesse acontecido.

Cacau³⁴

Eu nasci aqui em Santo Amaro na maternidade, morava na cidade mesmo. Minha mãe teve dezesseis filhos. Sempre esteve presente. Eu desde a idade de 10 anos que eu trabalho. Eu trabalhava, o mais velho sou eu, comecei com 10 anos para ajudar minha mãe. Nós éramos muito pobres. É porque meu amigo, você sabe, a gente que trabalha em fazenda, você sabe como é, não é uma vida boa, é uma vida desgraçada. Às vezes se trabalha na fazenda ganhando nada, tirando leite de gado, andava com animal, então eu nunca tive uma boa infância, porque se eu tivesse uma boa infância, tinha um bom estudo hoje em dia. Eu só estudei até a quarta série sabe por quê? Porque meu pai não tinha o que me dar o que eu tenho hoje em dia, então o que meu pai fez por mim, os meus meninos tem muito mais. Na cidade eu já comecei a trabalhar com 17 anos. O primeiro emprego meu foi na usina de cortar cana. Depois na construção civil.

³⁴ Catador de lixo, 51 anos, apesar de ser aposentado, trabalho no lixão há mais dez anos. Entrevista realizada em maio de 2011. Este interlocutor foi, sem dúvidas, a pessoa mais próxima que tive durante minhas intermitentes incursões a campo. No período dessa entrevista ainda não nos conhecíamos direito. Ele foi meu primeiro entrevistado no lixão. Aliás, Cacau é um marco na minha vida acadêmica, pois foi a primeira entrevista que eu realizei como pesquisador.

Sou o mais velho. Eu trabalhava pra ajudar minha mãe naquele tempo, naquele bom tempo, eu me desgraçava no rodo de casa de farinha, já fui internado no São José, sabe onde é o São José? Internado para educar. Graças a Deus tudo o que eu sei hoje em dia aprendi no São José. Não me aperto se no caso de qualquer coisa que eu precisar, eu não me aperto porque sei me virar. Aprendi muita coisa no São José quando eu era internado. Se eu pegar uma roça, eu limpo roça, eu selo farinha, pinto e bordo, comigo não tem essa não. Graças a meu bom Deus eu aprendi muita coisa no internato. O que eu aprendi, aprendi no São José, no internato. Agora eu só não tive um bom estudo porque eu caí doente, eu levei mais ou menos quatro anos no Couto Maia³⁵ internado, quase morro³⁶.

Cacau é santamarense, o mais velho de dezesseis filhos/as de sua mãe, começa a trabalhar aos dez para ajudar em casa como a maioria das crianças que vivem a experiência da pobreza no Brasil e que, por conta disso, queima uma etapa importante da vida, a infância. Na sua narrativa é possível perceber um saudosismo àquela época quando o mesmo diz “naquele bom tempo”. Possivelmente a saudade não se dá pelas dificuldades, mas sim porque no passado ele tinha a sua mãe, por mais problemas que tivessem, a família estava reunida. O internato é visto positivamente pelo catador, atribui-se créditos a ele porque foi o lugar onde se aprendeu tudo o que sabe fazer. A tristeza de Cacau está na impossibilidade de ter podido estudar, atividade que lhe faz falta, pois queria se tornar um militar da marinha.

A primeira atividade exercida por ele foi a de tirar leite de vacas na fazenda. É interessante ressaltar isso, visto que as pessoas que hoje catam lixo no Brasil começaram trabalhando em fazendas no trato de animais; casas de farinhas; usinas de cana-de-açúcar, etc. Amilton Souza (2011) em sua pesquisa com catadores/as de Santo André, em São Paulo, evidencia, dentre outras, essa característica que envolve as pessoas da catação, no âmbito das atividades geradoras de renda. Seus/suas interlocutores/as também experienciaram esses tipos de trabalhos. O êxodo do campo para as cidades tem importante influência sobre a iniciação da catação. São essas coincidências que vão constituindo elementos de identificação e que liga o passado de uma/um catadora/or ao de outra/o. Muitas vezes é possível se reconhecer na história de alguém, reviver, por intermédio da memória, as urdiduras do passado e compará-las com as de hoje. Por isso que, em seguida, ao ser

³⁵ Hospital localizado em Salvador, capital baiana.

³⁶ Contraiu Hepatite aos dezessete anos.

questionado sobre quanto ganhava na época em que começou a trabalhar, Cacau faz algumas analogias com o valor do dinheiro de hoje a partir da prática vivida:

Eu recebia mixaria, o dinheiro naquele tempo de antigamente pra o de hoje era mais forte, qualquer “moedazinha”, a gente segurava 50 centavos era uma alegria e hoje em dia com 10 centavos a gente não compra nem mais um pacote de bolachão que antigamente comprava (risos). Vem cá! Agora já pensou o custo como está hoje em dia, se no caso fosse antigamente à gente hoje em dia tava no céu, porque o dinheiro de antigamente era mais forte do que o de agora. Você sabia disso? Porque o dinheiro era pouco, mas o dinheiro dava. Um saco de farinha dentro de casa, com o dinheiro que a gente ganhava, dava pra comprar um saco de farinha pra dentro de casa e hoje em dia não dá. A gente não bota um saco de farinha dentro de casa porque o dinheiro não dá e antigamente a gente ganhava pouco, mas o dinheiro era mais forte, a gente ia e comprava.

A conclusão que Cacau possui sobre economia advém de seu saber no qual o faz perceber as dificuldades em poder ter acesso a bens e serviços atualmente. A análise gira em torno do que antigamente era obtido com pouco dinheiro e que hoje não se consegue mais comprar. Seu raciocínio não está errado mesmo não tendo consciência de como funcionam as regras inflacionárias³⁷. O seu ponto de vista se dá pela urgência da obtenção dos bens, neste caso, a farinha é o componente alimentar que ele sente muita falta.

Nas palavras de Cacau a desvalorização da moeda pode ser percebida pela dificuldade de comprar farinha. Porém, há um dado inconsciente aqui que precisa ser evidenciado. A farinha era o alimento mais utilizado pelos pobres brasileiros. Bastava apenas misturá-la com água que já dava para encher a barriga; havia também as mães que misturavam a farinha com um pouco de açúcar para alimentar suas crianças na hora do lanche; ou o angu. Sália, anteriormente, relatou que só tinha farinha e carne de sertão para comer. Ou seja, este alimento está intimamente ligado às possibilidades de consumo alimentar das famílias pobres brasileiras.

Nossa conversa continua e pergunto sobre as motivações que o levou a entrar no lixão e então ele me conta sobre o acidente que lhe aposentou:

³⁷ Entende-se por inflação o aumento excessivo e generalizado dos preços que vigoram em determinada economia. Há basicamente duas causas para a inflação, quais sejam: inflação pela procura e inflação pelos custos. No primeiro relaciona-se à demanda: aumento da moeda, de gastos públicos ou a procura por bens internos pelo mercado externo. Na segunda causa verifica-se o decréscimo de produtividade, encarecimento dos custos da produção ou aumento de impostos (Cadernos BCV, 2008).

Eu vim pra não ficar dentro de casa mesmo. Eu recebo um salário. Não dá não, o dinheiro, depois que a gente paga água, energia, gás e algumas coisas que compramos na loja, daí vai todo embora, vai dar pra quê o dinheiro? Dá não, ainda mais os meninos no ginásio agora, tá tudo no ginásio, você sabe que ginásio toda hora pede uma coisa né? É pra fazer não sei o quê. Olhe, uma semana mesmo que eu cheguei em casa aí a menina fez assim: “ah, eu vou ter que tomar”, como é que chama aqueles lugares que elas vão tomar aula que é pago? A pois, é tanta coisa, então tudo isso a gente tem que botar na conta, no que a gente ganha.

Eu tive um acidente. Tava trabalhando aí a bicicleta capotou. Eu fui passar no viaduto montado e caí. Eu tinha, sabe quantos anos eu tinha? Eu tinha acho que foi, eu tava com 34 anos. Aí aposentei. Eu também fiquei internado, perdi a memória, fiquei muito tempo internado no sanatório, tomo remédio até hoje, diazepam.

O acidente que aposentou Cacau lhe deixou sequela tanto psicológica quanto física, uma parte de seu crânio afundou, destarte, não vive sem o boné cobrindo a cabeça. A peculiaridade na iniciação de Cacau no lixão se dá pelo seu motivo de querer aumentar a renda. De acordo com ele, a aposentadoria não dava conta dos gastos com comida, água, luz e a escola das crianças que mesmo sendo pública, era necessário comprar os materiais escolares. A entrada no lixão se configura como estratégia para obter maior renda no caso de Cacau. Entretanto, isso não quer dizer que ele queira ficar ali para sempre. Em nossas conversas informais, nas quais aprendi mais do que nas entrevistas, ele me dizia que o lixão era bom porque não tinha a violência da cidade e se podia trabalhar em paz. Tem vontade de construir um barraco de bloco no lixão para ficar nos dias que dorme por lá, normalmente são dois ou três dias por semana.

A marca decisiva na história de Cacau parece ser o acidente de bicicleta sofrido. Provavelmente, ele estaria empregado em alguma empresa, caso isso não tivesse ocorrido. Cacau é um dos poucos catadores de lixo que já trabalhou formalmente de carteira assinada, tendo seu vínculo findado a pós o imprevisto em sua vida.

Nô³⁸

O catador Nô é o próximo a ter sua trajetória de vida transcrita aqui. Ele e sua esposa foram as duas primeiras pessoas que fizeram do lixão de Santo Amaro

³⁸ Entrevista realizada em 2012.

um lugar de trabalho. Começo a entrevista perguntando sobre a família e um pouco de sua infância:

A minha vida é assim: graças a Deus a minha mãe trabalhava no hospital, na Santa Casa, depois saiu, se aposentou, meu pai também se aposentou. Tenho seis irmão. A gente sempre ia pro colégio, voltava, brincava, graças a Deus não tinha briga, não tinha desunião, até hoje, mesmo depois que cada um foi para o seu lado com a família.

Passei um pouquinho de dificuldade no tempo em que eu peguei família. Que graças a Deus, meu pai e minha mãe nunca deixou faltar nada não. Meu primeiro filho foi aos vinte e dois anos. E que é o certo que na idade de treze, catorze anos a gente tinha também que ajudar dentro de casa que já tá crescendo, né? Com treze anos eu comecei já a aprender uma profissão um pouquinho, encanador. Daí eu comecei a sair com meu pai pelas casas. Porque estudava pela manhã, e pela tarde, se ficar sem fazer nada vira malandro, no meio de gente sem fazer nada na rua. Aí ele me chamava e me levava para trabalhar nas casas dos cliente dele. Aí eu trabalhava e ajudava dentro de casa, quando precisava de alguma coisa já ficava mais fácil. Eu não tenho o que falar dele. Graças a Deus nunca deixou passar fome.

A primeira vista, Nô parece ter tido uma vida totalmente diferente dos/as demais catadores/as de lixo entrevistados/as. Sempre utilizando a expressão “Graças a Deus”, possui um constante sentimento de gratidão à santidade ao se referir a sua infância, visto que seu pai e mãe tinham empregos e que podia brincar e ir para escola. Porém, mesmo salientando essas boas condições, ficam evidentes vários processos que envolvem pessoas em estado de pobreza ou extrema pobreza em sua fala, quais sejam, os processos de socialização da criança. Apesar de ter falado pouco sobre sua infância, o que foi exposto é suficiente para entender que na vida das crianças pobres, o período denominado infância sofre um encurtamento. Diferente das de frações da classe média e das mais abastadas da sociedade que utiliza o tempo livre praticando atividades recreativas, aprendendo língua estrangeira, jogando videogame, indo ao balé ou para a aula de música, etc., a criança pobre, em seu tempo “livre” é condicionada a ajudar a família no aumento da renda. Sendo assim, é necessário aprender a profissão do pai ou da mãe. Ademais, este aprendizado está arraigado de moralismo, visto que, como Nô mesmo diz: *se ficar sem fazer nada vira malandro no meio de gente sem fazer nada na rua.*

Aprender a profissão é bom para evitar a malandragem. A moralidade expressa nestes termos não destoa do conjunto de regras que o pai de Sália, que vimos anteriormente, comungava. Portanto, melhor ser um pobre honesto do que

vagabundo. A moral e os bons costumes vêm para sanar os atributos negativos inerentes à pobreza. Obviamente, estas pessoas não dispõem de condições idênticas aos das famílias abastadas, possuindo, assim, seus próprios meios de socialização. A verdade é que quanto mais cedo o trabalho se torna a realidade, menos chances de escolhas essas pessoas terão, já que concomitantemente deixam a escola:

Eu morava aqui mesmo no Trapiche de baixo. Estudei só até a terceira série. Tem irmão meu que foi até a oitava, tem irmão que foi até a quinta série, quarta, mas depois parou porque pegou família cedo. Nem meu pai e nem minha mãe estudaram. A minha mãe ainda estudou um pouco quando já pegou um pouco de idade, mais de quarenta anos já. Minha mãe trabalhava como engomadeira na Santa Casa e meu pai era encanador. Depois que ele saiu da empresa, começou a trabalhar por conta própria nas casas das pessoas.

Quem inicia Nô à profissão de encanador é seu pai, que após sair da empresa torna-se autônomo. Os estudos já não fazem parte de sua vida como não fizeram de seus pais e que aos poucos vão deixando de ser realidade para seus irmãos. O bairro em que eles/as moravam é o atual vivido pelo catador. Conheci o Trapiche de Baixo, bairro predominantemente pobre e negro, sem calçamento e cheio de buracos. Para piorar, é uma das localidades que sofre com as terríveis enchentes em Santo Amaro. É um local esquecido pelas autoridades políticas, porém alvo das incursões dos/as profissionais da política em períodos eleitorais.

A história que Nô me conta em seguida é a do contexto que fez ele e sua esposa serem os primeiros a adentrar o lixão como afirmei no começo de sua trajetória, vejamos:

No aterro eu entrei quando ainda tava construindo. Fui o primeiro a entrar lá. Foi até por causa daquele som ali (Apontando para o aparelho de som), já tinha pagado uma prestação, aí ficou devendo oitocentos reais que era no valor de mil reais que ia ficar. Aí a gente não tinha como pagar e nem foi no nome da gente, foi no nome da cunhada dela (Aponta para a esposa) e poderia ir para o SPC, né. Daí a gente pegou, teve que ir no aterro trabalhá e o rapaz falou que só daqui a três meses para trabalhá aqui. E eu ia esperar três meses de fome se não tem trabalho?. Eu fui para catar material e ele disse que não podia entrar. Tava jogando lixo no aterro, mas ainda não tinha

terminado ele. Aí ele falou comigo que podia esperar três meis que depois ia voltar.

Aí os pessoal ficou me pressionando, carta vindo da Insinuante, aí o último recurso que eu tinha de fazer foi chegar de noite, eu e minha esposa andando e pegou e invadiu por trás do bambuzal, invadiu o aterro e ficou trabaiano. Na hora que chegava alguém a gente se escondia. A prefeitura vinha atrás da gente, Genebaldo tirou a gente de lá, deu um salário mínimo, a gente até parou de ir, mas só que depois que Genebaldo acabou o mandato e entrou outro prefeito, não sei o que fizeram com o dinheiro da gente, porque Genebaldo deu um salário mínimo a gente para ficar trabaiano na rua. A gente recebia em quinzena, de quinze em quinze era meio salário, mas depois disse aí entrou outro prefeito, João Melo e esse dinheiro aí a gente não sabe para onde foi, não se falou mais nada. E eles disseram para a gente que a gente deveria ir para o aterro de novo e Genebaldo lutou para tirar a gente do aterro e conseguiu tirar. Então a gente voltou a ficar no aterro e perguntou: e o dinheiro da gente? Ele disse que não tinha como pagar o dinheiro mais não. Mas só que esse dinheiro vinha de Brasília, era salário de pobreza, era para vinte pessoas esse salário. Depois de Genebaldo, esse prefeito pegou e disse que a gente podia voltar ao aterro.

Nos fragmentos de narrativas do catador, a sua entrada no lixão de Santo Amaro é impulsionada por terceiros. O medo de colocar em risco a situação financeira da cunhada de sua esposa, as pressões feitas pela loja que vendeu o produto e a falta de possibilidades de trabalho para quitar a dívida naquele período conduzem Nô e sua esposa para o aterro que já recebia lixo, mas ainda não estava totalmente pronto. No entanto, quando explica o porquê de sua entrada, fica parecendo que de súbito ele encontrou o lixão e foi trabalhar. Não foi assim. O catador trabalhou por algum tempo na cidade de Salvador como vendedor ambulante de pastel e banana real e depois frequentou o lixão de Canabrava na mesma cidade, que por sinal, sua mãe frequentara. Assim que Canabrava fecha, ele regressa à cidade natal sem ocupação. Muitos/as catadores/as que trabalhavam no lixão de Salvador migraram para o de Santo Amaro, como já disse, isso é frequente na vida de catadores/as de lixo em todo o Brasil.

Então, Nô invade o lixão ao lado de sua esposa durante a noite e dá início ao garimpo do lixo naquele local. De acordo com sua narrativa, sempre que alguém aparecia, eles se escondiam esperando a pessoa sair para voltar à pesca de materiais. O catador me revela suas estratégias assim como fazem milhares de brasileiros/as que catam lixo tanto nas ruas como nos lixões a céu aberto.

Ao falar que a prefeitura corria atrás deles para retirá-lo de lá, entra em cena o ex-prefeito Genebaldo Correia que na concepção do catador foi a única autoridade política que se preocupou com ele e os/as demais catadores/as que adentraram ao lixão em seguida. Genebaldo os retirou de lá e concedia um salário mínimo para as famílias. Apesar da política de transferência de renda fomentada pelo prefeito, o benefício desaparece quando João Melo é empossado, o sucessor. Esta situação causa angústia a Nô, pois é devido a isso que ele e as/os outras/os catadoras/es retornam à vida no lixão. É bem expressivo isso, pois o próprio João Melo se exime de qualquer responsabilidade mandando-os voltar a catar lixo.

O que chama atenção na narrativa de Nô é a facilidade do poder público em solucionar os problemas cotidianos, basta ter a vontade de fazer. É preciso salientar que o meu interlocutor deixa o lixão no período de Genebaldo, mas não para com a atividade de catação, pois ela é feita nas ruas da cidade. Como havia uma renda mensal fixa, não tinha necessidade de se deslocar para o lixão, por isso, catava-se nas ruas. Esse problema no corte da verba recebida pelo catador aconteceu no ano de 2005.

Atualmente o catador transita entre a atividade na rua e no lixão. Por mais incrível que pareça o lixão se configura como um lugar seguro não porque está distante da violência da cidade, mas também porque se distancia dos preconceitos sofridos quando nas ruas. Ele me conta da perseguição que lhe atormenta, feito pela secretária de meio ambiente da cidade:

Eu gosto de tudo nesse trabaio (Sorrindo timidamente). Aqui não tem briga, não tem discussão, o único problema mesmo é os pessoal da prefeitura. Construí minha casa há quinze anos. Isso eu agradeço ao material do lixão. Dos meus seis filhos, quatro estudam. Essa direção³⁹ que entrou aí num liga pra gente. Dona Sandra chamou a polícia para mim. Ela falou uma coisa que até o policial tomou susto. Ela foi dizer a mim que o meu lugar era no lixão. O policial olhou para ela assim, mas não disse nada. Aí o policial falou assim comigo: “Ói, eu tô aqui para defender os pessoal da prefeitura”, mas também falou com ela: “Ói, senhora, eu não posso fazer nada com o rapaz, o rapaz tá trabaioando, muito gente fala bem dele, é um pai de família, tem seis filho e eu não posso prender ele porque tá trabalhando. Inclusive, o que vocês podem fazer é pegar um galpão para assegurar os materiais dele”. O policial disse isso mesmo.

³⁹ Ricardo Machado é o prefeito atual e o qual Nô referencia.

Detive-me a expor esse breve fragmento para poder explicar o que estava acontecendo nesse momento. Dona Sandra⁴⁰ é uma perseguidora dos catadores de rua e principalmente de Nô. Ela não suporta ver gente catando lixo no perímetro urbano, pois possui um senso de higienismo exacerbado. Neste dia, ela e um funcionário da secretaria de meio ambiente e serviços públicos confiscaram doze sacolas do catador com materiais dentro e enviou para o lixão. A mesma chamou a polícia. O funcionário disse ao policial que as sacolas estavam seguras, pois foram para o galpão no lixão, porém não existe galpão lá. Para a sorte de Nô, Galo, o administrador do lixão, ciente do que estava acontecendo com o catador, chegou na hora e disse que se ele não fosse lá buscar, os/as catadores/as acabariam pegando o material. Então, o policial percebeu que tanto Sandra quanto o funcionário estavam mentindo.

Além do problema relatado acima, Sandra avisou aos garis que não era para deixar material algum na rua durante o período em que a coleta do lixo passa. Os garis e os/as catadores/as possuem um acordo tácito, os primeiros, quando percebem que tem material útil para quem cata lixo, deixam no mesmo local, pois sabem que logo em seguida o/a catador/a vai pegar. A reciprocidade por parte dos/as catadores/as é efetuada quando pegam o lixo de certa rua na qual os garis não entraram para poder adiantar o trabalho. Sabendo somente da primeira parte da história, Sandra obriga os garis a não deixar coisa alguma nas ruas só para fazer com que todos/as catadores/as se dirijam ao lixão e assim, não contamine a paisagem urbana com seus aspectos.

É assim que Nô vive no momento. Sua esposa não cata mais lixo, pois fica em casa cuidando dos filhos. Ele, quando vai catar na rua, normalmente leva o filho maior de idade, pois quando saía com o menor, as pessoas ficavam com pena, dizendo que era um coitadinho e vivia uma vida indigna. Catar lixo na concepção de Nô não parece ser indigno, pois foi por meio desta atividade que ele conseguiu construir sua casa. Para não passar por este e outros tipos de constrangimentos evitou levar o filho menor para a catação.

Mesmo com os percalços enfrentados, o catador continua formulando estratégias para sobreviver na cidade. Sai de casa duas da tarde para coletar lixo e

⁴⁰ De acordo com Nô, Sandra é parente do prefeito. Exerce o cargo de Secretária de Meio Ambiente e Serviços Públicos.

regressa às duas da manhã. Ele não fica na rua esse tempo todo, pois é preciso levar o lixo coletado para depositar no quintal de sua casa. Então são idas e vindas durante o horário de garimpo dos materiais recicláveis.

...

Resgatar o passado dessas pessoas através de suas memórias não significa simplesmente conhecer os fatos e contextos aos quais estavam elas inseridas. É necessário ir além e buscar similaridades nestas experiências vividas. Dessa maneira, o ideal é alcançar a memória coletiva destas pessoas. “A memória”, diz Teresinha Bernardo (p. 101, 2011), “não é fixa, ela tem o movimento específico: sai do presente vai ao passado e retorna ao presente. Esse movimento é o seu próprio tempo que por sua vez, é o reversível”. A possibilidade de poder voltar ao passado e, com isso, romper a linearidade do tempo formal, neste caso, dá enorme ganho à pesquisa tendo em vista o descobrimento dos conflitos, regras e relações de poder aos quais esses sujeitos estavam submetidos (BERNARDO, 2011).

Sabe-se que é impossível relembrar o passado por completo, como também ciente estou de que certos assuntos não são discutidos intencionalmente. Minha intenção não era o de aprofundar análises da memória dos/as meus/minhas colaboradores/as, mas encontrar alguns pontos de convergência entre as trajetórias. Por exemplo, o campo da saúde está presente nas três trajetórias de vida. Cada um experimenta esta realidade de uma maneira. Na maternidade Sália perde a mãe e tem alguns filhos lá; Cacau fica no hospital por um bom tempo por causa da Hepatite; e a mãe de Nô é engomadeira da Santa Casa de Santo Amaro. Os vários pontos de vistas permitem elaborar uma síntese sobre a ideia que fazem da saúde que vai gerando pontos de identificações.

O caso da moral é outro elemento bem significativo. Todos os três tinham que conviver com a moral do “pobre honrado” definindo comportamentos e práticas cotidianamente. Em Sália há o pai que a espancava porque não queria que ela aceitasse comida quando fosse oferecida, pois dava a entender que era falta de educação ou que não tinha algo em casa para matar a fome; No caso de Cacau, ele expõe que o internato lhe ensinara tudo o que ele sabe hoje, porém o método de ensino adotado recorria às práticas de castigos físicos como ele mesmo conta durante a entrevista:

Esse espaço que você tá aqui tomando meu, eu lia todinho. Eu pegava tudo, porque no meu tempo eu sentava, não tinha nada pra fazer, eu ficava caducando. Você já caiu na sabatina alguma vez? Tá vendo aí? Eu caía na sabatina, vamos supor, era a professora, não é? Aí ela pegava a tabuada, aí ela fazia a pergunta pra você, você não sabe e eu acertando, ela lhe castigava no “bolo” (risos). Tinha uma palmatória que chamava “raspadura” deste tamanho assim, desta grossura (Cacau).

As práticas de castigar fisicamente os jovens estudantes surgiram no século XVIII, Milena Aragão e Anamaria Freitas (2012) explicam que estas punições tinham dois fins: punir pelo mau comportamento e a dificuldade de aprendizagem. Os objetos utilizados eram chicotes, férulas, palmatórias, dentre outros. Nesta prática pedagógica o que importava era que o professor criasse ordem e disciplina entre seus educandos. Mesmo com o passar dos anos e o fim dos castigos físicos pelas legislações vigentes já no século XX, estas práticas não cessaram no Brasil e conviveram simultaneamente com os novos métodos de punição que afetavam a moral e autoestima dos/as estudantes, como anotações em cadernetas, exclusão da aula, expulsão da escola, etc. Por falar nisso, as punições físicas eram bem vista pelas famílias. A palmatória é o grande símbolo das agressões no século XX. Admitindo que Cacau tenha parado de estudar aos dezessete anos por causa da hepatite, possuindo hoje cinquenta e um, implica em dizer que a palmatória continuou como artifício de punição dos/as estudantes brasileiros/as durante a década de 1980 do século XX quase por inteira. Tudo muda com a Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 defendendo que:

[...] se o adulto não pode ser educado, ensinado ou disciplinado com violência física e/ou psicológica, a criança também deveria gozar dos mesmos direitos, questionando, ainda, a possibilidade de construção de uma sociedade não violenta com práticas violentas na educação da infância e juventude, ou seja, como ensinar a não bater ou humilhar, batendo e humilhando? (ARAGÃO; FREITAS, p. 32, 2012).

Retornando à reflexão da moral que confluíram as três trajetórias expostas por mim, Cacau evidencia a moralidade imputada no internato, fato marcante em sua vida sendo que se orgulha em dizer que aprendeu tudo que sabe hoje lá. Finalmente, no caso de Nô, a moral tem a ver com a iniciação no trabalho de encanador pelo seu pai. O catador começa a trabalhar nas horas vagas para não se tornar um marginal, pois quem não tem o que fazer fica pensando bobagem. Meus

três interlocutores vivenciam aspectos moralizantes de acordo com seus contextos. A disciplina serve, em alguns momentos, para moralizar a pobreza e noutro, para distanciar da desordem. Obviamente eles/a conversam sobre o passado e relembram as proibições sofridas criando um conjunto de elementos comuns.

Por outro lado, nem todas as situações podem ser consideradas como elementos de identificação. As experiências de cada gênero, por exemplo, é uma delas. Com bastante atenção se percebe diferenças das narrativas entre Sália que é mulher (e do gênero feminino) e Cacau e Nô que são homens (e do gênero masculino) ⁴¹. A primeira conhece os problemas de ter filhos/as logo cedo, aos doze anos, enquanto os outros se tornam pais alguns anos depois. Isso evidencia a fragilidade dessa mulher (criança, no momento da primeira gravidez) no contexto de pobreza vivido. Ademais, o falecimento de sua mãe, o trabalho precoce e a falta de suporte familiar atropelam sua infância, o que pode ter sido decisivo para a primeira gravidez.

Rebuscar os fatos vividos por essas pessoas por meio de suas trajetórias nesta seção foi importante para que se pudesse ter, mesmo que incompleta, a dimensão dos contextos experimentados por cada catador/a citado acima. Essa abordagem tem ganhos analíticos visto que se entende o processo no qual o sujeito é produzido. Não é certo dizer que quem cata lixo o faz porque é pobre, pois nem todo pobre cata lixo. É necessário recorrer às experiências vividas pelos sujeitos. Há fatores relevantes nos quais estas pessoas vão modelando estratégias de sobrevivência. No caso de Sália, sua vida parece ter se tornado um inferno depois da morte de sua genitora, basta rever sua narrativa. Já Cacau decide trabalhar no lixão porque queria complementar a renda, visto que sua aposentadoria não dava conta. E Nô, tem a ideia de trabalhar no lixão de Santo Amaro para pagar o aparelho de som que comprara no nome da cunhada de sua esposa.

O fato importante que deve ser levado a sério é o histórico de desamparo estatal experimentado por essas pessoas. Nos termos de Amartya Sen (2000) a privação da liberdade se fundamenta em razão da violação dos direitos políticos e civis, ausência de oportunidades sociais elementares como educação, saúde, emprego, seguridade social, ou seja, pilares que constroem capacidades básicas

⁴¹ Evidenciar estes dois gêneros não afirma a inexistência de outras possibilidades. Apenas são citados os gêneros masculino e feminino, pois é assim que cada um deles se autodenomina.

para agir na vida prática. O que se constata nas trajetórias socioeconômicas dos/da interlocutores/a é justamente esta falta de liberdade substantiva. Encolhe-se o leque de possibilidades de escolhas e o lixão aparece como alternativa.

Na seção que segue, pinceiro algumas relações discutidas aqui de maneira mais breve com outros/as interlocutores/as. Se aqui eu quis evidenciar as trajetórias de vida, nas páginas seguintes destaco a maneira de ver o trabalho da catação no lixão.

2.2. Sobre trabalhar e viver do/no lixão

Adentrar um cenário social distinto do qual estamos habituados pode gerar muitos desconfortos por não sabermos lidar com os códigos de sociabilidade que orientam pessoas inseridas ali. Estas conhecem os códigos, os tratos, os comportamentos e os pensamentos permissíveis e proibidos e cabendo ao estranho tentar interagir mesmo com dificuldades, talvez envergonhado por sentir-se recém-chegado, mas tendo a consciência de que logo estará inserido.

Na etnografia é diferente, o/a etnógrafo/a sabe que necessita despir-se de noções que embasam seu modo de vida, entender que cada ato naquele cenário não é motivo para embaralhar-se, mas de ter a sensibilidade de levar a sério cada movimento corporal; prestar atenção nas sutilezas das falas de seus/suas interlocutores/as; interagir ciente de que algo incomum aos seus olhos pode acontecer e, por isso, ter habilidade para tomar nota ou fixar na memória descrevendo-o assim que possível. Porém, para que isto de fato aconteça, é necessário perder-se, do mesmo jeito que acontece quando o/a etnógrafo/a adentra solitariamente o campo. Vagar torna-se um dos termos mais coerentes para o nosso trabalho. “A etnografia é um vagar metodológico indisciplinado, o etnógrafo gira e se move, desloca-se com lentidão abandonada (*surrender*) e atenta aos mínimos detalhes” (CANEVACCI, 2013, p. 13). O vagar é a forma de perceber o que é estranho e absorver tudo o que é diferente. O termo à primeira vista parece absurdo, mas mostra a instabilidade e as novidades do campo, além da certeza de que, ao perdermo-nos, atentaremos às miudezas. O vagar é uma abordagem que antecede qualquer outra.

E foi quando os/as catadores/as tensionaram minha visão de mundo, fazendo-me perder as referências que me davam de antemão uma resposta para

aquele cenário, podendo vislumbrar outras perspectivas sobre trabalhar e viver no/do lixo que me dei conta de que deveria aprender com suas narrativas orais o que se entendia sobre o trabalho e a vivência no lixo.

...

Nos anos de 1900 a 1960 acontece um movimento na produção etnográfica que James Clifford (2008) chama de dispersão da autoridade etnográfica. Em outras palavras, a autoridade científica dos/as etnógrafos/as baseada como experiência única entrava em crise. Mesmo com a consolidação dos especialistas e da validade da observação participante como procedimento profissional esta dispersão ocasionou o descentramento do/a etnógrafo/a como principal autor/a das monografias. Os chamados “nativos” não apareciam nos textos, retirando-lhes a importância de ter contribuído para aquela elaboração. Evidenciava-se a abstração que os/as antropólogos/as possuíam. O que importa neste momento é saber que este deslocamento de autoridade etnográfica possibilitou demonstrar outras vozes que contribuíam para o/a antropólogo/a construir os textos e James Clifford foi um dos grandes propulsores deste deslocamento da etnografia clássica.

Porém, os/as autores/as começaram a escrever muito mais sobre a experiência subjetiva de campo e como ela ajudou a realizar a pesquisa do que visibilizar a construção do conhecimento entre os/as interlocutores/as.

As discussões se deslocaram em parte dos critérios empíricos de verdade – os quais incidiram diretamente na avaliação do rendimento alcançado pelos modelos interpretativos propostos – para critérios éticos de envolvimento pessoal, simpatia, empatia, etc, temas em geral enfocados com muito entusiasmo e criatividade (CARVALHO, 2011, p. 114).

José Jorge de Carvalho no texto citado acima tende a buscar maneiras de inscrever a voz subalterna por meio das possibilidades existentes na etnografia pós-colonial. Por isso, o autor pensa em criar uma narrativa muito parecida com a literatura comparada. Creio que há enorme ganho ético e humanístico nesta proposta visto que, como bem diz Tim Ingold (2011, p.14): “Antropólogos trabalham com pessoas.”.

Apresento fragmentos de narrativas orais que serão acompanhados por minhas reflexões e em alguns momentos comparações com produções acadêmicas

para demonstrar o outro lado da diferença colonial⁴² existente nos discursos dos/as catadores/as de lixo. Em cada narrativa eu explorarei uma ideia principal, para que dessa forma, tenhamos uma discussão mais profunda acerca da catação. Iniciarei por Priscila⁴³.

Comecei a trabalhar aqui há uns seis anos. Comecei porque eu queria ter, trabalhar, queria ter meu próprio dinheiro. No início meu pai não queria que eu visse trabaia aqui não. Daí eu vim porque... primeiro, queria ser independente, né? Queria ter minha própria dinheiro, minhas próprias coisas. E outra, e agente não, e eu não tinha muita opção. Eu tinha, eu estudava de noite e trabaia de dia. Não tinha nem tempo, não tinha tempo pra nada. Eu vinha trabaia de manhã quando chegava, tomar banho pra ir pro colégio, de noite.

Se eu quiser comprar alguma coisa eu posso comprar, já tenho dinheiro. E agora eu tã construindo a minha casa. Posso dizer que já sou independente. Trabaio praticamente dia de segunda-feira, quarta e sábado é di é dia que tem mais trabaio. Eu, eu chego. Tem gente que chega cinco horas, seis, eu chego oito hora. Vou embora seis, sete, oito. No mais tardar, sete. Porque tem que pegar carro, quando não tem carona e daí demora. A gente sai daqui e vai pra pá lá pro entroncamento, pra Déia, tem vez que tem que ir andando porque não tem carro, complicado.

Tem gente que vem aqui um dia, dois, três faz um, faz um dinheirinho aqui e não vem mais. Nem todo mundo vai aí não, eu mermo quando vim pela primeira vez pensei que não ia aguentar, mas guentei e tô até hoje. Se eu pensasse de fazer essa casa ante, quando ô vim trabaia aqui, eu já tava em minha casa, mas e eu trabaia mais pra curtir, pra beber, me arrumar, co comprar roupa. Que sabe que menina nova quando já no começo de namorar (sorrindo) só pensa de se arrumar, né. Se arruma, compra perfume, compra isso, compra aquilo e eu só comprava perfume, tudo da Natura⁴⁴. E você sabe que Natura é tudo caro, né? Aí eu comprava perfume pra isso pra aquilo, só no pensamento de... mas agora não, agora eu cresci, né, posso dizer que já tô uma muié. Então, agora eu disse eu vou fazer minha casa.

O lado ruim é que a gente não tem direito a nada. Por exemplo, se aqui fechar agora quem tem seu material no ponto, todo mundo tem que vender,

⁴² O world system moderno se funda na diferença colonial que não é percebida quanto tal. O imaginário deste sistema mundo não considera as revoltas fomentadas pelo lado subalterno como resistência a imposição ao pensamento colonial. Estas seriam apenas ocorrências comuns (MIGNOLO; 2010). Este será um dos principais conceitos que o capítulo II terá para enxergar a violência na qual as construções teóricas eurocêtricas são utilizadas como modelos de explicação em realidades totalmente distintas.

⁴³ Priscila sofre com um distúrbio na temporalização da fala, conhecido popularmente como gagueira. Por isso, tende a ter um pouco de dificuldades para falar repetindo palavras.

⁴⁴ Empresa brasileira criada em 1969 que atua no ramo de produtos de beleza e de tratamento de pele. Vende sabonetes, perfumes, óleos, etc. A Natura Cosméticos S. A., é reconhecida internacionalmente por ser uma empresa que cria seus produtos dentro dos parâmetros socioambientais exigidos desde a extração das matérias-primas até a destinação. Entretanto, o discurso ambientalista fomentado pela empresa entra em contradição quando suas peças publicitárias que tendem a propagar a necessidade de embelezamento vão na contramão de uma atitude de preservação e controle do consumo (HERNANDEZ; RABINOVICI, 2015).

não é? E aí, quem trabalha tantos anos aqui tem direito a nada. O ruim é isso. Mas aqui é bom porque a gente trabalhando aqui vai embora a hora que quer, não tem o chefe, mas certas horas é bom ter um, um trabalho certo assim de carteira assinada, garantido, com auxílio de médico, auxílio maternidade, tudo isso é que aqui tem uma menina que tá grávida, só que ela não veio hoje porque tava fazeno, foi fazer ultrassom, uma menina que tá grávida e uma muié aqui grávida não tem direito a nada, se quando for pra ter a menina a família não coisar, se o marido dela não correr atrás, ela fica sem nada, né? Então, aqui é ruim até pra gente, a gente fica aqui no, tomando esse sol o dia todo, quando tem chuva é...

É, mas eu queria arranjar um emprego novo em outro lugar porque falar a verdade eu não gosto de ficar em casa, eu não gosto de ficar parada, eu não gosto e ficar em casa, ficar parada, eu não gosto de depender de ninguém. Eu gosto assim, ó: de quando eu quiser uma coisa eu ter o meu dinheiro de ir lá, ir lá e fazer. E não gosto de ficar esperando por ninguém, eu não gosto de depender de ninguém. Por isso que eu trabaio.

Se eu trabaia muito, juntar e vender eu faço até mais de um salário. E aqui a gente tem dinheiro no dia que a gente quer. Se eu quisesse dinheiro hoje eu vendia material e já tinha dinheiro hoje, né. Mas só que vou largar pra vender pra semana. E pra semana deve fazer no máximo uns trezentos reais, trezentos e cinquenta de material, até mais né. Se a gente trabaia mais. Tem gente aqui que faz mil, mais de mil reais no mês. Os menino, tem menino é, tem um menino ali que todo dia vende, todo dia ele tira cem real aqui, todo dia. Ele vende o mais caro, é cobre, o mais caro.

Na verdade, mesmo a gente trabalha aqui, mas a gente tem muitas vezes passa muito melhor do que quem trabaia em outro lugar. Porque se a gente, se eu quisesse, por exemplo, depois de amanhã é sábado e domingo, se a gente quiser fazer uma festa grande, a gente pega o dinheiro na mão do comprador e vai e faz. E tem gente que não pode fazer isso, né? Esperar o dinheiro sair certo pra fazer. Aí é a vantagem da gente, porque a gente mesmo governa o nosso trabaio, mas o ruim é porque a gente não tem recurso a nada.

A gente vai, eu vou pra festa, passeia, pra praia final de semana. Junta todo mundo se quiser ir pra praia vai, pega o carro na rodoviária vai pra praia, pra cabo sul, vai pra vitória. A gente se diverte, a gente se diverte muito e é bom porque a gente trabaia pra gente ser independente.

Com o tempo eu já me acostumei. Às vezes eu acho que se se eu pegar um trabaio até meio de que esse não vai ser a mesma coisa daqui. Porque aqui a gente para, a gente conversa, brinca, bebe, tombém, traz bebida de Santo Amaro, bebe e aqui a gente se diverte e num outro lugar a gente não ia poder fazer isso. Tem patrão que é muito exigente. Que nem eu trabalhei com um rapaz lá em Santo Amaro que não queria ver ninguém conversando, brincando, nem... Só no trabaio mesmo. Se você parasse um minuto ele já falava.

É, pode se dizer assim, a a gente tá fazendo um um uma maior parte pro meio ambiente, né, pra não se, é praticamente o a muita poluição que tá tendo, a maior responsabilidade é da gente, se a gente não se conscientizar mais o mundo vai ficar com muita poluição, né? Dia de segunda-feira mermo você vai no mercado em Santo Amaro, no rio Subaé é mei mundo de lixo dentro do rio. Então, quer dizer, eu acho que deveria ter uma

mutação pros feirantes por jogar lixo dentro do rio. Que tem muita gente em Santo Amaro que nem eu já vi, todo mundo já viu, gente que pesca ali no rio. Tem gente que pesca no rio. Naquele Rio Subaé. Quer dizer, de alguma maneira deve tá se, quer dizer, vai se alimentar ou então vai vender pra comprar outras coisa pra família dele. Muitas vezes a pessoa não sabe, mas hoje em dia nada no mundo tá perdido, tudo que a gente acha aqui já é lucro pra gente. Se a gente achar, na maioria das vezes a gente acha celular bom, acha dinheiro, acha como que diz, esse material mermo, tudo aqui já é um recurso, tudo já é um modo de sobrevivência, pra gente.

Eu digo a você que se isso aqui fechar, ou fechando ou não, dependendo do que aconteça daqui a uns anos, daqui a mais um, mais um, até 2016, né que eu não quero ficar mais aqui dentro, eu quero procurar um trabalho, um trabalho de carteira assinada pra mim. Um trabalho digno, certo. Eu quero procurar um trabalho. Independentemente de isso aqui fechando ou não. Esse ano ou no outro eu não quero tá mais aqui dentro.

Priscila, catadora.

O argumento introdutório rompe com qualquer ideia naturalizada que temos sobre a catação de lixo. Priscila diz que mesmo sem o apoio do seu pai, foi para o lixão trabalhar porque queria ser independente, ganhar seu próprio dinheiro. Esta será a principal argumentação que me debruçarei para refletir. Mas antes disso, especificarei as outras ideias.

A catadora reclama da possibilidade do fechamento do lixão e do desamparo de muitos/as catadores/as que não terão benefício algum por terem trabalhado tantos anos neste lugar e da falta de melhores condições de trabalho. É evidente o marcador geracional determinando a forma de falar de Priscila, tendo em vista que sua preocupação se dirige às pessoas com mais tempo de trabalho no lixão, as mais velhas. Por ela ter 20 anos à época da entrevista, acredita possuir muita vida e várias oportunidades pela frente. Logo em seguida ela se insere novamente no grupo de catadores/as para mostrar sua insatisfação com a falta de direitos e de condições adequadas para trabalhar. Não há benefícios, contato com médicos para as mulheres que estão grávidas; férias também não; muitos objetos perigosos são despejados no lixão podendo ocasionar graves acidentes, etc.

Priscila atenta para a existência de um trabalho mais livre dentro do lixão. Enumera algumas características que distinguem trabalho formal de informal. Então, diz que no lixão pode levar bebida, conversar, brincar e delimitar o horário de

trabalho, aspectos estes que criam outro modelo disciplinar para o trabalho que se difere muito do tipo de trabalho formal. Por isso que ela mesma imagina a difícil possibilidade de fazer outra atividade, pois já teve a experiência num antigo trabalho no qual havia um chefe mandando cumprir metas, não a deixava conversar e brincar. A obrigação era trabalhar o máximo e se parasse fizesse pausas breves, o chefe reclamava. Esta argumentação ajuda a compreender que mesmo havendo a possibilidade de um trabalho formal, com carteira assinada e direitos garantidos, Priscila não se entusiasma por causa da relação disciplinar. O que leva a conceber que no lixão os corpos são treinados de outra maneira. A catadora não compreende como exploração o tipo de trabalho que executa. Na verdade, essa característica se relaciona ao trabalho formal tradicional.

A noção que Priscila possui sobre sua atividade é interessantíssima. A produção se estabelece de forma objetiva: cata, separa, negocia e recebe o dinheiro na hora. Não se espera um mês para obter o dinheiro pelo serviço prestado. Outra coisa, em seu entendimento o trabalho não lhe parece ser expropriado, diferente da empresa em que se trabalha para o/a chefe que ordena e é dono/a da produção.

Outro argumento marcante da colaboradora é sua crítica às pessoas em Santo Amaro que estão poluindo o rio Subaé, principalmente os/as feirantes que jogam lixo no rio despreocupadamente. Priscila reconhece que sua atividade de catação é extremamente importante para o meio ambiente, porém utiliza a locução pronominal “a gente”, referindo-se de modo geral à sociedade, para dizer que é preciso se conscientizar mais, do contrário, o mundo ficará com muita poluição.

De fato, há privações de liberdade em sua vida e ter ciência disso é importante para compreender as poucas possibilidades desenhadas em suas perspectivas para trabalhar e sobreviver. Priscila começa a trabalhar no lixão porque queria ter dinheiro e se tornar independente, esta foi a principal motivação. Iniciar o trabalho dentro do lixão lhe proporcionou comprar perfumes da Natura, roupas novas para sair e namorar os meninos, ou seja, realizar seus desejos. Entretanto, quando cresceu, viu que tinha perdido tempo fazendo isso e decidiu que juntaria o dinheiro que recebido para comprar a sua casa.

A narrativa de Priscila mostra que catadores/as vivem suas vidas como qualquer outra pessoa. Vão às festas, fazem compras, e o mais interessante aqui, escolhem, em alguma medida, a catação de lixo. Para o senso comum, catar lixo é sinônimo de subumanidade, do fim das escolhas, mas não foi isso que presenciei. Torna-se interessante repensar algumas posturas de entendimento buscando

alargar a compreensão sobre este fenômeno. Ao invés de imaginarmos que os/as catadores/as não tiveram escolhas porque morreriam famintos, poder-se-ia pensar em outras lógicas também, sendo assim, supor que os/as catadores/as escolhem catar lixo porque querem obter meios para sanar suas necessidades e vontades. A escolha deve ser levada a sério mesmo sabendo que a existência de outras possibilidades de trabalho é limitada. Foi a própria catadora quem disse que não gostou do emprego anterior porque se exigia muito dela. A perspectiva de Priscila retira o teor dramático da catação em que as pessoas parecem famintas disputando lixo com animais.

Vimos que Priscila não entende seu trabalho como algo expropriado, que por meio do lixão conseguiu independência, entretanto, ela é enfática ao dizer que deseja sair desse lugar. Priscila tem sonhos, almeja mudar de vida e acredita que mesmo obtendo renda dentro do lixão sabe que aquele lugar é custoso para se viver. Parece que o marcador geracional é um elemento fundamental em seu discurso. Por ser jovem poderá galgar outras atividades.

O que quero mostrar nesta seção – que é muito importante para continuarmos as reflexões – são as noções sobre o trabalho da catação e os contextos nos quais essa catação é iniciada, para que dessa maneira possamos ampliar nossas percepções sobre o tema. Volto a enfatizar, as possibilidades de sobrevivência e escolhas são limitadas, porém se focarmos sempre nestas asserções vamos acabar perdendo a riqueza que os detalhes inerentes aos acontecimentos podem nos ensinar. A proposta é evidenciar o seguinte: se há escolhas, como elas se efetivam? A partir disso o presente se dilata por causa da variedade de situações e formas de conhecimentos.

Então vamos lá. Por que a decisão em praticar uma atividade tão estigmatizada? Uma das seguras respostas se evidencia nas relações de parentesco influenciando diretamente na iniciação. São os/as parentes que exibem pontos de vistas positivos e negativos. Cabe a pessoa que irá se iniciar decidir a partir de um leque limitado de possibilidades. Ademais, os/as iniciados/as na catação sabem muito bem que a sociedade em geral não entende o lixo como eles/as, mas é justamente por possuir tal entendimento que os convites para adentrar o lixão são feitos. Mais a frente eu explorarei as categorias que catadores/as acionam para diferenciar-se e, ao mesmo tempo, marginalizar outras pessoas. Numa sociedade em que o crime como ato e o criminoso como

bandido/ladrão são classificados como imorais, não resta dúvidas quais são as estratégias lançadas pelos/as catadores/as para positivar e moralizar a catação.

Agora, trarei os argumentos de Gabriele Grossi (2003) sobre o processo de iniciação e sua principal motivação:

A fome ou sua ameaça marcam, indelevelmente, o cotidiano dos badameiros, marcam os sonhos e os desejos, os conflitos e as brigas. A fome é o centro, em torno do qual se organizam comportamento e práticas sociais, desejos e aspirações. A ela cabe a função hermenêutica da realidade. Ela é o princípio que orienta o processo de construção social de valores e significados, de *ethos* e visão de mundo (...) (GROSSI, 2003, p. 60).

Na página seguinte ele continua:

A única finalidade é a satisfação das necessidades imediatas, as necessidades básicas para garantir a sobrevivência. Neste esforço terrível, continuado e repetido ao longo dos anos, se concentram todas as capacidades, se esgota toda a enorme criatividade dos badameiros. A fome devora o futuro. Pouco tempo resta disponível para imaginar o futuro, para sonhar: Os desejos são os mesmos, reaparecem continuamente e se referem à vontade de sair do lixão, de possuir casa, de ter uma melhor condição econômica (...) (GROSSI, 2003, p. 61).

Paro por aqui, pois vejo a urgência em delinear pontos que me afastam do autor. Em parte, concordo que a fome é um elemento para se entender a catação, pelo fato de nela serem sanadas necessidades fisiológicas e, por isso, haver o sentimento de gratidão pelo lixão ter sido o lugar onde isso aconteceu. Porém, caso leve-se em conta apenas a fome como força motriz da prática da catação, vários outros fatores serão negligenciados. Priscila está nos dando uma ideia totalmente diferente desta. Em hipótese alguma a fome se apresenta como estruturante de práticas. A pessoa que passa fome pensa menos em obter produtos da Natura, ir para festas, namorar e comprar roupas do que sobreviver. Se a chave interpretativa para compreendermos o trabalho de catação for apenas a fome, a apreensão do fenômeno fica incompleta.

O futuro não imediato na perspectiva de Gabriele Grossi só pode apresentar-se aos/às catadores/as pela fé, sonho ou utopia. Um dos objetivos desta dissertação é mostrar que há outras motivações. Ele diz que a fome devora o futuro, mas não consegue vislumbrar a abertura do presente. A teorização sobre a fome é uma

resposta que se pretende hegemônica tendendo a vitimizar os/as catadores/as e violentá-los/as invisibilizando seus saberes.

Não estou dizendo que Grossi está equivocado em suas análises, apenas estou evidenciando que é possível ampliá-las. Ele um italiano com graduações na Alemanha e Itália, veio para o Brasil onde fez o mestrado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), momento em que escreveu este livro e depois vai à França doutorar-se. Isto implica dizer que sua formação é da tradicional escola estruturalista francesa, o que influencia diretamente sobre suas análises feitas no livro. É o marcador de classe a chave fundamental para entender a realidade. No entanto, sabemos que numa sociedade como a brasileira o marcador étnico/racial é de extrema importância nos desdobramentos das relações sociais. Há outro atenuante, Gabriele Grossi escreveu *O luxo do lixo* em 2003, nove anos antes de nos conhecermos e de me orientar durante a graduação. Acredito que sua percepção tenha se alterado com o passar dos anos, pois era o mesmo quem me aconselhava a escutar os argumentos dos/as catadores/as e que não tínhamos autoridade de dizer o que era certo ou errado para eles/as.

A próxima colaboradora a ter sua narrativa oral analisada é Zena.

Já trabaio aqui tem bem uns seis ano a sete ano. Mas, ói, desde o período que eu trabaio aqui, aqui nunca se encontrou que poderia ter um médico cuidando da gente. Não tem, nunca vei médico nenhum, nunca vei diabo de nada, nós não temo nada. Nós só temo a noite e o dia e o caminho de casa quarquero hora que aqui puder fechar.

Comecei a trabaiaí aqui porque eu num, num, quer dizer, eu trabaiei na MRC⁴⁵ de carteira assina, levei quase um ano e o pessoal mandava ni mim, o fiscal, eu fazia aquele trecho e o fiscal dizia que eu não fiz e era aquela briga, tomava aquela temporada de suspensão, cinco dia de suspensão, aí eu abandonei o trabaio e vim pra aqui. Achei que aqui era melhor e vim pra aqui, que lá o dinheiro era por mês eu ficava com fome, trabaiaiva, trabaiaiva e não dava pra pagar minhas contas, ficava com fome e meu recurso foi vir pra aqui. Aqui eu trabaio, aqui eu bebo, aqui eu curto, aqui eu faço o que eu quero e não tomo porra de caça de patrão nem um pra me dizpracatano [desacatando].

Hoje em dia você quer achar um emprego, você não vai por causa daqui do aterro. Que aqui se você chegar um comprador, você querer vender um bag desse de material, você vende, você já compra um açúcar, você já compra e igual se você trabaia nim de as vezes de carteira assinada os vendedor das vendas não quer lhe vender. E aqui você já sabe que é só correria, aqui cato papelão, cato uma pet, vende, cata um alumínio, vende e, com isso, a pessoa vai sobreviveno. Eu sou sincera, ai de mim se não fosse de aqui do

⁴⁵ MRC Ambiental, empresa terceirizada responsável pela limpeza pública da cidade.

aterro sanitário. Quando o aterro sanitário dizer que fecha, tira os pessoá, eu vou sofrer, vou até pedir esmola, eu não vou mentir. Que eu já tô véia, não vou guentar mais trabaiaá.

Então eu gosto daqui que eu bebo minha cachaça, tem vez que eu fico beba, esculambo todo mundo e vou dormir beba. Eu vim pra cá mais osôto [os outros]. Sabe, eu vim para aqui com a D. Lurdes, a mãe de Volk. Eu vim através dela que eu vinha perturbar aí ela dizia assim: “Ô minha fia, cata que é bom pra você, cata”, aí eu catei. Comecei a trabaiaá foi através dela que eu entrei no lixão pra trabaiaá. Eu vinha só pra brincar e ela mandou eu catar e eu até hoje em dia, ela já se foi⁴⁶, e eu tô aqui ainda, né.

Há tempos atrás a gente já trabaio de noite, mas hoje em dia não dá pra trabaiaá não que hoje em dia vem mutho vido, mutho... a recicragem não tá muito boa pra trabaiaá de noite não. Antigamente vinha as coisas que a gente enxergava de noite, vinha coisa boa, mas hoje em dia não dá mais não. A gente não cortar as mão, né?

Tem vez que vem cada seringa que em tempo da gente se cortar. Então, isso não é justo do hospitalar vir junto com o lixo, com os materiais da gente recicrar. Tá entendendo? Eu mesma já tomei várias aguiadas de seringas de... óia, eu vou lhe dizer, se as muitas vezes você chegar aqui, “ahh, cadê aquela menina?” tá de AIDS, as vezes não é nem de pegar homem, tá me entendendo? É de as vezes a seringa, de as vezes você se furar na seringa, entendeu ? O que eu acho errado é isso. Que isso não é de acordo o hospitalar vir com o material da gente recicrar. O que eu acho errado é isso aí que o hospitalar podia vir como antes, antigamente, separado. Porque ante vinha separado e hoje em dia vem tudo junto. Aqui não tem mais ou menos não tem uns seis meses, eu já boto isso do bebê que a gente achou aqui.

Zena, catadora.

A narrativa de Zena é muito parecida com a anterior, porém, ao falar do possível fechamento do aterro, a resposta se difere da de Priscila. Zena estava com 47 quando a entrevista foi realizada. Ela não gosta da ideia de ter de sair do lixão quando o mesmo fechar. Acredita estar velha e que possivelmente vai pedir esmolas. O que está por trás deste argumento é o que irei me debruçar novamente, a negação da disciplina formal para o trabalho.

O dia-a-dia dentro do lixão não é feito somente pelo trabalho de catação, creio que já deve ter ficado especificado. Zena afirma ter abandonado o emprego porque não aguentava mais sofrer suspensões e reclamações do patrão. Por isso decide frequentar o lixão. Ela gosta muito, pois pode beber, falar palavrão, dormir a

⁴⁶ D. Lurdes foi a responsável pela a iniciação de muitas pessoas no lixão. Faleceu em 2012.

hora que quiser e ninguém vai demandar obrigações. Todo momento a catadora informa que não gosta de ter seu corpo disciplinado para o trabalho formal.

A disciplina da qual Zena rejeita é a mesma que tem como função criar corpos dóceis, objetos submetidos ao poder disciplinar. A emergência das sociedades industriais impôs a produção de um tipo de corpo específico através da disciplina (Foucault, 1987). Esse corpo produzido para a sociedade capitalista deve seguir normas de como o trabalho deve ser efetuado. Por um lado, o treinamento intensivo aumenta as potencialidades econômicas e utilitárias, por outro, diminui consideravelmente a força política de emancipação.

A disciplina é essencial para o controle da atividade. Foucault demonstra cinco procedimentos fundamentais para isso acontecer: o estabelecimento de um horário tendendo a impedir que qualquer acaso inviabilize a atividade; segundo, o tempo como programa que realiza as funções, neste caso, há uma sincronização dos corpos delineando um enquadramento de atividades gerais; no terceiro procedimento os gestos e o corpo precisam estar bem relacionados para que haja rapidez; depois, os elementos dos corpos passam por um processo de codificação com os objetos manipuláveis; e por último, o uso fatigante do tempo, pois durante a atividade não se pode perder um instante sequer.

Não pretendo descrever o complexo processo de disciplinamento, creio que exposto seja suficiente para demonstrar como a docilidade submete os corpos a limitações e obrigações. E voltando à análise da narrativa de Zena, é justamente este poder disciplinar que se afrouxa dentro do lixão, permitindo que ela repouse seu corpo, já que a disciplina o enrijece, o controla, o condiciona a deveres que ela não quer se submeter.

No que tange o processo de iniciação, Dona Lurdes é a facilitadora, pois foi ela quem convidou Zena para ir ao lixão. E é ela quem diz que começou a frequentar porque gostava de ficar brincando. Só depois se dá conta de que pode lucrar com a sua estadia. Outro ponto que é compartilhado por todos/as é a falta de melhores condições para trabalhar. Verificam-se a não incidência de contato com médicos/as e a quantidade enorme de lixo hospitalar como os maiores problemas. Também, a catadora parece se incomodar quando fala que bebês são jogados lá, dando a entender que se acha de tudo no lixão. Se houvesse condições boas para a atividade talvez o trabalho noturno não tivesse findado.

...

As narrativas orais descritas auxiliam na compreensão da maneira distinta que os/as catadores/as experimentam o lixão. Viu-se que a elaboração dos discursos evidencia a construção de códigos, do sentimento de pertença àquele lugar, de gratidão e de escolha. Assumir que existe escolha na catação se torna algo imediato, pois os/as sujeitos se agenciam, eles/as têm consciência do que estão fazendo. Não podemos ignorar este fato vitimando-os/as ou atribuindo juízo de valor negativo porque coletam lixo. Afirmar que existe alternativa significa entender que aquelas pessoas decidiram catar restos, pois queriam melhorar de vida naquele momento.

O problema que atinge as representações sobre a catação tem a ver com o lixo. E o processo de construção social é bastante rigoroso quanto ao contato com os restos e dejetos. A Antropologia oferece recursos teóricos e analíticos para realizar o exercício de mudança de perspectiva, pois adentra em realidades distintas e descobre novas formas de ser. O lixo e o lixão são ressignificados pelos/as catadores/as porque o lixão é um lugar antropológico. Marc Augé explica o que isso significa:

Reservamos o termo "lugar antropológico" àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. É porque toda antropologia é antropologia da antropologia dos outros, além disso, que o lugar, o lugar antropológico, é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa (AUGÉ, 1994, p. 51).

Os catadores e catadoras comungam de experiência vividas dentro do lixão que modificaram suas ideias de doenças, alteraram percepções sensoriais, visto que o cheiro é reordenado, a sujeira ganha gradações, práticas sexuais se efetivam, o trabalho se afasta dos moldes de coerção inerentes ao modelo formal, membros da família dividem o mesmo espaço e a ideia de produção é vista de maneira distinta.

São vários fatores que identificam as pessoas àquele lugar. O inimaginável torna-se possível, e a vida vai continuando.

Esta pesquisa não é um manifesto pró-catação de lixo. Não estou dizendo de forma alguma que essa gente tem que continuar no lixão, apenas faço a investigação através de seus saberes. Nem tudo é alegria dentro do lixão e os/as colaboradores/as especificam bem isso. Faltam-lhe condições adequadas para trabalhar, não existem benefícios do governo local ou amparo estatal, o contato com o/a médico/a é esporádico e acontece apenas em momentos graves. No entanto, estes motivos não são suficientes para intuir que a vida no lixão é inabitável. Cabe às autoridades políticas abrirem o diálogo com essas pessoas buscando viabilizar recursos que melhorem suas condições ou até mesmo tentando retirá-las de lá, como é o caso de Priscila que deseja.

Houve um tema, para finalizar essa seção, que ouvi bastante durante minha estadia no lixão, a formação de cooperativas. Este é um dos assuntos mais controversos que conheci ali dentro. Tenho plena consciência que o ato de formar uma cooperativa pode ser uma maneira de emancipação, porém o que vi foi o total desinteresse em tal procedimento. Os/as meus/minhas colaboradores/as são experientes, a maioria vivenciou a realidade de cooperativas e sabe como funcionam. A falta de interesse sobre o tema se dá porque eles/as acreditam que este tipo de organização não rende os mesmos lucros como o trabalho avulso. E cooperar também não significa acabar com os preconceitos. Ademais, casos empíricos de cooperativas nos moldes tradicionais estão demonstrando falhas. Márcio Magera (2003) analisou cinco cooperativas em cinco diferentes cidades do estado de São Paulo e constatou que em todas elas haviam mentores intelectuais com habilidades administrativas que geriam e organizavam a produção, ou seja, os/as catadores/as não tinham o poder de decisão conjunta. Isso acontece porque a associação não é construída com base nos conhecimentos das próprias pessoas que vivenciam o lixo. O que aparenta é que a lógica de funcionamento da cooperativa não destoa da lógica do trabalho formal. Seria interessante pensar as associações e cooperativas por meio destes conhecimentos. Talvez muitas relações mudassem. O caminho é longo, mas os passos estão sendo dados pelos/as meus/minhas colaboradores/as em suas noções sobre cata e viver do lixo.

CAPÍTULO 3 – CORPOS NO LIXO E A PRODUÇÃO DE OUTROS SABERES

Tornar o corpo do/a catador/a objeto de investigação sociológica e antropológica evidencia problematizar a sua construção, visto que o corpo é um território político, e, portanto, de disputas. De forma que o corpo representa um lugar no mundo, um lugar social, mas que ao mesmo tempo está em constante transformação pelas experiências que cada sujeito vivencia. A corporeidade diz muito sobre quem uma pessoa é, o que faz, o que come, como e onde vive, retêm marcas que contam história. “Os sinais com que [se] sai à rua não são meros sinais descritivos, como a roupa ou a estatura. São mais. São sinais diacríticos” (VALE DE ALMEIDA, 2004, s/n). A experiência na cidade é visual. A partir dela imaginam-se relações, criam-se identificações, alianças ou afastamentos. Os grupos ou quase grupos e sujeitos criam reconhecimentos e se rechaçam, porque os corpos são fabricados contextualmente.

O corpo é uma representação discursiva e simbólica. Surgem então semânticas que se tornam vetores da relação com a realidade dada. Com esta definição torna-se inteligível a maneira que o corpo é percebido por cada sujeito e como ele o agencia. Delinear o agenciamento é importante porque apesar de concordar que existam condicionantes socioculturais que moldam o corpo, a corporeidade é agenciada, é refletida e, com isso, transformada, mas não sem tensões e negociações.

Desde o século XVII a medicina “sob a forma de um *corpus* de saber e de regras” (FOUCAULT, 1985, p.106) institucionalizada criou normas sobre o comportamento e os modos de viver. Isso se realizava através de um enorme dispêndio do corpo, pois todas as regras o tinham como alvo. É a medicina que propunha um regime de verdade e uma atitude racional por parte dos indivíduos. O corpo é o lugar da inscrição do poder, moldado, treinado, castigado, que no transcorrer do século XVII ao XVIII deixa de sofrer castigos físicos (mortes em fogueiras, decapitação, etc.), mas passa a ser submetido ao poder disciplinar, mais sofisticado, dentro das instituições de reclusão. São as escolas, oficinas, fábricas, hospitais, etc, que docilizam os corpos dos indivíduos para adequá-los às normas requeridas pela medicina, pelo sistema capitalista, fomentando um bom operário, higienizado, casado, pai de família, embranquecido. Ademais, requer o controle da sexualidade e das pulsões. Quem foge dessas maneiras de agir e pensar são

enclausurados porque destoam do padrão de governamentalidade exigido, porém, se destoam, é porque são subversivos. O poder não é completo, possui brechas em que disputas ocorrem. Por isso, o corpo é político.

Mas toda esta descrição tangenciando a violência impressa nos corpos é uma característica que primeiramente foi efetuada no processo de colonização. “Pois foi precisamente a partir do colonialismo que se gerou esse tipo de poder disciplinar que, segundo Foucault, caracteriza as sociedades e as instituições modernas” (CASTRO-GOMÉZ, 2005, p.83). Dessa maneira, a estrutura de dominação não pode ser reconhecida nos micro-poderes, é preciso de um plano macro. Assim, a colonialidade do poder é um conceito fundamental ao entendimento da violência que se estabelece no corpo (ajudando a compreendê-lo), como para todas as outras relações de dominação existentes nas sociedades modernas⁴⁷.

A colonialidade do poder, na concepção de Aníbal Quijano (2000), é um dos elementos articuladores do padrão mundial de poder capitalista. Para o autor, a América Latina é constituída ao mesmo tempo em que o capitalismo se mundializa. É neste movimento histórico (Séc. XV) que a Europa (classificada assim neste momento) domina todo o mundo, estabelecendo a colonialidade e a modernidade. Surgem as novas identidades: negros/as, índio/as, orientais, etc. Doravante impõe-se um tipo humano privilegiado, materializado no corpo do homem/heterossexual/branco⁴⁸. As divisões internacionais e sexuais do trabalho eclodem aqui; as práticas homossexuais efetuadas habitualmente entre alguns povos indígenas são patologizadas; os/as negros/as tornam-se degenerados, não humanos, precisam de uma espiritualidade; alfabetiza-se; impõe-se uma linguagem; marca-se violentamente o poder Europeu.

⁴⁷ Para Foucault, o Estado não é apenas o governo e, por isso, as forças deveriam se voltar aos aparelhos abaixo dele (FOUCAULT; 1979). Entretanto, “O conceito da colonialidade do poder amplia e corrige o conceito foucaultiano de poder disciplinar, ao mostrar que os dispositivos pan-óticos erigidos pelo Estado moderno inscrevem-se numa estrutura mais ampla, de caráter mundial, configurada pela relação colonial entre centros e periferias devido à expansão europeia” (CASTRO-GOMÉZ, 2005, p. 83).

⁴⁸ Sugiero un camino de indagación: porque implica algo muy material, el “cuerpo” humano. La “corporalidad” es el nivel decisivo de las relaciones de poder. Porque el “cuerpo” mienta la “persona,” si se libera el concepto de “cuerpo” de las implicaciones mistificadoras del antiguo “dualismo” eurocéntrico, en especial judeo-cristiano (alma-cuerpo, psiquis-cuerpo, etc.). Y eso es lo que hace posible la “naturalización” de tales relaciones sociales. En la explotación, es el “cuerpo” el que es usado y consumido en el trabajo y, en la mayor parte del mundo, en la pobreza, en el hambre, en la malnutrición, en la enfermedad. Es el “cuerpo” el implicado en el castigo, en la represión, en las torturas y en las masacres durante las luchas contra los explotadores. Pinochet es un nombre de lo que le ocurre a los explotados en su “cuerpo” cuando son derrotados en esas luchas. En las relaciones de género, se trata del “cuerpo.” En la “raza,” la referencia es al “cuerpo,” el “color” presume el “cuerpo” (QUIJANO, 2000, p. 380).

É neste emaranhado de relações políticas de dominação em que o corpo é construído. Não se pode entendê-lo sem ter consciência de uma geopolítica do poder⁴⁹ e do conhecimento, pois a separação entre corpo e mente que figura no dualismo do racionalismo europeu servirá como saber hegemônico ensinado por meio dos instrumentos ideológicos de dominação, como por exemplo, as Ciências Sociais. Através destes mecanismos se naturalizarão as classificações étnico-raciais, de gênero e classe.

Chega-se numa síntese: o corpo é uma existência social e simbólica criado discursivamente mediante um princípio de classificação étnico-racial que tende a controlar o gênero, a sexualidade e os modos de produzir dentro do processo violento de colonização, mas que se agencia podendo se insurgir contra as disciplinas que tentam regulá-lo, pois os contextos e as fronteiras possibilitam negociações, criam novas identidades, produzem novos saberes fomentando tensões e evidenciando outras possibilidades de ser.

⁴⁹ Os Estados Unidos também se encaixam nesta geopolítica, porém, não pretendo discorrer sobre o seu imperialismo e nem das investidas ao Oriente Médio para usurpar riquezas e financiar guerras, pois este trabalho não se propõe a fazer isso.

3.1. As técnicas do corpo e o treinamento intensivo dos sentidos



Foto 02: (Catadores e catadoras esperando o caminhão de lixo).

Marcel Mauss (2003) compreende técnicas corporais como as maneiras pelas quais cada sociedade aprende a servir-se do corpo. Isso, porque o corpo é o principal (natural) instrumento do ser humano. Ele é um objeto técnico assim como um meio técnico para realização prática da vida. Isso implica dizer que cada sociedade vai criar jeitos de efetivar ações no mundo. Por exemplo, o ato de escovar os dentes não é o mesmo entre distintas sociedades, cada uma delas pode se diferenciar na maneira de segurar a escova, definir os movimentos de escovação ou possuir outras técnicas de higienização bucal que não seja com escovas. O jeito de nadar, copular, cuspir, olhar, jogar golfe ou qualquer outra atividade social requer um leque de técnicas corporais para se efetivar.

Não pretendo exaurir as formas nas quais se dispõem as técnicas corporais dos/as catadores/as de lixo, tenciono exhibir apenas o dispêndio pelo qual o corpo passa para efetuar a atividade de catar lixo.

A catação é um conjunto de atos repetitivos e codificados. Antes de o caminhão chegar, todos/as estão distraídos/as, conversando, alimentando-se ou fazendo qualquer outra coisa. Todo o procedimento começa antes mesmo da presença física do caminhão, logo que percebido o barulho do seu motor os/as catadores/as iniciam a mobilização. A velocidade do caminhão é determinada pelas condições da estrada, vai se aproximando às vezes lentamente, quando o nível de lama é muito alto devido as fortes chuvas ou, com mais agilidade, quando o terreno está seco e fácil para se locomover. Os/as catadores/as imediatamente se levantam de onde quer que estejam, seja jogando, conversando ou comendo e vão vestir suas luvas e calçar suas botas (para aqueles/as que possuem, pois outros trabalham com sandálias). Tudo vai acontecendo em poucos segundos, as mulheres que precisam de algum tipo de ajuda para calçar a bota ou vestir as luvas são ajudadas por outras ou por seus namorados e maridos, o momento anterior que era de calma se esvai, agora é preciso concentrar-se e seguir para o local onde será despejado o lixo. Cada um/a carrega consigo as sacolas plásticas, mais um instrumento de trabalho. As sacolas, por possuir importância devido a sua característica de receptor dos dejetos catados, são postas em lugares estratégicos, ao lado dos barracos. Às vezes aparece um/a catador/a gritando e perguntando onde está sua sacola de lixo e se alguém o pegou. Esses momentos de arrumação e preparo dos/as catadores/as para a chegada do carro de lixo além de demonstrar através de seus movimentos físicos a manifestação do início da catação, também demonstram a formação das posições que serão tomadas por cada catador/a, revelando dessa forma a busca por um lugar melhor para trabalhar. Necessita-se de uma sequência de ações que ocorrem simultaneamente entre os/as catadores/as.

Após toda preparação os/as catadores/as vão para a rampa esperar a chegada do caminhão. Esse é o momento de combinar com o companheiro ou companheira qual tipo de lixo pegar, qual a posição melhor para ficar, cada um com o objetivo de fazer um bom trabalho e assim catar o máximo possível para depois ser recompensado com o dinheiro. O que parece ser um ato normal da catação reflete também os poderes hierarquizantes dos membros do lixão, entre o mais forte e o mais fraco, homem e mulher, jovens e velhos. Todos/as estão a postos e, então, o esperado caminhão que foi ouvido pouco tempo atrás chega. O motorista o ajeita para o despejo do lixo. Depois de posicionado, eleva-se a caçamba, a comporta se abre e o lixo começa a ser despejado como uma fonte. E assim os/as catadores/as

começam a trabalhar.

Dezenove catadores e catadoras estão na imagem 03. Dezoito deles/as se posicionam para o caminhão que se aproxima. A grande maioria segura as sacolas plásticas com a mão esquerda, nem todos/as utilizam luvas. Não há bichos por perto quando a catação se inicia, os urubus estão um pouco distantes comendo o lixo num local que não será despejado naquele instante. Um aspecto interessante que poderia insejar algumas discussões mas não me deterei nele, tem que ver com as posições nas quais os homens alocam-se. Cinco dos oito homens que irão catar os rebotalhos se fixam na linha de frente. Um deles começou a catar antes mesmo do caminhão chegar. As mulheres se localizam logo atrás. Penso que essas posições refletem hierarquias, como disse anteriormente. No caso, parece haver assimetria entre os gêneros masculino e feminino no que tange as posições para catar. Digo isso porque quem está na frente claramente consegue vantagens na coleta dos melhores materiais.



Foto 03: (Catadores e catadoras no momento da atividade de coleta do lixo).

A catação, diferente das representações midiáticas, que expõem pessoas coletando mecanicamente cujo objetivo único e exclusivo é matar a fome, não

condiz com a realidade contextual daqui. Não estou me opondo a perspectiva na qual a fome é fator relevante que dá uma função a catação. Gabriele Grossi (2003) já demonstrou o poder que a fome exerce sobre os/as catadores/as e eu já discuti este tema no capítulo precedente. Neste momento estou interessado nas táticas e as diferenças de idade e sexo no ápice da catação entre os/as catadores/as na busca por “melhores dejetos”. O que estou dizendo é que quando a televisão mostra pessoas catando lixo, a ideia principal vinculada é a de que a única relação existente naquele momento é a do/a catador/a com o lixo, uma relação mecânica. Não é isso que acontece. Quando eles/as estão coletando, contam-se piadas, cantam músicas, discutem sobre vários assuntos, como também se vangloriam do que acabaram de achar no lixo, além de imaginarem que vão beber depois do trabalho, ou muitas vezes falam do próximo caminhão que logo chegará. Retira-se então o teor dramático da catação possuído pela *doxa* e vê-se agora um espaço de interações e códigos sociais referentes ao *ethos* vigente dentro do lixão.

Após o término do trabalho, com o lixo dentro das sacolas, os/as catadores/as vão separar os tipos de materiais recolhidos. Por exemplo, separam o cobre, o ferro, os tipos de plásticos, etc. Um fato interessante é a passagem da categoria de lixo para material nas concepções do catador e catadora. Antes de catar, é considerado lixo, depois que está separado, se torna material reciclável. Essa mudança se concretiza após os rebotalhos terem sido transformados pelo trabalho de catação e seleção pelo/a catador/a. Essa transformação de lixo em “material” possui um sentido ético para essas pessoas, já que as palavras possuem valor. O que quero dizer é que nenhum catador ou catadora dirão que vendem lixo, porque lixo “não presta”, é necessário dizer que se vende material reciclável, não apenas para abrandar o significado do objeto, mas para dar a ele um status de algo que adquire valor de troca e valor de uso. É a conotação da palavra que está em vigor na transformação do lixo em “material” (mercadoria). O valor econômico deste só pode existir depois da transformação realizada pela atividade.

Existem outros tipos de atividades no lixão além da catação. Geralmente quando alguns/mas catadores/as estão conversando ou descansando pode surgir serviços extras que os/as mesmos/as se propõem a fazer para complementar seus orçamentos. Vi, certo dia, Galo (44) anos, responsável pela administração do lixão chamar dois catadores para descarregar madeiras que estavam em um caminhão e que daria dez reais a cada um para efetuar o serviço. Os catadores adoram quando

isso acontece porque eles mesmos dizem que é “uma grana a mais pra comprar um cigarro ou uma cachaça”. Há também os catadores que ajudam os compradores dos materiais catados a por os bags cheios de materiais vendidos em cima dos caminhões, e assim, recebem um agrado por isso. Normalmente a quantia obtida por esses tipos de serviços não são altos, giram em torno de cinco a dez reais.

O descanso não serve apenas para falar da vida dos outros, é o momento também de preparar algum lanche ou a comida para hora do almoço. Normalmente os/as catadores/as que vivem no lixão possuem em seus barracos panelas onde podem cozinhar o alimento que catam ou compram na rua. Um eventual substituto da panela é a lata de tinta, reutilizada após uma lavagem. Se a comida estiver no fogo e um caminhão chegar, eles vão rapidamente catar enquanto o alimento continua a cozer.

Faz-se o almoço em cada barraco, quem não possui um, come no da outra pessoa, porém, não de graça, eles/as ajudam oferecendo objetos e alimentos necessários para a realização da refeição. Como dito anteriormente, a comida ingerida pode ser comprada na cidade ou catada no lixão. Sempre tem feijão cozido com bastante carne, também pode ter macarrão e arroz. Produtos que são utilizados cotidianamente pela maioria da população brasileira. Essa junção entre o que é comprado e catado possibilita um gasto menor com alimentação e, por consequência, permite utilizar o dinheiro poupado para a compra de outros objetos no mercado, como por exemplo, calçados ou roupas.

A imagem exibida logo abaixo mostra a mão de Cacau segurando um recipiente contendo pedaços do que foi um frango. O vasilhame, razoavelmente limpo, estava protegido por uma sacola plásticas dessas que as pessoas costumam pendurar na parede da cozinha ou estocar dentro do armário da pia.



Foto 04: (Vasilha com pedaços de frango).

Quando visualizada com atenção, os pedaços do que foi um frango estão com alguns pequenos caroços. Perguntado por mim onde fora comprado tal alimento, Cacau diz que coletara no lixo. Eu não duvido dele, Cacau foi o catador que mais tive proximidade. Tratávamo-nos como amigos. Na verdade, quem me contou muito dos segredos envolvendo pessoas no lixão foi o mesmo. Porém, o importante não está em saber se os/as catadores/as consomem alimentos derivados do lixo. O que se torna objeto de reflexão quando se analisa todo o quadro da catação, desde a chegada do caminhão ao cozimento da comida é o processo de refinamento dos sentidos. Há o trabalho intensivo deles dentro do lixão.



Foto 05: (Espécie de cozinha do barraco).

A foto acima mostra a cozinha do barraco de Tina com seus materiais para tomar o café da manhã. Após o natal de 2011 quando cheguei ao barraco de Hominho (32 anos) e Tina (40 anos) – marido e mulher que viviam no lixão, pois em 2015 já haviam se separado - ele me mostrou três garrafas de cor verde com cerveja dentro. As garrafas realmente eram bonitas e ele me disse que ficaria com as mesmas para enfeitar a sua mesa no festejo do ano novo, mas não sabia se podia beber, pois a cerveja visivelmente aparentava estar ruim. Cacau também enfeitou a frente de seu barraco no natal com uma estrela encontrada no lixo. As épocas de festejos anuais são comemoradas pelos,/as catadores/as que enfeitam seus barracos dando continuidade às tradições.

No que tange os bens duráveis, os eletroeletrônicos são os mais procurados e utilizados. Entre os bens não duráveis a comida impera, mas eles também usam roupas, sandálias, sapatos, camisas e botas coletados no lixão. Para ser comido, o alimento encontrado durante a catação passa por uma seleção pelo catador ou

catadora que o encontra para saber se o mesmo pode ser usufruído ou não. O processo de decisão, realizado através da visão e do olfato, leva em consideração a aparência e o cheiro. É preciso cheirar o alimento e com isso perceber se o mesmo está podre ou passível de ser comido. O cheiro alia-se ao olhar definindo através da cor ou do estado físico do alimento a sua qualidade.

No primeiro ano de investigação foi muito difícil ouvir alguém dizer que se alimentava com o que catava⁵⁰. Certo dia estava observando o pessoal trabalhar e, de súbito, vi Priscila com uma mancha vermelha na ponta do nariz. Rapidamente guardou o que cheirava. Descobri ali que ela estava sentindo o odor da carne para saber se era passível de consumo ou não. Com o passar do tempo e a minha longa estadia foi possível não apenas vê-los/as comendo, mas chegar ao nível de relacionamento com no qual o assunto da comida era conversado abertamente e então compreendi que a dificuldade de dizer que comia algo do lixo no começo da pesquisa devia-se a possível vergonha que ficariam de mim.

Revela-se assim o treinamento intensivo dos sentidos entre catadores de lixo, esses sentidos os ajudam no trabalho da catação. A audição capta o barulho do motor do caminhão dezenas de metros de distância, dando início a preparação dos/as catadores/as para sua chegada, a visão é utilizada para perceber e selecionar o lixo dentro do caminhão quando se aproxima e também quando está sendo despejado, ou seja, a visão assume um papel importante para os/as atores/atrizes que é o de identificar o tipo de lixo reaproveitável. A sensibilidade do tato se manifesta, sobretudo à noite, no escuro, em que o toque sobre o que está sendo catado irá definir e marcar a característica do trabalho as cegas. O olfato marca o processo diferenciador do que pode ser comido e bebido. Os sentidos assumem dessa forma, papel de suma importância para os catadores e catadoras, eles definem o leque de possibilidades para identificar e transformar o que parecia inútil/incomestível em útil/comestível.

⁵⁰ Para Maria Eunice Maciel as identidades socioculturais também estão ligadas às maneiras de cozinhar e as comidas que ingerimos. Comer certa comida e de tal forma tem a ver com códigos e práticas que marcam e distinguem grupos sociais, criando marcadores identitários atuando como sinais diacríticos. Ao mesmo tempo em que a análise feita sobre a alimentação e a forma na qual esta é preparada pode demonstrar status e riqueza, servem igualmente para estigmatizar e hierarquizar. “A escolha do que será considerado “comida” e do como, quando e por que comer tal alimento, é relacionada com o arbitrário cultural e com uma classificação estabelecida culturalmente. A cultura não apenas indica o que é e o que não é comida, estabelecendo prescrições (o que deve ser ingerido e quando) e proibições (fortes interdições como os tabus), como estabelece distinções entre o que é considerado “bom” e o que é considerado “ruim”, “forte”, “fraco”, ying e yang, conforme classificações e hierarquias culturalmente definidas” (MACIEL, 2001, p. 149).

Os/as atores/atrizes do lixão conversam bastante durante o preparo da comida, formam-se grupos de quatro ou cinco relatando problemas em casa, ou do material que foi coletado, contam suas angústias, sonhos, mas sempre que um caminhão chega seus devaneios são interrompidos pelo momento do trabalho.

A cachaça tem lugar certo entre os/as catadores/as de lixo. Comumente é fácil vê-los/as embolando a língua devido o elevado teor de álcool ingerido. Encontrei inúmeras vezes catadores/as que estavam “travados/as”, para usar um termo comum entre eles, ou seja, bêbados. Lure é uma das figuras mais ligadas à cachaça dentro do lixão. Logo cedo pela manhã ele já toma algumas doses. Hominho o acompanha frequentemente nessa empreitada. As mulheres também bebem, mas não tanto quanto os homens, elas geralmente preferem vinho. Algumas ingerem cachaça quando estão irritadas com alguma coisa ou quando não tem vinho para beber. Uma parte do dinheiro obtido por meio da catação é guardado para a obtenção do álcool pelos/as catadores/as que bebem com frequência. Exceto no momento da catação, qualquer hora é agradável para beber. O álcool e o cigarro também são achados no lixo, sempre tem aquela garrafa que foi jogada fora com o restinho de cachaça ou o cigarro que alguém, anteriormente, deu apenas duas ou três tragadas. Depois de encontrado, é usufruído. Cachaça e cerveja igualmente são consumidas quando elas aparentam estar em boas condições. Além de beber no lixão essas pessoas se juntam e bebem com os membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra (MST) que ficam localizados próximo ao lixão. Eles/as comentam que o pessoal divide cachaça, e assim, bebem juntos.

Por muito tempo me questionei sobre o consumo de drogas dentro do lixão, mas logo percebi que os/as catadores/as não fugiam da média da sociedade brasileira. Depois que parei de exotizá-los compreendi que eles/elas bebem tanto porque precisam aguentar o trabalho que exige muito esforço físico. A vontade de fumar cigarro, maconha ou cigarro de palha alivia o estresse, tornando um momento de relaxamento e descontração. A seção que segue tangencia outra questão importante que envolve o corpo e o lixo.

3.2. A domesticação e a incorporação do lixo

Catadoras/es varrem o chão dos seus barracos, retiram a sujeira na cozinha, dispõem os objetos de maneira organizada, ajeitam suas camas, banham-se, compartimentam alimentos e, com isso, organizam os espaços e reproduzem modos de higiene apreendidos socialmente. Na prática, quando as atividades fisiológicas (alimentar, evacuar, beber, copular, etc) se realizam, estas refletem processos de socialização inculcados que não só separam o que não está de acordo ao espaço como também privatizam estas atividades⁵¹.

Interessa aqui ir além de sistemas de representações binárias, para com isso, demonstrar outras possibilidades de representar o lixo e as ideias que temos sobre sujeira. Para tanto, utilizo três imagens. Creio que são significativas para inferir outras maneiras de conceber a noção de sujeira que não é melhor nem superior a precedente, apenas difere-se da mesma. Disponho as imagens de uma vez só propositadamente, pois quero tornar inteligíveis os conhecimentos sobre o lixo.



Foto 06: (Catador conversando, crianças brincando e uma catadora dormindo).

⁵¹ Por isso que Lêu defeca atrás dos bambuzais. Apesar deste ato se realizar ao ar livre, estas árvores simbolicamente separam os espaços, não apenas para que o/a catador/a tenha privacidade, mas para distanciar as fezes do lixo que não são as mesmas coisas.



Foto 07: (Dois catadores posam para foto sobre materiais orgânicos e não orgânicos).



Foto 08: (Catador posando para foto sobre garrafas PET).

Cacau está sentado (Imagem 06) conversando comigo enquanto o feijão está sendo cozido. Além dele há mais duas crianças e uma catadora dorme sobre algumas sacolas com lixo, fazendo-as de travesseiro. As duas crianças são irmão e irmã de Suzinha, estão sentadas próximas ao rebotalhos, os pequenos brincam com um pandeiro velho achado em meio ao lixo. As crianças brincam com objetos que aparentam estar sujos. Talvez, em outro contexto, com distintas crianças, algum membro da família poderia recriminar tal atitude pedindo para largar aquilo devido a sujeira ou porque não se pega o que está no lixo. No caso da catadora, vai um pouco além e mostra que para cochilar não é preciso estar sobre algum móvel confortável, é possível encontrar o conforto sobre as sacolas utilizadas para estocar lixo. Ao perceber os tipos de materiais que se encontram ali neste momento há predominantemente garrafas PET, embalagens e sacolas plásticas. Com devida atenção percebe-se que os/as atores/atrizes na imagem estão margeando o monturo, e isso ao mesmo tempo representa aproximação e distanciamento ao lixo. Por isso ela não impacta tanto.

Entretanto, as imagens 07 e 08 são responsáveis por fomentar o meu estranhamento, pois elas desestabilizaram o sistema de representação binário entre sujo/limpo e ordem/desordem. A carga simbólica que estas fotos possuem é de uma força tremenda. Os dois catadores (imagem 07) estão posando para a foto em cima de um pequeno monte de lixo, um está bebendo iogurte e o outro com um pirulito na boca. O que esta foto revela são o envolvimento e intimidade que eles demonstram ao sentarem sobre o lixo e ainda posar para foto. Evidenciam a noção de diferenciação entre sujeiras que eu ou qualquer outro não iniciado na catação por não conviver naquele local despossuímos. Para mim, sentar naquele aglomerado de lixo está no campo do imponderável. Esses rebotalhos contêm materiais orgânicos e não orgânicos juntos. O catador à esquerda está bebendo o iogurte encontrado no lixo. Penso que há a possibilidade de estabelecer graus nos níveis de sujeira encontrados no lixo e que esses graus criam outras maneiras de representa-la. A foto nada mais é que a demonstração da domesticação do lixo por parte dos catadores.

Na última foto (Imagem 08), o catador ao mesmo tempo em que parece me mostrar que domina o lixo, mistura-se a ele. Uma ação, dois sentidos. O primeiro é reflexivo. Naqueno (26), assim como os outros catadores da foto 07, está se exibindo deitado sobre as garrafas plásticas. Não há dúvidas quanto à existência de

uma resignificação operada simbolicamente pela domesticação do lixo. São recodificações que alteram os elementos significantes. Ou seja, o lixo, objeto significativo, é destituído de mácula, poluição, impureza e morte, porque o/a catador/a consegue dominá-lo. O significado também é substituído, pois se tornarão restos que os alimentam, são trocados por dinheiro para a obtenção de bens e então se torna algo positivo.

A segunda ação é pré-reflexiva tendo em vista que os atores (Imagens 07 e 08) só podem domesticar o lixo porque este já se incorporou a eles. As identificações não surgem do nada. Um sujeito não pode ser um peão de boiadeiro se não se vestir, falar, cheirar, acreditar que tem o poder de domina o boi, dentre outras características. Da mesma maneira que o/a catador/a não pode domesticar o lixo se já não o estiver incorporado. O cheiro impregnado na pele, assim como a sujeira, são marcas que cravam experiências corroborando para a construção da identificação de catadores/as de lixo⁵².

É provável que nenhuma pessoa de fora do lixão se sentaria naquele monte, pois tudo seria considerado sujeira, mas para os/as catadores/as, não. Se estão sentados é porque esse local é apropriado. Como é possível estabelecer uma regra lógica de organização aqui? Os jovens catadores estão me dizendo expressivamente por meio do comportamento que podem fazer aquilo e eu não. É uma forma de ostentar o poder sobre o lixo, não há dúvidas. Também é a maneira de me colocar no lugar de investigador, que não tem capacidade para fazer isso.

O sistema de representação que catadores e catadoras têm sobre o lixo vai além da modalidade de entendimento binário. As características desse sistema de ordenamentos pressupõem a separação sistemática de quaisquer coisas onde existam espaços considerados limpos que devem ser higienizados e ordenados, e espaços sujos, manifestando assim uma estrutura simbólica que ordena o inconsciente dos indivíduos. No entanto, no lixão também há outro sistema de classificação da sujeira que pode ser concebido como gradual. Fazendo uma

⁵² Ressalta-se mais uma vez a importância da utilização de imagens no texto antropológico, entendendo que muitos aspectos expressivos não poderiam ser evidenciados sem elas. A antropologia visual refina o conhecimento antropológico. “Ela ajuda a desvendar a feição fabulatória do discurso antropológico, desnudando o processo por meio do qual o etnógrafo transmuta os dados sensíveis e opacos da realidade social em representações e formas simbólicas (...)” (ROCHA, A, L, C; 1995, p.115). O que Ana Carvalho da Rocha nos ensina é que o conhecimento não é acessado por vias racionais na antropologia, mas pela abstração, ou melhor, imaginação criativa. Neste caso, só pela imaginação é possível conceber a incorporação do lixo nos/as catadores/as.

analogia que creio ser de grande importância, da mesma maneira que um/a biólogo/a consegue classificar várias espécies de gramíneas, os/as catadores/as conseguem classificar variados tipos de sujeiras e, além disso, vários lixos. Creio que as fotos ajudam a obter essa compreensão. Lixo para os que estão de fora desse mundo é lixo de qualquer jeito, não há definições de níveis de sujeiras nos restos da mesma forma que um leigo vê as gramíneas todas iguais. Mas, quanto ao lixo, nós não queremos contato com ele, ou muito pouco, só nos momentos de retirá-lo de casa e mesmo assim através de muita repugnância.

Está se verificando aqui a possibilidade de uma sistematização gradativa sobre a sujeira e o lixo. Se não considerarmos este ponto de vista, continuaremos a aplicar juízo de valor negativo ao consumo de alimentos dentro do lixão, por exemplo. Para nós não há meio termo, se uma maçã entra em processo de oxidação, jogamo-la na lixeira. O sistema de classificação continua operando através do ordenamento binário. Entretanto, os/as catadores/as de lixo parecem conseguir ir além deste sistema. Sim, eles/as demonstram que também percebem o mundo dentro do binário já que efetuam práticas iguais as nossas, pois vivemos na mesma sociedade, com as mesmas regras de higiene. Porém, isso não significa que haja uma limitação na maneira de sentir a realidade vivida.

Outro sucedido que corroborou para que eu fizesse essa análise sobre os/as meus/minhas colaboradores/as de pesquisa tem a ver com a ideia de que, mesmo sendo os sistemas de representações culturais responsáveis por cumprir a tarefa de separar o limpo do sujo, o doente do sadio, etc., no caso dos/as catadores/as a sujeira se impregna em seus corpos e por mais que tentem esconder da sociedade em geral, a incorporação do lixo é um fato dado. Lembro-me muito bem de quando cumprimentei Lure⁵³ (26 anos) pela primeira vez. A sensação foi tátil, percebi uma crosta em sua mão, era muito áspera. A crosta derivava do acúmulo de sujeira pelo trabalho de catação. A própria cor da pele do/as catador/a de lixo vai retendo tonalidades diferentes, fincando em seu corpo marcas de experiências que só o lixo pode permitir. Se estou falando da incorporação dos aspectos simbólicos e físicos do lixo, não posso deixar de falar do cheiro. Este se acostuma. Já não os/as agredem como de princípio. Além do mais, há um dado geracional. As gerações que nascem

⁵³ Logo quando ingressei na pesquisa um dos atos mais difíceis era apertar as mãos de alguém em forma de cumprimento. Isso porque “O aperto de mão é ao mesmo tempo um rito de interação que abre a sequência do encontro, uma garantia das disposições pacíficas das duas partes e uma maneira de estreitar o laço, um gesto de humanidade.” (CEFAI, 2010, p. 83). No começo era medo de sujar as mãos. Depois, era a certeza de ter superado o medo, mas sem querer força-los a compreender isso.

e são socializadas nessa atmosfera demonstram não sentir dor alguma ao contatar o lixo. E, possivelmente sua relação com os restos são diferentes das nossas. O mundo se realiza no/pelo lixo. Dito isto, a noção que eles/as possuem sobre a sujeira só pode ser diferente daquelas que orientam as percepções hegemônicas. E é justamente aqui que reafirmo que há gradações de sujeiras para esses homens e mulheres.

Lembro que quando Lêu me ofereceu sua sobrinha em namoro, deixou evidente que *“Aqui ela está desse jeito, mas lá fora ela só anda arrumada”*. Aqui o pesquisador pode cair na armadilha de encontrar a resposta mais fácil: se a sobrinha se veste bem e é cheirosa lá fora é porque ela segue regras de higiene impostas pela cultura dominante, quando está no bairro, nas festas, etc. No entanto, a análise fica mais complexa se arguirmos o seguinte: Lêu sabe que estar dentro de um lixão não tem problema algum, no entanto é preciso demonstrar para mim, o pesquisador, que ele tem consciência que eu não percebo o mundo dessa forma e, por isso, precisa acionar categorias nas quais o meu mundo possa se conjugar ao dele e a da sobrinha. Por isso, ela é limpa, cheirosa e só fica com homem “tirado”⁵⁴ quando está no bairro.

Por outro lado as regras de higiene – como expliquei no começo desta seção – delineiam práticas e criam espaços diferenciados no que tange as atividades fisiológicas. Por isso, casais fazem sexo em seus barracos, e certa catadora relacionando-se sexualmente com o caminhoneiro dentro da cabine do caminhão. O banho é efetuado na hora da saída e não a qualquer momento.

Dizer que estas pessoas constituíram uma experiência com o lixo, a sujeira e o mau cheiro não implica que os/as catadores/as são uns/umas imundos/as. Apenas estou mostrando a imperatividade do social sobre a sujeira e, creio eu, indo além da dicotomia ordem/desordem, limpo/sujo, cheiroso/fétido. Vislumbrando o que está no exterior do sistema de representação hegemônico.

...

Em consonância às imagens e práticas dos/as catadores/as, minha experiência de campo corroborou para chegar a tal entendimento sobre a

⁵⁴ O termo “tirado” comumente é utilizado para categorizar pessoas que utilizam atributos para se diferenciar de outras. Pode estar no modo de comportamento, certo estilo de roupa, maneiras de agir e falar podem marcar o que se entende por uma pessoa “tirada”. Termos como arrogante e esnobe ajudam a compreender o sentido atribuído a tal definição.

necessidade de ampliar a perspectiva sobre os significados do lixo. Sempre procurei atalhos que me permitissem driblar o contato com a lama para que eu não voltasse para casa todo sujo. Normalmente retornava com os tênis pouco limpos, mas no primeiro período de chuvas que experienciei, permanecer limpo era impossível. A lama se avoluma em quantidade tamanha que em certos lugares, principalmente próximos aos barracos dos/as catadores/as, ela chega à altura dos joelhos. Tomava todo o caminho pelo qual eu atravessava para chegar aos/as catadores/as. Meu maior problema naquele momento não era voltar para casa com os tênis sujos de lama, pois o meu temor era escorregar e ficar emporcalhado⁵⁵. Como não dava mais para seguir pelo mesmo caminho, ousei-me a fazer algo inimaginável até então. Ao meu lado direito havia vários montes de lixo. Mesmo reticente decidi escalá-lo para fugir da lama e poder passar a salvo. Comecei a subir vagarosamente o monte de lixo de aproximadamente sete metros de altura. Passando sobre garrafas pet e materiais orgânicos, me equilibrava para não cair, é íngreme demais. Quando galguei metade do monte de lixo minha perna direita afundou. Um estado de confusão me abateu nesse momento, pensei que não conseguiria sair. Senti molhada a minha canela inteira deixando-me mais apavorado ainda. Acabava de me sujar e sequer tinha começado a coletar os dados, tinha chegado há poucos momentos no lixão. Já fiquei imaginando como faria para voltar daquela maneira. Para conseguir retirar meu pé tive que abaixar o tronco, apoiar com as duas mãos sobre o lixo e puxar a perna para cima. Consegui sair daquela armadilha e terminar a travessia sobre o monte de lixo. No entanto, me senti sujo.

Por algum tempo tentei evitar o contato direto com o lixo, mas o próprio campo, com as suas intempéries, se encarregou de forçar o toque. Passar por cima do monturo, afundar a perna, macular-me com a sujeira me fez perceber que eu realmente estava fazendo pesquisa no lixão, com catadores/as de lixo. Toquei no lixo e estava tudo bem, não me machuquei e não fiquei doente. Findava, dessa maneira, o obstáculo mais dificultoso na minha pesquisa de campo. Dizer isso não é afirmar que eu tenho passe livre pelo lixo, não são nesses termos, mas o acontecido

⁵⁵ Tornar-me porco, um animal, fétido, que come qualquer coisa. Foi dessa maneira que naquele momento me imaginei. Não há dúvidas que muito deste sentimento encontrava no meu preconceito o seu âmago. Não foram uma ou duas vezes, até este episódio acontecer, me sentia demasiado incomodado ao deixar o lixão após a incursão ao campo. Isso porque me espremia dentro do transporte alternativo no calor exacerbado em que muitas vezes sentia o cheiro do lixo no meu próprio corpo e imaginava que o calor o expandiria. Nunca me senti um porco quando estava na universidade ou tocando violão na banda. Percebi então como as regras de higiene se naturalizam de tal maneira que no primeiro momento em que entrei em contato com o lixo de fato, senti a perda da minha humanidade.

me afetou. Senti-me iniciado. Claro que isso me rendeu os tênis que já não prestavam mais. Tive que comprar as botas. Se com os tênis eu consegui atravessar uma fronteira, a bota me possibilitou conforto necessário para me ousar. Lembro-me de inúmeras vezes que passei por poças de lamas enormes, que chegavam à minha canela, mas a bota me protegia.

A etnografia no lixão foi de fundamental importância para que me fizesse sentir na pele – e essa frase nunca foi tão verdadeira – a experiência que o lixo cravou em mim. De maneira alguma afirmo que o frequente contato com toda a atmosfera inerente ao lixão me conduz a uma possível empatia aos/às catadores/as de lixo. Sinto-me muito mais confiante em dizer que fui afetado. A diferença entre mim e a Jeanne Favret-Saada (2005) é que ela deixou-se afetar por motivações metodológicas e eu não tinha a ideia de que isso seria importante em minha pesquisa, só depois percebi.

Favret-Saada pesquisou a feitiçaria no Bocage francês em 1968, no entanto, para obter as informações necessárias ela decidiu entrar na feitiçaria e deixar ser “pega” assim como os/as seus/suas interlocutores/as. Afetar-se foi o procedimento metodológico que possibilitou ocupar um lugar na feitiçaria. A autora salienta que essa experiência não lhe informava sobre como os/as outros/as se sentiam. Não era uma operação de conhecimento pela empatia, pois ela não se colocava no lugar de ninguém indiretamente. Ela estava no lugar do “nativo”. Ao deixar-se afetar, a feitiçaria modificou seu estoque de imagens sobre o que estava sendo feito/visto. E essa modificação não sugere que seja igual ao dos seus parceiros. Com isso, Favret-Saada demonstra que a etnografia não se acantona puramente em aspectos intelectuais e produções culturais humanas. Pois, por várias vezes ela não conseguia descrever o que sentia quando enfeitiçada porque as formulações do conhecimento estendem-se no tempo. Narrar a experiência era impossível quando afetada e, por outro lado, quando a narrava, não a compreendia. A análise vem depois. O que a autora nos ensina é que a comunicação etnográfica também tem aspectos não verbais e não intencionais.

Comecei a sentir tanta confiança em mim com relação ao lixo que certo dia, quando estava deixando o lixão, um caminhão tinha acabado de despejar os rebotalhos e estava voltando para Santo Amaro. Quase não me reconheci nesse dia, mas assim que o motorista do caminhão veio em minha direção na estrada eu dei a

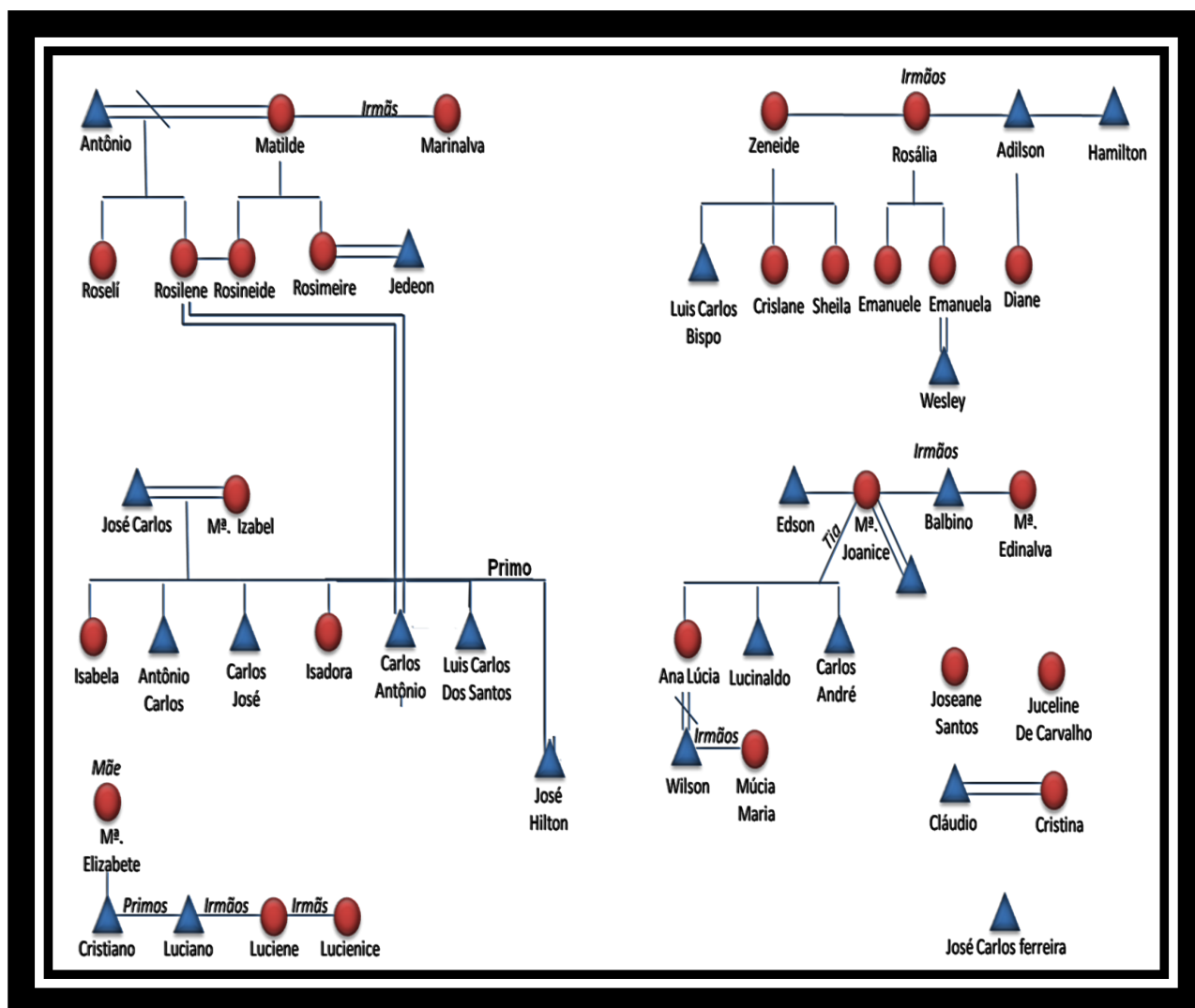
mão e pedi uma carona até o portão vermelho. O caminhão era desses que os garis se dependuram no fundo para recolher o lixo na cidade. Chamam de caminhão de lixo compactador. Eu fiz a mesma coisa. O motorista parou, subi e segurei firme a barra de aço que fica na lateral, fui de carona. A barra de aço estava muito melada, havia uma mistura de óleo com chorume que faziam minhas mãos escorregarem. Eu já não estava me importando se iria me sujar ou não, a única coisa que conseguia pensar naquele momento era que eu tinha conseguido romper o medo do toque direto com aqueles fluidos. Desci do caminhão, lavei as mãos no tanque e fui para a estrada esperar o transporte para regressar à minha casa. O receio em dizer que pesquisava dentro de um lixão no início das minhas atividades já não me fazia sentido. Comecei a ressignificar aquele lugar. Meus/minhas próprios/as colegas acadêmicos/as muitas vezes me questionavam o porquê e o quê eu estava/fazia no lixão. Dei-me conta de que, como eles nunca tinham passado pelo o que eu experienciei nas minhas incursões a campo, obter tal noção seria muito difícil. A etnografia é realmente intrigante.

Enfim, como salientei, não foram apenas atividades expressivas dos/as meus/minhas colaboradores/as que me condicionaram a tecer esta perspectiva sobre a sujeira por meio dos saberes êmicos. Também experienciei o contato com os restos e isso me ajudou a superar o estranhamento.

Início no próximo subitem a investigação dos lações parentais entre as pessoas dentro do lixão. Esta análise ajuda a compreender a importância da reprodução de roteiros familiares para a continuidade ou não da condição socioeconômica na qual se encontra.

3.3. Fatores que tornam o lixão familiar

Costuma-se ouvir com muita frequência pessoas se direcionando às outras de maneira muito íntima. Ao longo do tempo fui percebendo que havia no lixão muita gente que se dizia parente de outrem. Então, tive a ideia de tentar mapear esses arranjos domésticos para entender como estavam ligados ou se havia realmente alguma relação de parentesco. Fui perguntando a cada um/a quantas e quais pessoas eram identificadas como membros da mesma família. O resultado foi este pequeno mapa genealógico apresentado abaixo:



Frame 01: (Árvore genealógica mapeando as relações de parentesco existentes dentro do lixão).

Legendas:

Triângulo = Homem

Circulo = mulher

Linha dupla = casal

Linha dupla cortada = separados

O estudo do parentesco estrutura-se através da combinação de três relações que são as de descendência, consanguinidade e afinidade/aliança. Doravante, as regras de parentesco não são obrigatoriamente constituídas por relações biológicas, mas de caráter social. Por isso, depende da elaboração cultural

construída em cada sociedade de quem se é parente ou não (SARTI, 1992). Eu não estava e nem estou interessado a fazer um estudo sobre o parentesco, apenas quis quantificar as pessoas que se dirigiam umas às outras através de ligações parentais e, assim, traçar um frame. Depois de anotar todas as ligações em meu caderno de campo fui para casa e montei um esquema bem simples exposto acima. De antemão, o que se nota é a possível reprodução de roteiros de vida dessas famílias fomentando um círculo de pobreza. A estadia contínua no lixão dificulta a ampliação de oportunidades ao mesmo tempo em que habitua estes/as atores/atrizes a este modo de vida. Em outras palavras, o lixão se consolida como lugar fixo de convivência, pois de alguma forma ele assegura a subsistência destas pessoas, além de naturalizar a relação estabelecida com os rebotalhos, como foi exposto nas páginas precedentes.

A primeira composição familiar tem a Matilde como *ego*. Matilde é divorciada de Antônio e irmã de Marinalva. Matilde tem quatro filhas, duas delas antes do casamento, Rosineide e Rosimeire, e duas após o casamento, Roseli e Rosilene. Rosimeire é esposa de Jideon. Rosilene, esposa de Carlos Antônio que já é de outra família que também está no lixão.

O segundo grupo doméstico tem José Carlos como *ego*. Ele foi casado com Maria Izabel e tiveram seis filhos, Isabela, Antônio Carlos, Carlos José, Isadora, Carlos Antônio e Luis Carlos dos Santos. José Hilton que aparece no lado direito é primo dos filhos e filhas do *ego*, no entanto, não descobri quem eram seus pai e mãe. É interessante notar como os nomes dos homens possuem correspondência ao do *ego*. Não tenho dificuldade em afirmar que foi o *ego* que nomeou os descendentes homens. Já às filhas, as pronúncias das iniciais dos nomes relacionam-se com a da genitora.

A terceira composição parental tem como *ego* Maria Elizabete. Ela é mãe de Cristiano e tia de Luciano, Luciene e Lucienice que são irmãos/ãs. Maria Elizabete não trabalha no lixão frequentemente, suas idas são esporádicas. Porém, seu filho e sobrinhos estão cotidianamente lá.

Rosália é o *ego* da quarta família. Ela é irmã de Zeneide, Adilson e Hamilton. Luis Carlos, Crislane e Sheila são filhos de Zeneide. O *ego* tem duas filhas Emanuele e Emanuela que é casada com Wesley. Adilson é o pai de Diane.

A composição parental mais complexa é a que Maria Joanice é o *ego*. Tive dificuldade em elaborar porque Maria Joanice, Edson, Balbino e Maria Dinalva são irmãos/as e possuem três sobrinhos nos quais os seus pais nunca trabalharam no lixão. Por isso não tem uma ligação direta com os seus genitores. Repito, o frame parental que elaborei serve para mapear quem trabalha no lixão fixa ou esporadicamente. Os sobrinhos do *ego* são Carlos André, Lucinaldo e Ana Lúcia que foi casada com Wilson, irmão de Múcia. Outro problema para montar essa composição se deu porque o *ego* é casado, mas não quis me dizer o nome de seu marido. Eu só o coloquei porque a perguntei se ele trabalhava ou não no lixão. Ela me respondeu dizendo que seu marido vai lá de vez em quando.

A última família é a mais simples, pois é constituída por Cláudio e Cristina, marido e mulher. Apenas três pessoas me disseram não ter parentes no lixão, são elas: Joseane Santos, Juceline de Carvalho e José Carlos Ferreira. Estes, apesar de não terem parentes, possuem amigos e amigas no lixão. José Carlos Ferreira me disse que foi José Carlos quem mostrou a possibilidade de trabalhar no lixão.

O frame acima comprova dois fatos: 1) de que há reprodução de roteiro familiar, e 2) que o trabalho no lixão tem características sazonais para parentes de catadores/as que não se fixaram nele. Isso se explica pelo número que supera o meu universo de pesquisa de quarenta catadoras e catadores. Não acredito ter dado conta de todas as relações de parentesco existentes no lixão. Mas creio que meu trabalho serve suficientemente como fonte de análise.

Se o número de parentes dentro do lixão é alto, isso implica a constatação de que a iniciação desses/as catadores/as se dá pela relação de parentesco, mas que estão relacionadas à classe social. Grossi (2003) ao analisar os/as catadores/as de lixo do lixão de Canabrava em Salvador afirma que a iniciação seria um evento não ritualizado que redefiniria e confirmava as relações sociais.

O autor prepondera o parentesco como via de iniciação e que será por meio deste que viabilizaria ao catador e catadora a reinserção à cadeia produtiva. Entretanto, isso não implica que a entrada de pessoas no lixão se dá exclusivamente por causa do desemprego. Pois as crianças no lixão de Canabrava assim como no de Santo Amaro se iniciavam muitas vezes para poder brincar e não para ajudar a compor a renda familiar. Para grande maioria das crianças que frequenta o lixão, a catação é uma consequência da contínua estadia. Porém, muitas crianças entram

neste lugar porque não possuem pessoas para cuidar delas em casa, como é o caso do irmão e irmã de Suzinha descrito mais abaixo.

Estar em um local de trabalho que ao mesmo tempo se confunde com o ambiente de moradia e lazer, cercado de parentes, deixa o/a catador/a mais confortável. Aliando o componente familiar a essa relação o resultado verificado pode ser interpretado como a passagem de um local inóspito/insalubre para familiar. O/a catador/a quando dentro do lixão encontra trabalho com ausência de chefe, e dividem o ambiente com entes queridos. Inóspito/familiar é o movimento no qual se expressa a transformação nas percepções dos/as catadores/as sobre o local no qual chegaram para obter renda e que progressivamente vai se ressignificando positivamente. O lixão passa por uma mudança semântica e simbólica.

O parentesco promove a familiarização do lixão. Lêu me disse: “*Aqui é uma grande família!*”, cria-se uma ideia de pertencimento ao grupo. Dizer que os/as catadores/as são uma grande família não evoca apenas os laços parentais, ela explicita uma espécie de coesão entre essas pessoas, apesar das divergências e conflitos existentes.

Retornando às contribuições de Grossi (2003), ele percebeu uma espécie de ressignificação da imagem do catador que se sobrepunha a categoria bandido. Ou seja, o catador sabe que sua identificação está sujeita a discriminação social, – o que de fato ocorria com os catadores de Canabrava e Grossi discute em seu texto – e, por isso, como forma de justificar sua estadia no lixão alguns catadores admitiam que era melhor estar fazendo um trabalho honesto do que estar roubando. Essa ressignificação, em minha interpretação, aparece como uma maneira de buscar, simbolicamente, algo de bom na identidade deteriorada que ser catador pode atribuir ao sujeito.

Essa constatação de ressignificação que Grossi traz da sua pesquisa em Canabrava que eu reutilizo e aplico a minha análise demonstra uma função diferente no lixão de Santo Amaro. A ressignificação positiva pelos/as próprios/as catadores/as sobre sua condição também é feita na visão que estas pessoas têm do lixão. A própria afirmação de Cacau ao expor que “*eu se pudesse gostaria de fazer uma casa de bloco*” em uma conversa informal; o desespero de Sália que vive do que o lixão lhe dá; e a confusão de Birrinha ao embolar a fala quando perguntada se por acaso o lixão um dia fechasse sem saber ao certo qual seria seu paradeiro

demonstram o apego que eles possuem com o lugar, somado, possivelmente, pela falta de perspectiva de se inserirem laboralmente em outras atividades.

Quando as/os catadoras/os estão descansando do trabalho, começam a falar sobre variados assuntos. A fofoca é um instrumento de comunicação bastante usado entre os/as catadores/as. Suzinha se queixava que o que ela menos gosta no lixão São “*as conversas dos homens que ficam esculhambando as mulheres*”. Cláudia Fonseca (2004) demonstra em seu estudo sobre um bairro periférico no Rio Grande do Sul o poder e a função que a fofoca exerce entre os membros de lá. Então ela explica que a fofoca é um relato de coisas que muitas vezes são imaginárias ou reais e que pretendem de alguma forma denunciar o comportamento das pessoas: “*A fofoca seria instrumento da definição dos limites de grupo – não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas; ser objeto, sujeito da fofoca, representa a integração no grupo.*” (FONSECA, 2004, p.42). O tipo de fofoca existente entre os/as atores/atrizes no lixão só pode existir entre eles/as, pois é o grupo que, formulando regras e normas, reagem para consertar algum comportamento inadequado àquele meio. É preciso relatar também que a fofoca, de acordo com Fonseca é um contrapeso à força física dos homens. É através disso que as mulheres podem de alguma forma contrabalancear a assimetria entre os gêneros. Entretanto, no lixão, os homens também fofocam, mas o conteúdo normalmente é sexualizado. Apesar de fofocar sobre variados assuntos as mulheres se diferem dos homens, os seus modos de contar uma fofoca ou falar de alguém são diferentes. Também possuem polidez e cuidado quando estão contando algo, os homens já são mais agressivos, falam em voz alta, os assuntos já são mais relacionados ao sexo. Eu não estou negando que o conteúdo das fofocas das mulheres não seja sexualizado também. Entretanto, a minha posição como pesquisador homem dificultou entrar em certos assuntos com as mulheres.

A vida dos outros não é a única preocupação dos/as catadores/as de lixo, eles/as também conversam sobre política, principalmente quando é para se queixar da indiferença da prefeitura para com eles. A prefeitura é uma vilã nas concepções do pessoal, ela nada faz para melhorar suas condições de vida. Os políticos locais também são xingados constantemente, pois são acusados de procurarem os/as catadores/as apenas em época de eleições.

Ver crianças no lixão parece algo comum, mas ninguém dentro dele quer

falar sobre o assunto. Os/as catadores/as sentem medo de que alguém denuncie que crianças vivem naquele local proibindo-os de trabalhar. Suzinha, após perder sua mãe teve que trazer seus dois irmãos menores para ficar com ela no lixão. Sua irmã tinha colocado um piercing no umbigo recentemente e estava inflamando por falta de cuidados. Ao se falar em crianças em meio ao lixo tanto nos lixões como nas ruas das cidades brasileiras vem à tona o tema do trabalho infantil. Neste âmbito a crítica é feita porque o período da vida denominado infância parece não ter se concretizado por completo.

Porém, até mesmo nesses contextos a infância não é extirpada. Cabe primeiramente uma observação, no capítulo precedente eu falei sobre a fratura da infância que ocorreu na trajetória de vida dos dois catadores e da catadora entrevistados/a naquela seção. O caso deles difere desse aqui, pois o lixão já é algo tangível para essas crianças, elas entram no lá porque algum parente muito próximo trabalha ou devido a falta de alguém para cuidar. Vanderlúcia da Silva Ponte (2006) analisou a socialização de crianças no trajeto do lixo no Aurá⁵⁶. Através de pesquisa etnográfica a autora relatou que mesmo nas condições em que as crianças se encontravam, as relações mantidas com o ambiente produziam diversos atos de descoberta e criatividade. Exponho aqui um pouco das suas descobertas:

Durante o dia, as crianças têm a possibilidade de explorar o mundo de forma livre e sem pressa. A paisagem do Aurá oferece uma diversidade de descobertas: as ruas, os quintais, as árvores, o contato com uma infinidade de objetos trazidos do “lixão”, que peça a peça, vão demarcando suas representações simbólicas. O que é descartado pelo homem citadino como lixo e que parece não ter uso e função, vai possibilitando às crianças criar e reinventar. Assim, elas vão também reproduzindo a rotina e a forma de organização engendradas pelos adultos. O contato permanente com as outras crianças (meninas e meninos de várias idades) e suas experiências em casa com os pais e demais parentes e afins vai se configurando em uma relação de troca afetivamente rica (PONTE, 2006, p.123).

No trecho seguinte a pesquisadora continua:

Não raro é encontrar as crianças subindo em árvores, em um pequeno bosque já bastante identificado como delas. Os “moleques” e as “molecas” participam ativamente dessas brincadeiras. Possuem uma facilidade de equilíbrio, já que em segundos é possível observá-los no topo de uma árvore alta e frágil. Seus galhos flexíveis permitem uma dança perfeita,

⁵⁶ Pesquisa realizada na comunidade Santana do Aurá no bairro de Águas Lindas em Belém, no Pará.

onde o corpo da criança enroscado sobre ele, como numa aderência, permite que se desenvolva um balanço prazeroso. Passam horas ali, fazendo acrobacias, cambalhotas, se escondendo ao brincarem de “pira-se-esconde” (...) As meninas parecem menos ousadas, também sobem nas árvores, mas em galhos mais baixos e que lhes proporcionam maior segurança. Recolhem cipós, pequenos galhos e alguns frutos maduros ou não, que servirão de alimentos para outras brincadeiras, mais tarde. Pulam corda, fazem balanço, brincam de casinha, permitindo que as crianças menores sejam inseridas nas brincadeiras. (PONTE, 2006, p.124)

A autora mostra que mesmo vivenciando a experiência do lixão as crianças não deixam de se comportar como tais reinventando brincadeiras, utilizando o que é encontrado tanto no lixo como por meio da natureza que a cercam. O que acontece no caso investigado pela autora é que o processo de socialização se difere do modelo da classe média que é idealizado pela sociedade. As crianças desde pequenas convivem com a pobreza e a ideia do trabalho, já que às vezes catam objetos no lixo. Porém, no que tange a socialização, elas crescem entendendo que aquela atividade é digna, a conotação moral está sempre presente. As crianças mais velhas cuidam das mais novas criando laços fraternais. Existem até brincadeiras em que uma é mãe da outra, despertando o sentimento de cuidado. A autora, inspirada em Clarice Cohn (2002) chega à consideração de que a análise sobre processos de socialização de crianças se enriquecem mais quando se compreende que elas estão em contextos específicos, sendo inútil utilizar categorias universais.

Infelizmente este não foi um tema que fez parte da minha agenda de pesquisa no lixão, o pouco de minhas observações sobre as crianças coadunam com algumas situações relatadas por Ponte, como por exemplo, os brinquedos encontrados no lixo que vão servir para elas brincarem dentro do lixão e em casa. Existe também a brincadeira que tanto adultos quanto crianças participam, a de pular na “piscina de lixo”. Ao alocar quantidade expressiva de garrafas PET e outros materiais não perigosos os/as catadores/as, normalmente duas pessoas, seguram pelos braços e pernas de outra pessoa, fazendo movimento de balanço e arremessando-a sobre o amontoado de lixo. A brincadeira gera muitos sorrisos e descontração.

O uso dos celulares com as músicas gravadas ajudam a passar o tempo. Catadores/as põem para tocar suas músicas prediletas, cantam juntos/as e fazem até críticas sobre qual cantor é melhor em determinado estilo musical. Muitas vezes comparam cantores de arrocha, ou então comparam bandas de pagode. No lixão, os estilos que dominam os gostos dos catadores são o forró mecânico, arrocha e

pagode. Esses estilos, pelo menos aqui na Bahia, são estilos musicais de cunho popular e que por isso tornam-se representações artísticas das classes populares. Quando é achado no lixo algum celular que contém aplicativos de músicas, eles ficam ansiosos para saber se está funcionando ou não, para poder usar ou também vender se necessário for. Os CDs e DVDs são motivos de bastante alegria e euforia para ouvir em suas casas. As meninas gostam de dançar “arrocha”, várias vezes as vi com seus celulares tocando músicas em volume alto e dançando. Até no momento da catação eles cantam, cantam como forma de distração durante o trabalho. Outra função das canções é facilitar que os homens façam declarações para suas namoradas ou explicitar que o conteúdo de duplo sentido do pagode baiano, por exemplo, indique uma ação que os rapazes queiram praticar com as meninas.

Todos os tipos de necessidades dos/as catadores/as são feitas dentro do lixão. Estava conversando com Lêu e Driano, sentados sobre um bag com lixo, quando de repente Leu me disse que “já tinha pego” a irmã de Cacau. Driano me conta que é comum o pessoal ter relações sexuais dentro do lixão. A nossa conversa tangenciava a rede de relações afetivas e sexuais constituídas entre as pessoas no lixão. Logo após terminar nossa conversa, fui dialogar com outros catadores e quando viro meus olhos para o lado vejo Lêu a menos de 50m de mim, atrás de alguns bambus, defecando. Percebi então que o local onde eles/as realizavam esse tipo de necessidade era atrás dos bambuzais.

De acordo com as práticas efetuadas dentro do lixão, entende-se que este lugar possui uma multiplicidade de interações que vão para além da simples ideia da catação. Este lugar é ressignificado, tornando-se familiar. Trabalho, lazer, descanso, relações sexuais e brincadeiras possuem espaços específicos nos quais podem se realizar. O nível de interação dentro do lixão é maior do que se pode imaginar.

3.4. Os animais

É incrível a quantidade de animais, eles são muitos e aonde eu me viro é possível vê-los. Cavalos, cachorros, urubus, aranhas, moscas, sapos e cobras compõem a paisagem dos espaços do lixão. Os urubus foram os animais que mais me fizeram sentir medo. Acostumado a vê-los nos céus, muito distantes de mim, percebi quão grandes eles podem ser. A estrada em que os caminhões passam para descarregar o lixo muitas vezes está com muitos rebotalhos, pois estes vão precipitando. Há também o vazamento do chorume nesses carros marcam a estrada com seu odor. A consequência disso é que bandos de urubus tomam vários trechos da estrada. Diferente do que se assiste na mídia televisiva, urubus e catadores/as não disputam o mesmo espaço durante a catação. Há os momentos em que estes bichos dominam o lixo, quando os/as catadores/as estão descansando.

As moscas em grande quantidade são insuportáveis. Estas cravaram uma experiência muito desconfortável em mim. Havia tantas no lixão que o gravador no qual fazia entrevistas captou por várias vezes seus zumbidos, elas tentavam invadir minha boca e meu nariz o tempo todo. Foi uma situação muito constrangedora para mim, pois me desconcentrava correntemente.

Aranhas, facilmente encontradas nos locais onde os/as catadores/as montam seus barracos. Também em enorme quantidade, suas teias parecem constituir um teto com o auxílio dos bambus e dos varais em que as roupas são penduradas para secar sob o sol. O pessoal diz que elas são venenosas e que já aconteceu de gente ficar paralisada.

Os sapos se escondem nos barracos. Normalmente eles ficam ao lado das camas. Cabe ao morador e à moradora do barraco retirá-los. Os cachorros são os animais de estimação. Há também os cavalos abandonados nas ruas e que encontram no lixão comida para saciar a fome. Por fim, as cobras. Estas eu frequentemente via mortas, pois algum/a catador/a a matava com o facão e exibia para mim como ato de coragem. A morte das cobras parece compor dentro do lixão uma prática menos feminina do que masculina.

Os animais convivem no lixão assim como muitos catadores e catadoras. Entretanto, como já ressaltai que estes bichos não disputam espaço no momento da catação, tem um fato importante que os envolvem. Se os/as catadores/as além de

catar usufruem o que é despejado no lixão, aos animais são destinados os restos dos restos. O que eles comem já é o lixo gerado pelos/as catadores/as após alguma alimentação ou o alimento que não foi possível ser consumido quando encontrado no lixo despejado pelos caminhões.

O item que segue analisa a relação envolvendo catadores/as e atravessadores que muitas vezes são vistas como desiguais. Frequentemente são atribuídos juízos de valor extremamente negativos sobre estas pessoas que fazem a mediação do lixo que sai das mãos dos/as catadores/as e vai às indústrias de reciclagem.

3.5. Catadores/as x atravessadores?

A categoria “Atravessador” é designada às pessoas que estão no meio do ciclo de produção. São elas que vão ao lixão comprar os materiais coletados e revende-los às empresas e indústrias de reciclagem. Interessei-me por investigar a relação entre essas duas categorias pois o/a atravessador/a é sempre visto como o/a vilão/ã. Ele/a é acusado/a de explorar os/as catadores/as ao impor preços para a compra do material e o/a catador/a fica a mercê dele/a. O fato é que realmente a pessoa que faz o papel de atravessador/a compra muito mais barato dentro do lixão do que as empresas e indústrias comprem dele/a. O motivo de eu ter feito uma pergunta para este subitem deveu-se a descoberta de relações que transbordam a simplista noção de que atravessador/a é explorador/a. Creio que os fatos que presenciei podem contribuir para entender o lado dessas outras pessoas que também retiram seus sustentos do lixo.

Os compradores/atravessadores vão até o lixão para adquirir por meio do sistema de troca dinheiro / material o que foi catado pelos/as catadores/as. Existe aqui um campo amplo de estratégias comerciais, criatividade e esperteza são artifícios das/os catadoras/es para que na hora da pesagem do lixo possam ganhar um pouco mais do que deveriam. Todo o lixo após a catação é depositado nos bags. Quando o/a catador/a quer obter maiores lucros molha o lixo para que fique mais pesado e assim possa receber uma quantia de dinheiro superior. Foram muitas ocasiões presenciadas na qual eu perguntava se ele/a já tinha molhado o lixo. Eles/as também adoravam quando chovia porque não teria trabalho em por água

usando suas próprias forças. Existe diferença nos preços oferecidos por cada comprador/a, os de fora da cidade compram por um preço que pode ser definido através de um acordo entre catador/a e comprador/a, entretanto os/as compradores/a de Santo Amaro não permitem que os/as catadores/as possam fazer um acordo sobre o preço, dessa forma eclodem discussões e brigas. A prática de molhar o lixo não é vista com bons olhos pela maioria dos catadores adultos, como me disse Sália: *“Molham o plástico, às vezes jogam água, os meninos que jogam água no plástico pra ver se pesam mais, os meninos. A gente não, a gente não faz isso não só a molecagem que faz”*. A prática de molhar o lixo para ganhar um pouco mais na venda também é mal visto pelos catadores de lixo mais antigos da mesma forma que criticam o roubo, associado às práticas desviantes dos mais jovens.

O boicote é um artifício criado por alguns/mas catadores/as para pressionar os compradores da cidade que querem comprar o material mais barato do que deve ser vendido. Os/as catadores/as possuem a noção de que o tempo de trabalho produz valor à mercadoria, por isso eles não aceitam vender o que cataram e selecionaram pelo que eles/as acreditam não valer a pena. Dessa forma deixam de efetuar vendas com alguns/mas compradores/as, conscientes de que o preço do lixo vendido às empresas e indústrias é bem maior. Há uma negociação constante, seja na hora da definição de um/a comprador/a, da venda e do boicote. Os compradores chegam a lucrar quase 200% em cada quilo vendido às fabricas, após terem sido comprados no lixão. Se houvesse uma cooperativa onde os/as catadores/as trabalhassem isso não aconteceria porque os materiais seriam vendidos diretamente às fabricas e empresas de reciclagem.

No entanto, a relação existente entre catador/a e comprador/a nem sempre é de disputa por melhores lucros sobre a compra e venda do material, alguns compradores/as se tornam amigos/as de parcela dos/as catadores/as, como é o caso de Feduca, o comprador mais famoso do lixão. Além de comprar o material por um preço considerado interessante, Feduca ajuda alguns/mas catadores/as emprestando dinheiro ou dando-lhes caronas em seu caminhão. Existe a confiança entre os dois lados e, por isso, a vontade de retribuir a generosidade do comprador na venda dos rebotinhos cria uma relação de reciprocidade. Sália explica: *“Eu vendo ao rapaz, esse carro que saiu aí, a Feduca, ele é muito legal comigo tenta me ajudar, me ajuda muito então não tenho dificuldade nenhuma com ele... Eu vendo a ele porque quando eu quero um dinheiro emprestado ele me empresta”*. O

entrosamento entre Sália e Feduca traz à tona a obrigação de reciprocidade por parte da catadora que ao obter relativa ajuda do comprador que lhe empresta dinheiro, sente a necessidade de tê-lo como único comprador de seu lixo catado como forma de recompensar a ajuda do amigo. Por mais que alguém conclua que isso seja uma tática do comprador para fomentar sua rede e facilitar a compra, Feduca se preocupa sim com algumas pessoas que trabalham no lixão. A sociabilidade entre eles vai muito além que uma relação econômica. São pessoas com sentimentos que se sensibilizam com a dura vida dentro do lixão.

Em abril de 2015 eu presenciei uma tensa discussão entre Maluquinho e Quinha (35 anos), catador de lixo que mudou a minha concepção sobre os/as compradores/atravessadores/as. Estavam discutindo porque Maluquinho, que naquele momento comprava alumínio, identificou um dos objetos como ruim e que não valia o preço; Quinha reagiu dizendo que ele não podia fazer aquilo porque o alumínio prestava sim; Maluquinho continuava afirmando que não seria passado para trás. Para ele, era desrespeitosa a forma que o mesmo estava sendo tratado, pois ele é um cliente e não merece ser feito de burro. Então, disse que só iria pagar pelo material que realmente valesse a pena; Quinha replica afirmando que vai pegar garrafas de vidro para compensar; Maluquinho se vira para mim e diz novamente que não é assim que se trata o cliente. Na verdade, era para ser tratado como irmão, pois da mesma forma que os/as catadores/as dependiam dele, a reciproca era verdadeira; Quinha retorna com três garrafas de cachaça 51 e uma de cerveja e pergunta se agora estava pago; Maluquinho, acreditando estar correto, diz que não tinha pedido nada e afirma para o catador que pagaria a pulso; Quinha recebe seu dinheiro e vai descansar; Maluquinho confessa suas angústias para mim dizendo que o pessoal do lixão parece querer que ele quebre, mas se isso acontecer o pessoal também quebrará. Ele também me conta sobre o medo que possui com o provável fechamento do lixão, pois necessita do lixo assim como os/as catadores/as. No final da conversa ele se despede, fala que gostou de me conhecer e pede para avisar às mulheres de São Paulo o seguinte: *“Você que veio de São Paulo, diga as mulheres de lá que tem um coroa que gosta muito de mulher bonita”*.

O que muito chamou a minha atenção nesse desentendimento foi à perspectiva de Maluquinho sobre estar sendo enganado por Quinha. Isso constata que durante a negociação o/a catador/a também tem seu leque de estratégias para ludibriar o comprador. Até hoje o que se escreveu sobre atravessadores/as estimula

a percepção de que eles são vilões/ãs e exploradores/as. Estou tensionando essa noção ao trazer também para o texto as concepções dessas pessoas que são, por vezes, marginalizadas nas obras acadêmicas. Percebo que uma ideia romantizada sobre catadores/as produz uma vitimização caricaturada. Dentro do lixão não é bem assim. Não estou negando o fato de os/as catadores/as efetuarem uma atividade bastante pesada que demande muito esforço físico, que são os/as trabalhadores/as que menos ganham na cadeia produtiva da reciclagem e que despossuem condições adequadas para trabalhar. Mas não se pode negar que os/as compradores/as também dependem do lixo, dependem dos/as catadores/as para sobreviver. É significativo ouvir Maluquinho dizer que eles/as deveriam se comportar como irmãos/ãs. Ademais, não deixa de demonstrar a sua indignação ao ser comparado com um ladrão. Os/as compradores/as, chamados de atravessadores também são pessoas que possuem sentimentos, famílias para sustentar, precisam trabalhar como qualquer outro sujeito. A retórica negativa sobre o atravessador serve mais para maculá-lo. Maluquinho também tem medo do lixão fechar e isso me dá subsídios para pensar sua dependência do lugar tanto quanto qualquer catador/a. Ele chega a se comparar a um catador no meio da conversa. Não é para menos, seu aspecto físico coincide bastante com a de catador/a. É negro, possui problemas em um dos olhos, está descamisado, calça suja, a caçamba de seu caminhão está enferrujada e quebrada e entra em contato direto com os materiais, ou seja, o lixo começa a compor seu corpo também.

Os casos empíricos apresentados foram encontrados no lixão, não nego que, de fato, os/as compradores/atravessadores/as ganhem mais sobre a venda do lixo do que os/as catadores/as. Isso acontece porque estas pessoas possuem maior condição para operacionalizar seu lucro. São donos/as de caminhões, possuem depósitos e, na maioria dos casos, puderam se qualificar melhor do que as pessoas dentro do lixão. Essa questão já me levaria a outra problemática que seria pensar quais tipos de atravessadores/as existem e normalmente se fala. Há aqueles/as que entraram no negócio para lucrar; outros/as se tornaram como são os casos de antigos catadores; e, por fim, os/as que também são pobres, tiveram condições de obter os meios necessários e viram nesse tipo de atividade uma forma renda. Imputar generalizadamente o caráter de exploradores/a aos/às atravessadores/compradores realmente não condiz com o contexto do lixão.

A venda do material se concretiza em várias etapas: primeiramente mede-se o índice de massa corpórea do/a catador/a, depois, carrega-se o bag sobre a cabeça e mensura o peso total. O comprador/atravessador vai diminuir o peso total pelo índice de massa corpórea do/a catador/a, temos o resultado final. Acompanhei o processo de mensuração e de compra e venda do material com Lure. Foram três pesagens nesse dia. A primeira pesagem deu o valor total de 144 kg na balança. Depois da pesagem, eles vão subtrair os 144 por 80 que é o peso de Lure e que resultou em 64 kg de lixo dentro do bag. Na segunda pesagem o valor total foi de 167 kg, subtraiu o valor por 80 e o resultado foi de 87 kg. A terceira e última pesagem teve o valor total de 150 kg, após subtraí-lo pelo peso do catador, resultou-se em 70 kg. Lure estava vendendo plásticos e eles são diferenciados pelos catadores devido a várias características. Nas definições mais simplistas dadas pelos/as catadores/as o plástico fino é um tipo de plástico que pode ser rasgado com facilidade, diferente do plástico grosso que são mais consistentes.



Foto 09: (Lure pesando a quantidade de lixo na balança)



Foto 10: (Lure e um comprador/atravessador medindo o peso do material).

As imagens acima mostram o momento da venda do lixo catado. Na foto estão Lure, catador de lixo e um comprador/atravessador. Cada quilo é bastante disputado entre eles, em algumas ocasiões outro catador fica por perto para averiguar se o comprador mediu o peso corretamente. Um dos três bags pesados neste dia estava com plásticos finos, que custava R\$ 0,40 o quilo. Então, por um bag que pesou 64kg Lure conseguiu obter R\$ 25,60. É dessa maneira que se realiza a venda do material. As mulheres também carregam o bag na cabeça para medir a quantidade de lixo, mas normalmente elas são ajudadas por companheiros e amigos.

Dentre os materiais mais vendidos e mais catados no lixão, segue a tabela abaixo com os valores por quilo respondidos pelos/as próprios/as catadores/as:

Tabela dos materiais vendidos e seus preços

Material	Valor ao kg
PLÁSTICOS	R\$ 0,35
PAPELÃO	R\$ 0,12
GARRAFAS DE VIDRO	R\$ 3 POR 0,10
ALUMÍNIO	R\$ 1,20
COBRE	R\$ 8,00
FERRO	R\$ 0,10
GARRAFAS DE CACHAÇA 51	R\$ 0,20 UNIDADE
LATINHAS	R\$ 1,20
ANTIMÔNIO	R\$ 0,50

Tabela 01: (Materiais vendidos e seus preços) ⁵⁷.

Na tabela estão listados os materiais mais catados. Os preços listados acima compõem a média do valor de cada. Alguns materiais possuem seu valor por quilo muito baixo, outros possuem valor maior. É o caso do cobre, o mais desejado pelos/as catadores/as, já chegou a custar R\$ 9,00 o quilo. Infelizmente, o cobre é o mais difícil de encontrar e poucos/as catadores/as o/a coletam. Uma catadora me disse que a maioria dos catadores não gosta de catar papelão devido seu baixo valor, ela só cata porque não tem muita gente disputando-o. Por não possuírem - na maior parte dos casos verificados - força igual a dos homens, dificultando a catação dos rebotalhos mais desejados, algumas mulheres podem tirar proveito da falta de interesse deles por catar papelão, tendo acesso quase que exclusivo a esse tipo de material. Além desses materiais, existem outros, como sandálias e chinelos, ossos e madeiras.

O trabalho de catação, as relações entre catadores/as e compradores de

⁵⁷ Os materiais plásticos são os mais vendidos e o cobre é o mais raro no lixão.

lixo, os problemas relacionados aos acidentes, as preferências pelos tipos de lixo revelaram que as relações de trabalho constituem um fator importante para compreensão das práticas cotidianas dessas pessoas. Descrever a forma de trabalho dentro do lixão não é apenas demonstrar como se efetua a atividade, mas expor que por trás da catação existem muitas outras relações como vimos ao decorrer deste capítulo e que focar apenas na catação nos impedirá de visualizar as suas capacidades de formular estratégias para coletar material, negociar com o pouco capital que lhes foram dados, a astúcia ao tentar receber uma quantia melhor no momento da venda do lixo, as obrigações de reciprocidade e os outros tipos de trabalhos dentro do lixão. Tudo isso compõe o ambiente de trabalho no qual os/as catadores/as estão inseridos. A suas vidas dependem desse conjunto de relações sociais, através delas eles/as podem obter, mesmo que pouca, a quantia de dinheiro necessária para suprir tanto necessidades fisiológicas como sociais.

Neste último capítulo a minha intenção foi a de mostrar como o corpo do/a catador/a em contato com o lixo produziu novos tipos de saberes. Vimos as técnicas utilizadas na catação, as negociações e o número elevado de parentes familiarizando o lugar. Ao mesmo tempo em que isso acontece, transformam-se as representações sobre os restos. Os/as catadores/as domesticam o lixo, alcançam outras formas de entender a sujeira criando novas codificações. O espaço é reordenado, pois nele existem as demarcações dos lugares propícios para comer, descansar, trabalhar, defecar, transar, banhar, embriagar-se, etc. Tudo parece indicar que esta resignificação pode contribuir no vislumbre de distintas maneiras de entendimento sobre o lixo e de outras possibilidades de ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei explicitar como a identificação da catadora e do catador de lixo são construídas dentro do lixão em direta relação com o lixo. Ademais, evidenciei a construção de saberes dentro do lixão. Isso pressupõe entender que a categoria vista apenas por meio do marcador de classe social encobre pontos importantes para o entendimento sócio-antropológico deste segmento. Ou seja, as questões que tangenciam o fenômeno da desigualdade ficam incompletas quando o marcador de classe se torna imperativa nas explicações. Como se pôde ver, ser catador e catadora intersecciona marcadores de gênero, geracionais, raciais, físico-geográficos, a sujeira, o fedor e os aprendizados construídos em interação.

Envolve os gêneros, pois como pudemos observar, há hierarquias no momento da catação; algumas mulheres são questionadas por estarem ali naquele lugar. Os gêneros e a geração se imbricam também, visto que as mulheres com idades distintas entendem a estadia no lixão de forma diferente. Assim como os homens também o fazem. Tem mulher jovem que entra no lixão para ser independente, porém que deseja sair um dia. Outra diz que já está velha e se aquilo fechar irá mendigar; existem as mães de famílias que precisam cuidar dos filhos e filhas, e assim por diante.

Implica o marcador físico-geográfico porque os/as catadores/as são condicionados/as a territórios de tolerância, por isso que o lugar deles/as é no lixão e não na cidade desorganizando os nossos sistemas de representação quando estão mexendo no lixo, assim como os animais de rua fazem.

Tem a ver com a raça porque quando se analisa o contexto histórico brasileiro e as consequências da escravidão se entende porque a grande maioria das/dos catadoras/es de lixo é negra/o. A sujeira e o odor são as marcas também simbólicas que incorporam nesses sujeitos. Estas se diferenciam das normas de higiene e desafia as noções de civilidade. Quanto à classe, esta se configura como um grupo de trabalhadores/as com muito pouca qualificação profissional, sendo praticamente todos/as analfabetos/as ou semianalfabetos/as.

Cabe nesse momento final lembrar os pontos chave do trabalho considerando seus objetivos e como eles foram sendo desenvolvidos. O primeiro capítulo ao expor as representações negativas sobre a catação e os problemas existentes para catadores e catadoras nas ruas, lancei mão do conceito de colonialidade do poder de Aníbal Quijano e o utilizei como categoria de análise para

as noções de sujeira e lixo. Os restos, a sujeira e o odor passam a ser articulados pela lógica do padrão de poder colonial. O lixo é percebido como sinal de atraso, morte, incivilidade e degeneração. As práticas discursivas vão engendrar um campo semântico que amplia estes significados e se tornam marcas de diferenciação e hierarquização na sociedade. Por isso, qualquer contato com rebotalhos significa possuir atributos negativos, a pessoa se torna estigmatizada. Aparece, então, a palavra-chave para compreender o capítulo, o corpo. É no corpo que se realizam e se praticam as principais violências, pois é através dele que se constroem as ideias de raças naturais, as relações assimétricas envolvendo os gêneros, o controle da sexualidade e das pulsões e a expropriação e exploração do trabalho. Tudo isso porque o tipo humano ideal se corporifica no homem/branco/heterossexual/cristão. Dessa maneira pude dramatizar o corpo do/a catador/a fora do lixão. Corpo este marcado pelo odor e sujeira que, mesmo tentando escondê-los, não cessam.

É nesta trama que os dois próximos capítulos se desdobram tendo como objetivo ir além de noções binárias relativas ao lixo por meio da constituição de saberes dentro do lixão. O segundo capítulo talvez seja o mais problemático por discutir a possibilidade de escolhas dentro de um leque restrito de alternativas. Veja bem, em momento algum se afirma que meus interlocutores não sofrem com a pobreza, entendendo pobreza nos termos de Amartya Sen que seria a falta de capacidades de possuir direitos políticos e civis, educação, facilidades econômicas, oportunidades sociais e o mínimo de segurança protetora. Essas capacidades conformam o que Sen chama de liberdade substantiva (LOCKS, 2014). Esclarecido esta proposição posso agora dizer o objetivo do capítulo. Se, na medida do possível, existe a escolha de entrar no lixão, como esse acontecimento se desdobrou em cada contexto? É a partir disso que se compreender o fundamento do capítulo dois ao conhecer as estratégias, as trajetórias socioeconômicas e as noções sobre trabalhar e viver do/no lixão. E o presente se dilata. Porque as histórias são visibilizadas, as memórias descompartmentadas e as narrativas analisadas por meio da relação dialógica entre mim e eles/as. Sendo assim, podemos entender que, mesmo querendo sair do lixão, Priscila se iniciou para poder ter independência. Aprendemos também que o tempo de trabalho e a sua lógica dentro do lixão destoa do tipo formal. O produto da atividade da catação não é entendido como expropriado. Não vou alongar as explanações porque estas estão grafadas no próprio capítulo. O fato iniludível é que a utilização de modelos teóricos para realidades distintas da qual foi pensada configura violência. É por isso que para

muitas pessoas chega a ser incabível admitir que catador/a pode ressignificar positivamente o trabalho e a vivência no lixão.

Entramos no último capítulo cientes de que o mundo dessas pessoas é orientado pelo lixo. O odor dos rebotelhos não ofende o olfato porque se acostuma com ele; o alimento é testado pelo olhar assim como pelo nariz; esse mesmo olhar treinado percebe restos valiosos no exato momento em que eles precipitam dos caminhões; o tato passa por treinamentos intensivos possibilitando a catação às escuras. Ou seja, uma corporeidade está sendo produzida dentro do lixão em relação direta com o lixo. E é este corpo e estas relações que nos permitem vislumbrar diversas formas de ser e saber. Esta corporeidade é mais uma dentre várias possíveis.

Finalmente, essa investigação mostra que os/as catadores/as possuem maneiras de representar o lixo que vão além de sistemas binários de representação. Ao exibir as formas de sociabilidades existentes dentro do lixão não há como refutar que este lugar foi territorializado por essas pessoas. Ele está preenchido de codificações e significados que só podem ser entendidos da porta para dentro. O meu contato com as catadoras e os catadores de lixo fez-me perceber a dureza de viver a experiência da pobreza, do preconceito, das violências e da miséria que acomete essas pessoas. Por outro lado, exponho aqui os aprendizados obtidos sobre as relações que envolvem o trabalho da catação; as estratégias cotidianas; a maneira que eles/as enxergam o lixo; e o mais importante, a vontade de viver que é um ato político.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alessandra. **Esquecimento em Santo Amaro da Purificação: Crime ou Maldição?** Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador, 2015.

ANDRADE, Maiza; MORAES Luiz. **Contaminação por chumbo em Santo Amaro desafia décadas de pesquisas e a morosidade do poder público.** Ambiente e Sociedade. São Paulo. P. 63-80, abr-jun. 20013.

ARAGÃO, Milena; FREITAS, Anamaria. **Práticas de castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano.** *Conjectura*, v. 17, n. 2, p. 17-36, maio/ago. 2012

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial.** Revista Brasileira de Ciência Política (Impresso), v. 2, p. 89-117, 2013.

BANCO DE CABO VERDE **O que é a inflação?** Cadernos BCV-Série EducaçãoFinanceira-Nº07/2008

BARROS, Sulivan. **Os Saberes Subalternos e os Direitos Humanos: para a construção de uma nova plataforma de Direitos Humanos.** Série Ceppac, n. 037, Brasília: CEPPAC/UnB, 2012.

BERNARDO, Teresinha. **Memória: suas possibilidades nas Ciências Sociais.** Aurora, 11 : 2011. www.pucsp.br/revistaaurora.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo.** Rio de Janeiro, Graal, 1979.

Brasil. **Situação Social das catadoras e dos catadores de materiais reciclável e reutilizável.** Autores (Ipea) Sandro Pereira Silva; Fernanda Lira Goes; Albino Rodrigues Alvarez. Apoio técnico (Ipea) Lana Torres Barreto; Janaina Carvalho dos Santos; Mariana Fernandes Teixeira. Equipe técnica (MTE) Valmor Schiochet; Gabriela Cavalcanti Cunha. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2013.

Brasil. [Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010]. **Política nacional de resíduos sólidos** [recurso eletrônico]. – 2. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 73 p. – (Série legislação ; n. 81).

BUTLER, Judith. **“Cuerpos que Importan” – Sobre os limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires/Barcelona/México: Paidós, 2002.

CANEVACCI, Massimo. **SINCRÉTIKA: explorações etnográficas sobre artes contemporâneas**. / Tradução Helena Coimbra Meneghelo – São Paulo: Studio Nobel, 2013.

CARDOSO de Melo; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. Em: **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea** / coordenador geral da coleção Fernando A. Novais: organizadora do volume Lilia Moritz Schwarcz. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. - (História da vida privada no Brasil:4).

CARDOSO, Fernando Henrique 1995 — **El pensamiento socioeconómico latinoamericano** em *Nueva Sociedad* (Caracas) Nº 139, setembro-outubro.

ROCHA, Ana. **Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a afloração de símbolos**. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 107-117, jul./set. 1995.

CASTRO-GOMÉZ, Santiago. **Ciências Sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”**. Em: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

CEFAI, Daniel. **Provações corporais: uma etnografia fenomenológica entre moradores de rua de Paris**. *Lua Nova*, São Paulo, 79: 71-110, 2010.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Organização e revisão técnica de José Reginaldo Santos Gonçalves. 3ª edição. Editora UFRJ, 2008.

CONCEIÇÃO, Márcio Magera. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das Cooperativas de reciclagem de lixo /** Márcio Magera Conceição. — Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.

CONNELL, Raewyn. **O Império e a Criação de Uma Ciência Social.** *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 309-336.

COSTA, Wesley. **Os desafios da coleta seletiva e a organização dos catadores de materiais recicláveis em Caetité, Bahia.** Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandro e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro** – 6ª ed. Rio de Janeiro : Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália /** Émile Durkheim ; tradução Paulo Neves. – São Paulo: Martins Fontes, 1996. - (Coleção Tópicos).

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo.** Em: : *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.* Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

EIGENHEER, E. M. **História do lixo.** Rio de Janeiro: ELS2 Comunicação, 2009. v. 1. 144p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador /** Norbert Elias; tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação, Renato Janine Ribeiro. v.1 -2.ed. -Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd., 1994.

EMERSON, Robert M.; FRETZ, Rachel I.; SHAW, Linda L. **Notas de Campo na Pesquisa Etnográfica.** Revista Tendências: Caderno de Ciências Sociais. Nº 7, 2013 ISSN: 1677-9460.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Tradução de Ana Paula Siqueira. Cadernos de campo n. 13: 155-161, 2005.

FERREIRA, Simone. **Os “catadores de lixo” na construção de uma nova cultura: a de separar o lixo e da consciência ambiental**. Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar. Quadrimestral – Nº 07 – Ago/Set/Out/Nov – Maringá – Paraná –Brasil – ISSN 1519.6178.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares/** Claudia Fonseca. -2.ed. -Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOSSÁ, Maria I. T; SAAD, Denise. **As representações sociais construídas pelos catadores de materiais recicláveis**. XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro de 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2** – O uso dos prazeres. 10ª edição. Rio de Janeiro. Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3** – O cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José Augusto Guilhaon Albuquerque. 8ª edição, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 20ª edição, Petrópolos, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991. -(Biblioteca básica).

GONÇALVES, et al. **A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, Go**. Ano 29, Vol 2, 2003.

GOFFMAN, Erving, **Estigma**, Rio da Janeiro, Zahar, 1980.

GROSFOGUEL, Ramon. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 80, março de 2008.

GROSSI, G, **O Luxo do Lixo: uma etnografia dos catadores de lixo**, 1. ed. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2003, v. 1. 180p.

HERNANDEZ, Andrea; RABINOVICI, Andrea. **Influência das ações socioambientais da empresa Natura sobre suas consultoras em Sorocaba (SP)**. *Revista brasileira de educação ambiental*, São Paulo, V. 10, Nº 2: 36-57, 2015.

INGOLD, Tim. **Antropologia não é etnografia**. Tradução e revisão para a língua portuguesa brasileira feita por Caio Fernando Flores Coelho e Rodrigo Ciconet Dornelles, de acordo com texto original publicado em: INGOLD, Tim. Epilogue: “Anthropology is *not* Ethnography.” In: _____. *Being Alive*. Routledge: London and New York, 2011. pp. 229-243.

IZAIAS, Fabiana. **NA ROTA DO LIXO: percursos de vida e trabalho de catadores do complexo de tratamento de resíduos sólidos do Jangurussu**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, elaborada sob orientação da Profa. Dra. Léa Carvalho Rodrigues, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia. Fortaleza, 2010.

JODELET, Denise (org). **Representações Sociais**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2001, p. 17-44.

LANDER, Edgardo. **Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêtricos**. Em: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

LIMA, Jacqueline; RIBEIRO, Obertal. **Lixo e Cidadania: novas relações são possíveis**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. ISSN- 1678-3182. Volume VIII. Número XXXII. Jan-Mar 2010.

LOCKS, P.. **Liberdade e Justiça em Amartya Sen**. In: 2º Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades, 2014, Brasília. Anais do II Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades, 2014.

LOPES, Maycon. **Pagode e perigo: discutindo contendas de gênero na Bahia**. Campos 15(1):97-118, 2014.

MACIEL, Maria E. **Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 16, p. 145-156, dezembro de 2001.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo v. 26/27, 1990/1991. P. 149-158.

MAUSS, M, **As técnicas corporais**. In *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: EDUSP. 1974.

MAYER, Adrian. A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos/** Bela Feldman-Bianco (org) – São Paulo: Editora UNESP, 2010. 524Pp.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. © Ediciones del Signo. 2010.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo, Annablume Editora, 2012.

MORENO, Alejandro. **Superar a exclusão, conquistar a equidade: reformas, políticas e capacidades no âmbito social**. Em: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Edgardo Lander

(org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

PEIXOTO, Clarice. **A antropologia visual no Brasil**. *Cadernos de Antropologia e Imagem* n. 1, 1995, p. 75-80.

PINHEL, Júlio. **Do lixo à cidadania: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis**. Organizado por Júlio Ruffin Pinhel; ilustrado por Luciano Irrthum. – São Paulo: Peirópolis, 2013.

PONTE, Vanderlúcia. **Análise antropológica da socialização das crianças no contexto social das famílias no trajeto do lixo no Aurá**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção de grau de mestre em Ciências Sociais (Antropologia), Belém, 2016.

Projeto Executivo do Aterro Sanitário de Santo Amaro da Purificação – BA, CONDER (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia) e a EPAL (Engenheiros Associados LTDA), Salvador, 1999.

QUIJANO, Aníbal “**Colonialidad del poder y clasificacion social**”. *Journal of World-systems Research*. Special Issue: Festchrift for Immanuel Wallerstein. vi /2, pp. 342-386. 2000.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Tradução João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Gradiva – publicações. 4ª edição: Outubro de 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **Higiene e ilusão: o lixo como invento social** – Rio de Janeiro: NAU, 1995. 112p

SANTOS, Boaventura de Sousa, 1940- **Renovar a teoria critica e reinventar a emancipação social** /Boaventura de Sousa Santos ; tradução Mouzar Benedito. - São Paulo : Boitempo, 2007.

SARTI, Cynthia. **Contribuições da antropologia para o estudo da família.** Psicologia USP, S. Paulo, 3 (1/2), p. 69 – 76, 1992.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da **Teoria cultural e educação — um vocabulário crítico /** Tomaz Tadeu da Silva. --- Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

SOSNISKI, C, **Repensando fronteiras entre o lixo e o corpo: estudo etnográfico sobre o cotidiano de Recicladores, Catadores e Carroceiros na Ilha Grande dos Marinheiros.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia, Porto Alegre, 2006.

SOUZA, J. Amilton de. **Catadores de lixo: narrativas de vida, políticas públicas e meio ambiente.** Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

SOUZA, Ricardo Abussafy de; FRANÇA, Sonia Aparecida Moreira (2013). **O lixo como objeto do governo das condutas.** Revista Ecopolítica, São Paulo, n. 7, set-dez, pp. 2-32.

TEMPLE, Giovana. **Acontecimentos, poder e resistência em Michel Foucault.** Cruz das Almas/BA : UFRB, 2013.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **O manifesto do Corpo.** Revista Manifesto, 5: 17-35. 2004.

VELLOSO, Marta. **Os restos na história: percepções sobre resíduos.** Ciência e Saúde Coletiva, 13 (6): 1953-1964, 2008.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual.** Em: SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

ANEXO 1:

QUESTIONÁRIO

Entrevistador: **Franz Arnaldo**

1 DADOS BIOGRAFICOS

N _____

Nome e Sobrenome: Apelido: Sexo: Cor: Estado civil: Religião:

Idade: Escolaridade: Profissão:

Endereço:

2. COMPOSIÇÃO NUCLEO FAMILIAR

2.1 O senhor@ tem quantos filhos?

PARENTESCO	IDADE	ESCOLARIDADE	ATIVIDADE
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			

3. TRABALHO

3.1 Ha quanto tempo trabalha no Aterro?

3.2 Como iniciou a trabalhar na coleta de lixo?

3.3 Lembra da primeira vez que entrou no lixo?

3.4 Tinha quantos anos?

3.5 Alguém o orientou ? sim () não () Quem: Cunhada

3.6 Quais dias da semana o senhor@ trabalha?

3.7 Quantas horas por dia o senhor@ trabalha?

3.8 A que horas chega e a que horas sai do aterro?

3.9 Quais são os materiais que o senhor@ coleta ?

MATERIAL	Quantidade que coleta por dia	Valor ao KG
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		

3.10Têm algum material coletado que o/a senhor/a utiliza?

3.11 O que mais incomoda o/a senhor/a no trabalho de coleta?

3.12 Do que mais gosta neste trabalho de coleta?

3.14 O/A senhor/a ganha quanto por quinzena?

3.14 O/A senhor/a já trabalhou de carteira assinada? Sim () não () Como?

4. BENEFÍCIOS

4.1 O/A senhor/a recebe algum benefício? () Bolsa Família () Benefício de prestação continuada () aposentadoria () Outros_____ () nenhum

5. DROGAS

5.1 O pessoal encontra algum tipo de droga no aterro? () Sim () Não se sim quais?

6. SAÚDE

6.1 O/A senhor/a já sofreu algum tipo de acidente enquanto trabalhava aqui?

6.2 O/A senhor/a já contraiu alguma doença enquanto trabalhava aqui?